

*Revista*  
**APROXIMAÇÃO**

Educação, Tecnologia e Sociedade

ISSN: 2675-228X



**05**

*Dossiê*  
**EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

VOLUME 02 - NÚMERO 05 - OUT/NOV/DEZ 2020



## SUMÁRIO

### DOSSIÊ

#### **ALFABETIZAÇÃO POR MEIO VIRTUAL: ALICE NO MUNDO DA PANDEMIA 07**

*Rejane Maria de Almeida Amorim*

*Arlene de Paula Lopes Amaral*

#### **CONTEXTUALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA 20**

*Flavio Borges Nascimento*

#### **PANDEMIA E O REGIME ESPECIAL DE AULAS NÃO PRESENCIAIS: ANALISANDO O MODELO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS – SEDUC 33**

*Jane Alves Cardoso*

#### **GESTÃO ESCOLAR, PLANEJAMENTO E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: PRÁTICAS E CONCEPÇÕES 46**

*Jucenilton Alves dos Santos*

#### **PODCAST COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO REMOTO 56**

*Ilena da Aparecida Oliveira*

*Sabrina Aparecida de Oliveira*

*Saulo Rodrigues de Carvalho*

#### **PARADIGMAS DE ENSINO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ANOS INICIAIS DO EF EM DEBATE 65**

*Sheila Fabiana de Pontes Casado*

#### **OPORTUNIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA (ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO) EM TEMPOS DE PANDEMIA 76**

*Patrícia Jerônimo Sobrinho*

### ENTREVISTA

#### **EDUCAÇÃO HÍBRIDA COMO MOTOR CONTRA A PANDEMIA 87 ENTREVISTA COM VALENTINA CANESE**

## QUEM SOMOS

### EDITORES

Ernando Brito Gonçalves Júnior  
Marcio Fernandes  
Maria Aparecida Crissi Knuppel  
Scheyla Joanne Horst

### ORGANIZAÇÃO DO DOSSIÊ

Ernando Brito Gonçalves Junior  
Vanessa Elizabete Raue Rodrigues

### PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E NORMATIZAÇÃO

João Angelo Pires da Silva

### FOTOGRAFIA

August de Richelieu/Pexels

### COMITÊ CIENTÍFICO

Carlos Rinaldi	UFMT	Brasil
Carlos Williams Jaques Morais	UEPG	Brasil
Danyelle Stringari	Unespar	Brasil
Estela Miranda	UNC	Argentina
Ferenc Pal	Elte	Hungria
Francisco Sanchez Lopez	USal	Espanha
Ilka Ribeiro de Souza Serra	UEMA	Brasil
Jamile Santinello	Unicentro	Brasil
Jorge Kulemeyer	UNJu	Argentina
Klaus Schlünzen Jr	Unesp	Brasil
Laurete Ruaro	Unicentro	Brasil
Lourdes Chaparro	UNE	Paraguai
Lucrécia Sotelo	UNPA	Argentina
Maria Aparecida Crissi Knuppel	Unicentro	Brasil
Maria Luísa Furlan Costa	UEM	Brasil
Sandra Polon	Unicentro	Brasil
Soreya Reyez	EducaTech	México
Yeldy Rodríguez	UniMinuto	Colômbia

### ENDEREÇO POSTAL

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)  
Núcleo de Educação a Distância (Nead)  
Rua Padre Salvatore Renna, 875, Bairro Santa Cruz  
CEP: 85015-430  
Guarapuava, Paraná, Brasil

### CONTATO

+55 42 3621-1364  
aproximacao@unicentro.br  
revistas.unicentro.br/index.php/aproximacao

## **APRESENTAÇÃO**

Nos meses finais de 2019 e durante o ano de 2020 o mundo foi tomado de assalto por uma pandemia. Uma situação global impactante, pela qual todos os setores da sociedade foram afetados profundamente. Nesse cenário, a educação não passou à margem, sofrendo um processo de adaptação e reestruturação.

A condição de isolamento social, gerada pelos altos e rápidos níveis de transmissão da doença Covid-19, levou o Ministério da Educação a publicar, em 17 de março, a portaria nº 343/20, autorizando as instituições federais a substituir as disciplinas presenciais por aulas que utilizassem meios digitais e tecnologias de informação e comunicação. No estado do Paraná, o decreto nº 4.258/20 estabeleceu a suspensão das aulas presenciais em todas as escolas públicas e privadas e em universidades públicas do Estado, optando pela mesma alternativa de recursos midiáticos.

Dessa forma, professores, professoras, educadores e educadoras sociais, se depararam com a necessidade de enfrentar uma nova forma de ensino e de intervenção que, deveras, não estavam acostumados e/ou sequer conheciam. Logo, diversas atividades, ferramentas e propostas educacionais foram colocadas em prática para tentar superar esse novo desafio, imposto por um surto com prazo indeterminado para terminar.

A partir desse quadro, a quinta edição da Revista Científica Aproximação sobre Educação, Tecnologia e Sociedade procurou trazer algumas experiências, relatos e discussões de profissionais da educação que buscaram superar as inúmeras dificuldades para manter a qualidade no atendimento, em um momento tão calamitoso para sociedade. Assim, nosso objetivo é expandir e divulgar experiências, as quais podem ser utilizadas, adaptadas e ressignificadas nos diferentes contextos.

Por fim, esperamos que essa edição possa contribuir com a prática educativa, não apenas nesse momento de pandemia, mas nas superações das diferentes dificuldades que se apresentam ao longo da construção da práxis transformadora nos espaços formais e não formais da educação.

**BOA LEITURA E ATÉ A PRÓXIMA APROXIMAÇÃO!**

**Dr. Ernando Brito Gonçalves Junior e Dra. Vanessa Elizabete Raue Rodrigues**



**DOSSIÉ**

# ALFABETIZAÇÃO POR MEIO VIRTUAL: ALICE NO MUNDO DA PANDEMIA

*Rejane Maria de Almeida Amorim<sup>1</sup>*

*Arlene de Paula Lopes Amaral<sup>2</sup>*

## RESUMO

O artigo analisa os desafios e potencialidades da mediação familiar no ensino da leitura e da escrita de crianças, nas aulas realizadas em casa por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), durante a pandemia. A pesquisa, de cunho qualitativo, analisa o processo de alfabetização de duas meninas de seis anos, expostas a diferentes propostas em escolas e cidades distintas, que conseguiram se adaptar com êxito a um modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE), utilizando as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) impostas pela crise sanitária da Covid-19. Os registros sistemáticos da experiência de duas famílias, possibilitou a construção deste estudo. Buscamos suporte teórico em Vygotski (1998) especialmente para abordar a mediação a partir de instrumentos, sujeitos e uns com os outros. Colabora com nossas análises a produção de Rojas (2018), que aborda os vínculos no mundo digital. As três categorias que emergiram do estudo dos relatos são: a) Ultrapassando os limites: quando o vínculo se faz por meio virtual; b) Potencialidades do modelo e desafios para os responsáveis; c) Lições de um tempo que todos precisaram romper com modelos conhecidos.

**Palavras Chaves:** Leitura, Escrita, Crianças, Tecnologias digitais, Pandemia.

## ABSTRACT

The article analyzes the challenges and potential of family mediation in the teaching of reading and writing to children, in classes held at home through the Virtual Learning Environment (VLE), during the pandemic. The research, of a qualitative nature, analyzes the literacy process of two six-year-old girls, exposed to different proposals in different schools and cities, which managed to successfully adapt to an Emergency Remote Education (ERE) model, using new technologies of information and communication (NTIC) imposed by the health crisis of Covid-19. The systematic records of the experience of two families, enabled the construction of this study. We seek theoretical support in Vygotski (1998) especially to approach mediation from instruments, subjects and with each other. Collaborates with our analyzes the production of Rojas (2018) that addresses the bonds in the digital world. The three categories that emerged from the study of the reports are: a) Going beyond the limits: when the link is made through virtual means; b) Potential of the model and challenges for those responsible; c) Lessons from a time that everyone needed to break with known models.

**Keywords:** Reading, Writing, Children, Digital technologies, Pandemic.

<sup>1</sup> Doutorado na PUC/SP em Educação: Psicologia da Educação, Professora Associada do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: rejane\_almeida@hotmail.com - <http://orcid.org/0000-0003-3683-4026>

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pelo PPGE/UFRJ, Mestre em Educação PPGE/UFRJ. Coordenadora Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Viçosa – MG. [arlenedepaula@yahoo.com.br](mailto:arlenedepaula@yahoo.com.br) - <http://orcid.org/0000-0002-2982-3663>

## INTRODUÇÃO

Desde março de 2020, as escolas, professores, famílias e estudantes foram inseridos em uma nova realidade. Com o desencadeamento da pandemia da Covid-19, foi necessário que as escolas ficassem fechadas e o que, inicialmente, parecia ser algo rápido foi se prolongando e se tornando um desafio para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, em especial, para as turmas de alfabetização como destacaremos nesse estudo.

Sabemos que esse período nos coloca frente às questões do aumento das desigualdades. O fechamento total de escolas e universidades em 102 países e o fechamento parcial em outros 11, somando mais de 850 milhões de crianças e adolescentes sem aulas devido à pandemia de coronavírus (UNESCO: março de 2020), nos dão a dimensão do quão difícil está o enfrentamento dessa nova realidade. Impossível fechar os olhos para essa situação, e difícil pensar na dimensão de exclusão que está sendo aumentando por essa pandemia, como destaca Boaventura (2020), vivemos uma quarentena dentro de outra quarentena da exclusão. Ponderamos que as realidades distintas tomam decisões e desenvolvem meios de driblar a crise de acordo com os meios que têm a sua disposição, muitos com o auxílio de organizações, mas sabemos que nem sempre são suficientes.

Para esse artigo, trazemos um recorte que se constitui de experiências promissoras desenvolvidas durante a pandemia da Covid-19, que se deram com duas meninas de escolas particulares, que acenam para possibilidades distintas da continuação dos usos NTIC para o ensino regular e presencial.

Os registros sistemáticos da experiência de duas famílias possibilitou a construção deste estudo, que pretende socializar como se deu a prática das escolas e a resposta das estudantes frente aos novos desafios. Buscamos suporte teórico em Vygotsky (1998) especialmente para abordar a mediação a partir de instrumentos, sujeitos e uns com os outros. Colabora com nossas análises a produção de Rojas (2018) que aborda os vínculos no mundo digital.

A pesquisa de cunho qualitativo seguiu um percurso que privilegiou os relatos, com destaque para os esforços da família, a escuta, o tempo, a construção coletiva dessa nova normalidade que não aconteceu facilmente. As três categorias que emergiram do estudo dos relatos sobre as quais recaem nossas análises, são as seguintes: a) ultrapassando os limites: quando o vínculo se faz por meio virtual; b) potencialidades do modelo e desafios para os responsáveis; c) lições de um tempo que todos precisaram romper com modelos conhecidos.

Logo no início da pandemia, a escola e as famílias perceberam a necessidade de se reinventarem e de criarem novas estratégias de ensino, cada um a partir de suas concepções, estrutura disponível e seus métodos. Observamos que algumas escolas e famílias têm um formato de tempo/aula e didáticas semelhantes, já outras têm isso de forma bem discrepante. No caso das experiências aqui analisadas, ambas chamadas de Alice, podemos considerar que elas dialogam, porém, cada uma com suas especificidades.

Como no clássico, Alice no País das Maravilhas, em que uma menina guiada pela curiosidade se vê mudando de cenário rapidamente, as meninas sujeitos desse estudo mu-



daram completamente suas rotinas e modos de se relacionar e foram para um mundo um pouco mais conhecido que o mundo da Alice do clássico, mesmo assim bastante desafiador, por vezes sombrio e inseguro, numa jornada que ainda não acabou.

A experiência de ensino remoto emergencial - ERE em uma escola particular mineira, interiorana, foi, inicialmente, proposta com a finalidade de manter o vínculo da escola com as crianças. Os professores do primeiro ano do Ensino Fundamental gravavam vídeos-aulas e as enviavam para os alunos semanalmente, postadas na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Essas aulas eram acompanhadas de atividades em folhas de texto que o aluno realizava em casa, sem a necessidade de retorno ao professor. Nesse período também, a escola solicitou e disponibilizou aos pais a retirada do material didático, livros e cadernos que estavam na escola.

No entanto, com o passar do tempo, esta metodologia foi alterada, após um mês de paralisação das aulas presenciais, todos os estudantes da classe começaram a assistir aulas diárias, síncronas via plataforma *Microsoft Teams*, utilizando de videoconferências, em um ambiente digital estruturado, com aulas previamente programadas, e realização de avaliações dentro desse próprio ambiente. Desse modo, os estudantes passaram a ter três aulas síncronas todos os dias, no período da tarde em horários previamente programados, possuindo duração de quarenta minutos para cada aula e intervalo de dez a vinte minutos entre elas. A cada quarenta minutos muda-se o professor e alterna-se a programação de horários com as aulas de português, matemática, história, geografia, ciências, inglês, artes, e de educação física. Essas aulas, também são gravadas e ficam disponíveis na plataforma *Microsoft Teams* para atender as crianças que, por ventura, não conseguem participar da aula síncrona.

Nesse Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA é disponibilizado um plano semanal para que as famílias possam acompanhar e organizar o material do dia. A escola também se utiliza de uma ferramenta de comunicação digital com os pais que já se encontravam em operação antes da pandemia da Covid-19. Uma plataforma digital da própria rede de educação, que permite o diálogo com os professores, coordenadores e área administrativa da escola, além de postagem de atividades diversas e divulgação dos resultados das avaliações periódicas dos alunos. Essa ferramenta é interligada ao e-mail dos pais, com possibilidade de acesso via computador ou celular.

As atividades periódicas a serem realizadas fora do horário das aulas continuaram sendo enviadas via arquivo de texto aos e-mails dos pais através da plataforma digital da própria rede de educação, enquanto o professor passou a utilizar os livros didáticos durante a condução das aulas síncronas. Assim, as respostas das atividades são realizadas nos cadernos e livros didáticos. Sendo que algumas dessas, especificamente programadas, é realizado retorno ao professor via e-mail em formato foto, toda vez que solicita. Também ocorrem correções dessas atividades durante as aulas síncronas.

Nesse formato de aula remota são desenvolvidos projetos e avaliações em diferentes formatos. Uma das avaliações é realizada na plataforma digital *Microsoft Teams* em formato de um jogo, no qual são apresentadas atividades para as crianças, as quais necessitam responder através de opções objetivas. Além de um portfólio digital, que está sendo construído com as atividades que atestem às aprendizagens mais significativas ao longo bimestre letivo. Segundo a professora, esse material conta a história do percurso de

aprendizagem das crianças e serve para acompanhar o progresso do trabalho e fazer os ajustes necessários.

A escola buscou seguir o seu calendário normal, e cumprir o conteúdo anteriormente programado. As crianças tiveram férias, recessos, com alterações ao calendário escolar, de forma a se ajustar ao período de um mês que permaneceu de forma menos estruturada. Percebeu-se que a proposta de organização na pandemia, adotada pela escola, buscou transformar o ambiente doméstico, durante as aulas síncronas, especialmente, no ambiente mais próximo possível ao que se dava na sala de aula, antes da pandemia da Covid-19.

Passemos ao breve relato do caso da escola localizada na capital carioca. Nessa escola os estudantes acompanham as aulas em um *Padlet*<sup>3</sup>, criando pela professora para colaborar com a organização e com a autonomia dos estudantes em um AVA. Na figura 1 vemos o formato do *Padlet*, cada coluna se refere a uma disciplina e também questões que são destaque para pais e estudantes como: plano semanal de aula online, compartilhamento de fotos, vídeos de atividades dos alunos, quadro para questionamentos, poesia da semana, histórias sugeridas, jogos online, leituras oferecidas e etc.

A escola mantém uma plataforma Pronode que sempre foi usada como meio de comunicação e postagem de avaliações pela escola. Essa plataforma continua ativa e sendo usada pela maioria dos estudantes maiores, mas a opção pelo *Padlet* foi muito bem-vinda, pois facilitou o acesso, já que não possui senha para entrar e além disso, visualmente contribui para que os estudantes busquem a aula do dia pela data que a professora vai fazendo a postagem.

Já na segunda semana de pandemia tudo estava implantado e funcionando. No último dia de aula presencial, os estudantes trouxeram para casa todo material didático usado na escola (cadernos, livros, diários, fichas, etc).

As aulas síncronas realizadas via plataforma *Zoom Meeting*<sup>4</sup> começaram uma vez por semana, depois passaram para duas vezes e logo a seguir passaram para 3 aulas de 40 minutos cada; sendo uma de português, uma de matemática e outra de francês (no caso o idioma oficial da escola). Para essas aulas os estudantes são divididos em grupos de 5 em francês, 8 em português. Após as férias de julho introduziram uma aula síncrona de esportes também, que tem durado meia hora, com toda classe reunida.

A organização das outras disciplinas como, Música e Conhecendo o Mundo são postadas no *Padlet*. Algumas vezes a professora faz parte das aulas síncronas sobre as temáticas do Conhecendo o Mundo, como foi o caso do acompanhamento do plantio de uma batata doce, pois as temáticas caminham junto com as outras disciplinas. Diariamente são postados vídeos da professora em diversos formatos, *podcasts* com explicações detalhadas de atividades dos livros e de outras propostas de projetos que realizam. Recursos Educacionais Abertos (REAs) estão sempre presentes e são indiscutivelmente os mais

3 ○ Padlet é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e compartilhar conteúdos multimídia. Funciona como uma folha de papel, onde se pode inserir qualquer tipo de conteúdo (texto, imagens, vídeo, hiperlinks) juntamente com outras pessoas. Com a mesma conta pode-se criar vários murais. O site pode ser acessado em <https://pt-br.padlet.com/>.

4 ○ Zoom Meetings é uma ferramenta de videoconferência voltada para ambientes corporativos que suporta reuniões com até 500 participantes e 10 mil expectadores no modo webinar. Muito utilizada no meio empresarial, a solução se destaca pela estabilidade da conexão em qualquer dispositivo, hoje tem sido largamente utilizada pelas escolas de todo o mundo para realizar suas aulas síncronas.

bem-vindos. São aulas de outros professores, contação de histórias, anedotas, músicas, apresentações teatrais, aulas de yoga, atividades artísticas, tutoriais de atividades das mais diversas ordens. A opção de vídeos em que a professora aparece no canto inferior direito da tela é o mais usual, tanto pela professora regente como pela professora de Português. Tudo muito dosado e dentro do contexto.

As atividades realizadas são enviadas para o e-mail da professora em formato foto, toda vez que solicita. Também realizaram sondagens individuais via plataforma *Zoom*. Recebemos livros digitais toda semana, os estudantes dispõem de dois Aplicativos que foram assinados pela escola, o *Lalilo*, que é composto apenas por jogos para o aprendizado do Francês e uma plataforma de leitura, chamada *Rallye lecture*. Nessa plataforma os estudantes leem livros interativos e respondem a um *quiz* sobre o tema. Ambos são bem aceitos pelas crianças, em especial o *Lalilo*. A escola seguiu seu calendário normal, tiveram férias, recessos, tudo conforme constava no calendário. A forma dinâmica de organização na pandemia se espelhou em escolas da mesma rede localizadas em países que já estavam vivenciando a pandemia a mais tempo.

São poucas as aulas síncronas, mas muito importantes. A professora sempre propõe jogos, atividades lúdicas e aos poucos percebemos o quanto esse processo foi sendo compreendido pelas crianças, professores e pais. A escola seguiu um percurso bem organizado e com propostas bem distintas do que seria uma aula na escola. Também nessas aulas não se faz a mesma coisa que está proposta no *Padlet*, elas possuem outras estratégias para fortalecer um conteúdo e estabelecer um diálogo com as crianças

Em música e artes os estudantes produziram em conjunto um vídeo em que todos cantam uma ciranda, foi um momento interessante de aprender a gravar e organizar um trabalho coletivo remotamente. Além disso, recebem semanalmente vídeos com propostas dentro da área e dos temas tratados.



Figura 1 – exemplo de um Padlet (Fonte: <https://pt-br.padlet.com>)

## EMBASAMENTO TEÓRICO

Conforme alerta Demo (2011), a construção do conhecimento científico organiza-se numa multiplicidade, sempre desafiada a elaborar modos de leituras sobre a realidade, envolvendo ideologias, metodologias, interações dialógicas entre sujeitos, contextos e pesquisadores, além de concepções sociopolíticas e históricas. Partindo desse ponto de vista, o Relato de Experiência ganha força como uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e pro-

duções subjetivas, como é o caso da educação. Tomamos esse método, amparadas pelas teorizações advindas da psicologia sócio-histórica (VYGOTSKY, 1998).

Os Relatos de Experiência que elaboramos constituem-se de rico material que de forma ininterrupta acompanhou os movimentos de compreensão do novo cenário, estratégias práticas das crianças de se adaptar ao novo e as pistas do que funcionava ou não em determinados contextos. Apreendemos do real a inteireza do fenômeno, uma vez que durante todo o tempo da mudança de realidade tudo se passou em um mesmo espaço de convivência e com a mediação da professora, dos recursos tecnológicos e da família. Nunca antes conseguimos assistir a tantas aulas como nesse período, nem perceber as reações das crianças em tempo integral.

O destaque para a teoria da dupla formação das funções psicológicas superiores, a internalização, compreendida por nós como a configuração do meio pelos sujeitos, a mediação e a zona de desenvolvimento proximal, são pilares teóricos Vygotskianos para compreendermos o processo de adaptação e aprendizagem das crianças.

As funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 1998) compreendem a consciência, a intenção e o planejamento, dizem respeito ao estabelecimento das relações sociais que aparecem, primeiramente sob a forma de processos intermentais, ou interpessoais, que significa que o conhecimento se dá entre os sujeitos, num contexto externo para depois passar para processos intramentais ou individuais. É no social para o individual que o homem se constitui, de fora para dentro, o que significa dizer que o homem tem características próprias, mas necessita da experiência do outro para viver melhor. Já para o entendimento do processo de internalização, compreende-se que a aprendizagem se dá mediante a reconstrução interna de uma operação externa, ou seja, quando o sujeito consegue reconstruir um conhecimento existente, resultado dos processos interpsicológico e intrapsicológico, em que configura o meio, encontra estratégias internas de apreender o externo.

Esses processos cognitivos se amparam na categoria mediação, enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações. Pino ressaltava que Vygotsky não atribuiu “uma definição única, unificada” à mediação (1991, p.179), diferentes significados surgiram ao longo do processo de sua escrita. Baseados em Vygotsky, Pino (1991) e Oliveira (2010) ressaltam que a mediação é uma intervenção de um elemento intermediário em uma determinada relação, de modo que essa relação não é direta, mas mediada por um terceiro elemento.

Por último, destacamos o conceito da zona de desenvolvimento proximal, como um dos níveis de desenvolvimento pelo qual a criança passa no processo de aquisição do conhecimento e que serve para indicar o nível de desenvolvimento em que se deve intervir para que a criança avance e aprenda o conhecimento em potencial. Para Vygotsky (1998) a capacidade de a criança realizar tarefas sozinha representa o nível de desenvolvimento real, resultado de processos maduros. Neste nível, a criança já tem consolidado o conhecimento. Já o nível de desenvolvimento potencial, significa o conhecimento que está por vir, aquele que pode se tornar real, e que foi detectado na zona de desenvolvimento proximal. Representa o conhecimento que pode ser alcançado com a ajuda do outro, de um colega, pais, professores, ou mesmo, por qualquer objeto sócio-cultural. Portanto, os esquemas

cognitivos ou comportamentais nas variadas situações de aprendizagem são únicos desenvolvidos por meio da mediação do próprio sujeito em relação ao objeto de conhecimento.

## ANÁLISE DAS CATEGORIAS

Dentro dos limites que se interpõem nesse artigo, analisaremos as três categorias que, partindo dos pressupostos teóricos já destacados e em conjunto com referenciais que apoiem cada elemento distinto revelado no processo, poderão responder ao nosso recorte para essa pesquisa, que tem como objetivo analisar os desafios e potencialidades da mediação familiar no ensino da leitura e da escrita de crianças, nas aulas realizadas em casa por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), durante a pandemia.

## ULTRAPASSANDO OS LIMITES: QUANDO O VÍNCULO SE FAZ POR MEIO VIRTUAL

A adaptação ao ERE tem sido incorporado em nossas vidas. No caso das crianças que estão no processo de alfabetização, os desafios são muitos, principalmente no que diz respeito ao vínculo afetivo entre aluno e professor que é tão importante nessa etapa de ensino. Será que em uma plataforma digital esse vínculo acontece? No nosso contexto de ensino, podemos dizer que sim. Com sensibilidade, as crianças percebem esse vínculo sem a necessária presença física, porque gostam dos professores e da escola. Esse sentir-se parte do ambiente escolar faz com que o aprendizado aconteça de forma muito mais natural e gradual. Conforme destaca Rojas (2018),

Las tecnologías se enlazan en una compleja trama sociocultural que va construyendo, en cada época, subjetividades y vínculos. Ellas, las tecnologías, en su diversidad, son producidas y a la vez producen lo humano. No hay antes y después, ni uno sin otro. En la actualidad, el mundo digital constituye un universo de producción subjetiva y vincular, que da lugar a lazos y configuraciones subjetivas difícilmente atrapables en conceptos previos. (ROJAS, 2018, p.6)

Percebemos que quanto maior o vínculo com o professor ou conteúdo apresentado, maior era o interesse em ver e rever muitas vezes o material que foi enviado. No caso das aulas de música e esportes que por si já são espaços de ludicidade e toque, percebemos no caso da escola carioca, o quanto os vídeos preparados pelas professoras fizeram parte do cotidiano da casa. Muitas vezes, sendo enviados para avós e amigos próximos para socializar o que julgou lindo e de grande significado.

Nessa nova perspectiva de ensino, é fundamental desenvolver um trabalho de proximidade entre escola e aluno, criar um vínculo horizontal no qual seja possível construir uma relação com o saber. De acordo com Charlot (2002), o saber é uma forma de representação de uma atividade, de relações do sujeito com o mundo, com ele mesmo e com outros. Assim, a escola precisou levar em consideração que os processos que levam o sujeito a adotar uma relação com o saber *versus* conteúdos escolares são as estratégias pedagógicas adotadas pela escola para que os alunos percebam sentidos nas situações escolares e consigam se apropriar do conhecimento.

Podemos citar vários momentos específicos que isso aconteceu, embora essas nuances são mais presentes nos alunos e professores que conviveram diretamente. O espaço na AVA para mostrar as produções, a socialização dos vídeos das crianças, o espaço para contar como estava sua quarentena, as sugestões de atividades para realizar com os pais,

são alguns dos exemplos que podemos citar como boas práticas adotadas pela escola.

Com referência à educação presencial, igualmente válida para as aulas remotas, Libâneo (1991) afirma que as formas adequadas de comunicação contribuem de maneira desejável para a interação professor/aluno. Essa comunicação significa desenvolver uma didática que tenha sentido para o aluno, provocar-lhe entusiasmo para a sua realização e criar-lhe oportunidades para o fortalecimento de habilidades sociais.

Um destaque que fazemos para essa categoria, que reúne nossos Relatos de Experiência mais emocionados, no sentido de nos afetar com algo, está o compartilhamento entre as crianças de seu ambiente familiar. As crianças mostravam seus quartos, animais de estimação, plantas e objetos que para elas eram motivo de alegria compartilhar. Nesse ponto podemos destacar o quanto as aulas síncronas revelam uma outra maneira de estabelecer vínculos. Ao passo que pensávamos que seria algo frio, se tornou algo novo e dinâmico.

O aluno necessita se sentir atraído e, no caso do meio virtual, ainda desconhecido por muitos, em que não há uma relação face a face, as ações precisam promover contínua construção e reconstrução do saber. Nesse ambiente, é fundamental que a criança perceba que o professor se relaciona com ela, mesmo que de uma forma diferente da interação estabelecida no modo presencial, em especial porque nem sempre seus corpos podem ser visualizados completamente, o que interfere na leitura completa de como a criança se sente e ocupa o seu espaço.

Para que isso aconteça, o professor tem um papel central para construir uma didática capaz de envolver o estudante, de desafiar para que se sinta confortável em apreender. Conforme a teoria Vygotskiana é através da mediação conquistada por meio de instrumentos e signos que se dá a internalização de atividades e comportamentos sócio-históricos e culturais. Dessa forma, os professores, tiveram um tempo muito curto, para construir novos métodos e ferramentas para alcançar cada um dos seus alunos de forma particular em um meio digital. Certamente, quando o professor considerar as particularidades de cada aluno e o nível de aprendizado que este se encontra, procurando incentivá-lo a novos desafios, teremos uma aprendizagem expressiva. Esse exercício faz parte do ofício de ser professor, tanto no ensino presencial, quanto no ensino remoto para o qual as estratégias de ensino precisam ser mais cuidadosas.

Como exemplo de como tal processo acontecia no cotidiano das aulas, podemos citar ao menos duas atividades da escola mineira. Primeiramente observou-se a atividade que a professora dizia uma letra do alfabeto e as crianças tinham que procurar na casa um objeto cujo nome possuísse a mesma letra inicial. As crianças ficavam eufóricas, queriam encontrar logo o objeto e o mostrar para a professora e a seus colegas. Outra atividade que podemos exemplificar, foi quando a professora apresentou algumas parlendas e sugeriu que as crianças escolhessem uma e apresentasse para turma. As crianças tiveram que preparar previamente a apresentação dessas parlendas infantis modificadas com rimas particulares, preparadas pelas crianças, para lerem para turma. Essas atividades contribuíram para desenvolver o vocabulário e expandir o repertório de letras e palavras, além de serem dinamizadas de uma forma lúdica. Ambas as atividades que foram conduzidas com muita calma e com respeito ao ritmo de aprendizagem das crianças.

Vygotsky (1998, p. 130) afirma que “através do brincar, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto”. Assim, o brincar tem uma relação direta com os avanços de um estágio do desenvolvimento para outro e possibilita desenvolver aulas mais interessantes, dinâmicas e descontraídas. São atividades que podem ser desenvolvidas com os recursos que os alunos possuem em suas próprias casas.

Para os responsáveis é realmente um momento de desconstrução do que imaginavam ser os usos tecnológicos nesse momento. O potencial que as aulas síncronas possuem de aproximar as crianças umas com as outras e com seus professores, quando planejadas para esse meio, nos fazem refletir sobre o tempo que vivemos e as formas de ser e se relacionar.

Las tecnologías de cada época contribuyen a la configuración también de otras formas vinculares. Si tomamos en cuenta el desarrollo de las redes sociales pareciera que los seres humanos se buscan unos a otros a través de los instrumentos propios de su tiempo. En las redes, los otros están casi siempre disponibles, y pueden ser depositarios inmediatos de un número ilimitado de confesiones y opiniones, que eventualmente algunos comentarán. (ROJAS, 2018, p.6)

O tempo no espaço virtual é um elemento que gera ampla discussão no campo da didática. Insistimos que vídeos e aulas não podem ter a mesma duração do presencial e isso pode ser interpretado como um desprestígio ao papel do professor, ou da própria centralidade do ensino formal na vida de um estudante. Defendemos que, acompanhando de perto o percurso de duas crianças, percebemos quantas vezes recorrem a um mesmo material digital para elaborar suas rotinas de estudo e o quanto uma sugestão de histórias desencadeia novas e promissoras descobertas. A professora de português da escola do Rio de Janeiro sempre envia algum link de contação de história, ou vídeo com ela própria contando alguma história. Alice sempre assiste dezenas de vezes o mesmo vídeo e algumas vezes procura outras versões da mesma história no YouTube.

Então, podemos falar que o tempo de aula de português de 40 minutos por semana em atividade síncrona com a professora é multiplicado com seus vídeos de explicações, vídeos de histórias. Concordamos com Moran (2020), quando afirma que:

O online não é solução nem problema, é um ambiente que permite tanto a transmissão como a experimentação, com algumas adaptações. Escolas e universidades que estimulam o protagonismo do aluno, que trabalham com desafios se adaptaram rapidamente ao online, incentivando o aluno-pesquisador, a personalização, atividades em grupo. Mas professores que privilegiam a transmissão de conteúdo, tornam o processo cansativo, insuportável e pouco produtivo para todos. (MORAN, 2020, P.1)

## **POTENCIALIDADES DO MODELO E DESAFIOS PARA OS RESPONSÁVEIS**

No contexto de ensino e aprendizagem remotos as realidades das escolas e famílias são diversas. Assim como as crianças, as famílias estão se adaptando a essa realidade, algumas com mais facilidades que outras, pois muitas vezes o trabalho ou a falta de tempo são algumas justificativas para que as famílias não acompanhem as aulas junto com as crianças. Entretanto, muitas vezes, as crianças dependem do auxílio de um adulto por perto no momento da aula, seja para orientar nas atividades ou até mesmo para selecionar o

material da aula.

Então, é necessária paciência dos responsáveis e também dos professores para que a autonomia seja desenvolvida pelas crianças. O uso de diversas ferramentas e da possibilidade de ver muitas vezes o mesmo vídeo (seja de explicações, histórias ou tutoriais), contribuiu para o desenvolvimento das tarefas em casa. Além do mais, hábitos e normas construídas junto com a criança também favorecem uma nova rotina de estudo em casa, pois permitem que a criança se sinta mais segura e perceba o novo contexto educativo mediante o sequenciamento espaço-temporário das aulas.

Apesar das dificuldades de muitos pais em acompanhar as aulas remotas, é preciso considerar como positivo o envolvimento deles na educação escolar. Afinal, o AVA para muitas famílias tem possibilitado uma relação mais próxima com a forma de apreender da criança. O que é extremamente importante para o desenvolvimento, porque a família é a primeira instituição em que o ser humano se insere na sociedade, por meio do qual ela começa a estabelecer seu vínculo com o mundo (GUZZO; TIZZEI, 2007).

Consideramos que o nosso envolvimento com aprendizagem das Alices foi muito importante para elas. Apesar das diversas tarefas do dia a dia buscávamos através das aulas síncronas, dos materiais e vídeos enviados pela escola compreender as propostas da escola e mediar tarefas solicitadas. Assim, acabamos refazendo nosso caminho de alfabetização, revendo concepções e métodos e compreendendo como a evolução da aprendizagem depende de relações de saber com o mundo da criança. Percebemos que a necessidade de escrever e de ler está intimamente ligada com o que se quer dizer e com o que se quer ler. (CHARLOT, 2002)

Para Vygotsky (1998), a interação social exerce um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, uma vez que ele parte do princípio de que o desenvolvimento das formas superiores do comportamento (pensar, relacionar, analisar, comparar, etc) pressupõe o aprendizado, que essencialmente interfere na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar quando o sujeito interage com outros em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.

Em uma atividade de produção escrita, as crianças da turma da escola do Rio de Janeiro foram convidadas a descobrir objetos antigos em suas casas. Vale ressaltar que a proposta da escola está mais ou menos relacionada com o tema “coleções”, portanto, essa proposta seguiu essa temática. No caso da Alice, ela escolheu um Balangandã para fazer seu texto. Para que pudesse escrever precisou assistir vários vídeos no *YouTube* sobre o tema, aprendeu coisas sobre a escravidão que ainda não conhecia e assim fez seu texto. Foi um trabalho que se mostrou muito potente para o aprendizado da escrita, pois foi uma escolha pessoal e muito bem recebida pela professora.

Outra proposta marcante de escrita foi a elaboração de um livro, desde a dobra-dura de folhas de uma maneira especial, a encadernação, a escrita e ilustração da história. Alice escreveu sobre sua gata de estimação, animal sempre muito presente nas aulas online, juntamente com outros animais de seus colegas que aparecem nas aulas síncronas com frequência.

As experiências do trabalho remoto e do uso do AVA mencionadas neste artigo



demonstram que as escolas apostaram em projetos bastante interessantes, como: a organização de livros digitais coletivos, a elaboração de maquetes, coleções, jogos, podcast de alunos etc. A postagem desses materiais em coletâneas gerava curiosidade e levava as crianças a desejar ler e conhecer a atividade dos amigos e os tornaram produtores na AVA. A forma de apresentação desses materiais no meio digital facilitou o acesso e socialização, uma vez que tudo estava disponível. Cremos que mesmo em períodos normais, manter um ambiente como esse para a turma é de grande importância, inclusive para os pais.

## **LIÇÕES DE UM TEMPO QUE TODOS PRECISARAM ROMPER COM MODELOS CONHECIDOS**

A educação ao longo dos anos vem ganhando novas formas imbricadas com as diferentes dinâmicas em que a sociedade se organiza. Influenciada pelo modelo econômico, cultural e social, a educação, segundo Saviani (1999, p.1) “desde que o homem é homem ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação”.

As crianças, com as quais embarcamos nessa experiência, são os chamados nativos digitais que segundo Prensky (2001) são a geração que nasceu e cresceu cercada pelo uso dos computadores, videogames, reprodutores de música digital, câmeras de vídeo, telefones celulares e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Por isso estão muito mais adaptadas à tecnologia e ficam grudados a um aparelho eletrônico por horas. Demonstrando uma facilidade natural na utilização das mídias digitais.

No entanto, a tarefa de assistir as aulas nos meios digitais não tem a mesma atratividade por se tratar de uma atividade institucionalizada e, pela própria cultura, permeada de exigências, de disciplina e de cobranças. As meninas, sujeitos desse estudo, recebiam atividades por meio digital de outros espaços sociais: amigos que socializavam atividades e vídeos, materiais que museus e espaços culturais disponibilizaram, canais do *YouTube* que apostaram em atividades pedagógicas durante a pandemia. Essas atividades sempre foram muito bem recebidas, com leveza e muito interesse, algo que sempre foi muito bem aceito independente da mediação familiar. Porém, quando se trata de materiais, conteúdos e atividades da escola que as desafiavam, porque justamente focavam no ensino da leitura e da escrita, da matemática e diferentes domínios que exigiam mais, a mediação fez toda diferença.

Vygotsky (1998) trouxe para a educação reflexões que permitem pensar a prática pedagógica sob ótica da aprendizagem. O próprio ambiente, dos significados que rodeia o mundo cultural do indivíduo. Entendemos, pois, que no dizer de Vygotsky (1998), como a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, a escola tem um papel essencial no desenvolvimento desses processos, e foi imprescindível os desafios que nos colocavam em todos os momentos, porque ao passo que geravam desconforto e investimento da família e das estudantes, permitiram grande realização na descoberta da leitura, em especial. “O bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1998, p.74), ou seja, que os leva para outros níveis de aprendizados e impulsiona seu desenvolvimento.

Consideramos também, que o fato de a maioria das escolas não ofertarem um ensino híbrido, no qual é promovido uma mistura entre o ensino presencial e propostas de ensino online, foi mais difícil. Nem mesmo as escolas que tinham recursos tecnológicos para isso não usavam essa ferramenta para o ensino e, por diversos motivos, continuavam habituadas ao ensino mais tradicional, ou simplesmente usando os recursos digitais no

espaço escolar, sem qualquer envolvimento com a família, como é o caso das duas realidades aqui analisadas. Consideramos nossas experiências muito satisfatórias, pois a escola continuou desenvolvendo seu trabalho com as marcas próprias da instituição, passando para as famílias muita segurança e atenção ao processo de aprendizagem de cada criança individualmente.

Concordamos com Moran, quando afirma que:

- problema não está em aprendermos ou não em plataformas online.
- que está revelando este período é que a maior parte das escolas vem ensinando de uma forma inadequada, muito conteudista, dependente do professor, com pouco envolvimento, participação e criatividade dos estudantes. (MORAN, 2020, p.1)

A discussão sobre o protagonismo da criança é urgente no meio educacional. Quando a criança é um sujeito ativo e participa do processo de conhecer e aprender ela se sente mais atraída e motivada pelo conhecimento. Isso foi perceptível nas experiências aqui relatadas.

Até hoje o aluno tem permanecido nos ombros do professor. Tem visto tudo com os olhos dele e julgado tudo com a mente dele. Já é hora de colocar o aluno sobre as suas próprias pernas, de fazê-lo andar e cair, sofrer dor e contusões e escolher a direção (YGOTSKY, 2004, p. 452).

Geralmente nas escolas os alunos recebem o que o professor oferece, não são chamadas para construir juntas. O modelo implantado pela escola do Rio de Janeiro acabou favorecendo a autonomia dos estudantes. No início precisávamos ficar juntos para que Alice realizasse as tarefas, logo no segundo mês só ajudávamos se ela demandava. Dentre as estratégias desenvolvidas pelas estudantes para enfrentar os desafios a prioridade foi a tentativa de se manter sozinha, tentando compreender o que era preciso realizar. Muitas vezes percebíamos que ela saía do Padlet, procurava outras coisas no computador como músicas, desenhos e logo em seguida retornava, no seu tempo. Compreender o tempo e as formas de lidar com a novidade interposta é um caminho pedagógico de grande relevância.

Diante deste novo cenário mundial e suas consequências para a educação, é importante repensar as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC), bem como nos aproximarmos mais dessa era digital para fazer um processo de ensino diferente, deixando-nos ser mais desafiados por esse ensino híbrido.

O professor precisa ser formado dentro desse novo contexto, os estudantes dominam a linguagem digital com mais propriedade que a escola. Sendo assim, tanto a formação inicial quanto a continuada precisam inovar e trazer essas experiências para o cotidiano das práticas escolares, pois os usos das novas tecnologias de ensino e aprendizagem provavelmente vieram para ficar.

## CONSIDERAÇÕES

O resultado desse tempo que passamos juntos, construindo um caminho didático pedagógico em casa, não pode ser avaliado em sua inteireza nesse momento. Necessitamos de mais tempo para compreender como se consolidou o aprendizado e como o

psicológico das crianças foi afetado.

Algumas questões podem ser discutidas agora por estarem muito presentes em nosso cotidiano, são elas: a adaptação ao novo foi mais rápida que imaginávamos, o tempo de aula nesse formato aponta mais para uma necessidade de mudança metodológica que propriamente se relaciona às tecnologias; a falta de um espaço de comunhão com os amigos é o ponto mais frágil e de difícil condução; independente do modelo ou caminho adotado, o sujeito deve ser o foco das práticas escolares; a confiança na capacidade das crianças fez muita diferença no processo, a escola passou muita segurança e isso foi muito importante. O papel do professor no processo foi imprescindível e nada pode substituir a sua atuação, o contato físico para esta fase é vital.

Destacamos o papel da mediação familiar, sem a qual o processo seria prejudicado. Aqui nem falamos de uma mediação qualificada, mas uma ajuda atenta e sensível, que já seria o bem vinda.

## REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber** - Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Editora Artmed. 2002.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez. (14a ed.). 2011

GUZZO, Raquel Souza Lobo; TIZZEI, Raquel Pondian. **Olhar sobre a criança**: perspectiva de pais sobre o desenvolvimento. In: GUZZO Raquel Souza Lobo, et al. Desenvolvimento infantil: família, proteção e risco. Campinas, SP: Alínea. 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1991.

MORAN, José. **A Culpa não é do Online** – Contradições na educação evidenciadas pela crise atual. Educação Transformadora. 2020. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/?p=1506>. Acessado em: 20 set. 2020.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione. 5ª ed. 2010.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives**, Digital Immigrants. On the Horizon, Bradford, v. 9, n. 5, p. 2-6, out. 2001. Disponível em: <https://marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acessado em 15 set.2020.

PINO, Angel. **O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano**. Cadernos Cedes - Centro de Estudos Educação e Sociedade, n. 24 32-43. 1991.

ROJAS, Maria Cristina. **Vínculos y subjetividades en la era digital**. Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Revista do NESME, 2018, V. 15, N.1 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v15n1/v15n1a09.pdf>. Acessado em 02 set. 2020.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acessado em 12 ago. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

# CONTEXTUALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Flavio Borges Nascimento<sup>1</sup>*

## RESUMO

O artigo apresenta uma atividade aplicada em unidades escolares dos Anos Iniciais, Finais e Ensino Médio de uma Diretoria de Ensino do Estadual de São Paulo. A proposta apresenta como objetivo tentar aferir a eficácia de uma atividade contextualizada na disciplina de Educação Física em tempos de distanciamento social. Apresentamos como pergunta central. Como podemos oferecer uma atividade que atenda os estudantes a partir da especificidade de suas realidades locais de modo que se sintam parte integrante do processo? A atividade contextualizada foi estruturada à luz do referencial metodológico da pesquisa qualitativa sócio histórica na perspectiva dos estudos de Vygotsky. Para a coleta de dados utilizamos um formulário estruturado e como análise de dados foram utilizados os procedimentos dos núcleos de significação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contextualização; Isolamento Social; Ensino prático.

## ABSTRACT

The article presents an activity applied in school units of the Initial, Final and High School years of a Teaching Directorate of the State of São Paulo. The proposal aims to try to gauge the effectiveness of an activity contextualized in the discipline of Physical Education in times of social distance. We present it as a central question. How can we offer an activity that serves students based on the specificity of their local realities so that they feel an integral part of the process? The contextualized activity was structured in the light of the methodological framework of qualitative socio-historical research from the perspective of Vygotsky's studies. For data collection we used a structured form and as data analysis, we used the procedures of the signification centers.

**KEYWORDS:** Contextualization; Social isolation; Practical teaching.

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia e Pedagogia, Especialização em Educação Inclusiva e Astronomia, Mestre em Geociências, doutorando em Ensino na Unicamp

## INTRODUÇÃO

O atual cenário pandêmico colocou em evidência a necessidade e importância da reinvenção da prática docente, o que, conseqüentemente, gerou uma busca por alternativas práticas e metodológicas que pudessem auxiliar e tentar garantir a eficácia do ensino e aprendizagem.

As aulas em caráter não presencial denotam muitas incertezas, lacunas e dificuldades em todas as áreas do conhecimento. A educação se tornou uma das áreas de atuação para onde boa parte dos olhares se voltam acompanhados de suposições, críticas e questionamentos. O trabalho docente passa por um momento delicado onde é preciso ressignificar as ações e práticas em prol do sucesso do estudante em meio ao contexto de isolamento social.

Embasados no estudo de Nicholson (2009) pode se afirmar que o isolamento social pode ser definido como o estado no qual os humanos têm pouco contato com outros humanos, gerando uma quantidade mínima de contatos sociais, onde se apresentam, conseqüentemente, as dificuldades na manutenção e qualidade dos relacionamentos.

A implantação do distanciamento social como medida de contenção mediante a uma crise sanitária foi debatida no estudo de Soares (2020) como tendo surgido com a crise espanhola de 1918. A eficácia da medida foi considerada satisfatória e, portanto, comparando-se ao cenário de 2020. Justifica-se a importância da medida a ser adotada e seguida à risca pela população no combate ao novo Coronavírus (FARIZA, 2020; LIMA, 2020).

É importante salientar que, diante de contextos extremos, como o caso da enfermidade epidêmica amplamente disseminada em 2020, o direito à educação está previsto na Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

O sistema de ensino básico, principalmente a escola pública, se deparou com desafios não esperados, a necessidade de uma Educação a Distância (EaD) apresentou impactos consideráveis e abruptos para a comunidade escolar à medida que o aprendizado domiciliar forçou mudanças na rotina das crianças e dos jovens e, eventualmente, sobrecarregando a família no contexto de acompanhamento destas atividades (BURGESS, 2020).

A Educação a Distância pode ser considerada eficaz em uma cultura escolar diferenciada, exigindo novos mecanismos para o acompanhamento e novos modelos de avaliação da aprendizagem dos estudantes (KENSKI, 2010). O corpo docente deve atentar para a existência de situações conflitantes, desafiantes, conscientes que a aplicação de técnicas convencionais não resolverá problemas. (SCHON, 1997, p. 21).

Diante da necessidade de uma técnica que pudesse auxiliar o momento em que o sistema educacional passa, partimos de uma inquietação para a realização deste artigo

que busca responder a indagação. Como podemos oferecer uma atividade que atenda os estudantes a partir da especificidade de suas realidades locais de modo que se sintam parte integrante do processo?

Definimos como objetivo tentar aferir a eficácia de proposta de ensino contextualizada em tempos de distanciamento social. Desta forma, estruturamos este artigo como um estudo qualitativo, com levantamento de dados realizado a partir de um formulário estruturado e análise de dados realizada à luz dos Núcleos de Significação.

Diante do cenário apresentado, a contextualização de conhecimentos ocupa grande destaque no atual panorama educativo, podendo ser observada e analisada como um dos caminhos que podem ser seguidos diante de um distanciamento social a partir do estabelecimento de estratégias e metodologias de ensino e de aprendizagem por meio de orientações determinadas em documentos normativos que orientam e direcionam a contextualização do ensino como uma possibilidade.

Neste artigo não abordaremos nem discutiremos a vertente tão bem discutida na literatura acadêmica que proporcionou grande notoriedade para evolução do pensamento científico sobre o conhecimento acadêmico em detrimento a experiência dos estudantes. Nossa perspectiva de análise e discussão está estruturada em torno da segunda pergunta a ser respondida por esse artigo: Como realizar uma experiência contextualizada dos alunos em tempos de pandemia?

A ideia de que o conhecimento é contextualizado foi debatido pelo estudo realizado por Bidarra e Festas (2005), que apontam que a contextualização advém de circunstâncias específicas, neste caso, o aprendido/apropriado tem sua origem estruturada em algumas teorias da aprendizagem, habitualmente são invocadas as teorias construtivistas com aporte a esse foco, ao fazer apelo à necessidade da existência de situações na qual o estudante seja levado a construir o seu conhecimento, os autores construtivistas destacam a importância e valor de uma pedagogia não diretiva, ao mesmo tempo que evidenciam a importância de uma aprendizagem significativa, entretanto não deixam de enfatizar uma abordagem pedagógica assentada na resolução de problemas e na sua complexidade.

É notório destacar neste momento que o movimento da aprendizagem situada demonstra que a noção de que a aprendizagem deve se basear em conhecimentos relativos a situações autênticas tem ganhado força na educação, esse movimento destaca que o conhecimento é situado na prática, isto é, deixam muito claro que não se pode separar do contexto social e emocional em que é adquirido (LAVE, 1993).

Partindo desses pressupostos metodológicos buscamos estruturar uma atividade que apresentasse potencial de incentivar o estudante a se apropriar do conhecimento teórico, bem como as habilidades e competências definidas para o conteúdo abordado, para isso, foi preciso criar possibilidades e aparatos adequados a seu contexto local, aguçando e incentivando neste estudante a criatividade direcionada à adaptação e à sua realidade, no que se refere às regras convencionais e também dos aspectos teóricos inseridos nas atividades propostas, buscamos dessa forma, estabelecer uma ligação entre os conhecimentos preexistentes com as dificuldades e necessidades de se reinventar diante das regras, sem deixar de lado, os conhecimentos teóricos tão importantes neste momento de aulas com distanciamento social.

Para definir uma atividade nos embasamos nos Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEESP), que foram instituídos pelo Decreto nº 58.986 de 21-03-2013, advindo de uma parceria entre as Secretarias de Estaduais de São Paulo, especificamente a Secretaria da Educação, Secretaria do Esporte, Lazer e Juventude, Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência e Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. A união dessas secretarias visa promover os jogos e conseqüentemente proporcionar a integração e o intercâmbio entre os alunos das unidades escolares da rede de Ensino Fundamental e Médio em todo Estado de São Paulo.

É importante salientar que a contextualização visa possibilitar a construção de significações e de relações entre os saberes, ou seja, aqueles que os estudantes já possuem com os conhecimentos científicos, (LAVE, 1993). Além disso, a motivação se apresenta como geradora de interesse e participação ativa do estudante. Sabe-se, ainda, que a contextualização nos processos de ensino e de aprendizagem apresenta real possibilidade de problematização da realidade, o que contribui para a formação de sujeitos críticos e autônomos.

Especificamente à atividade proposta neste artigo, contextualização valoriza a diversidade de percepções dos estudantes sobre o conhecimento, um ensino descontextualizado não estimula a participação, a problematização e não valoriza as vivências e experiências dos estudantes, portanto, a aproximação do conteúdo de Educação Física ao contexto local pode proporcionar a problematização, adaptação, desafios e superações, contextualizando sua aprendizagem.

## **DELINEAMENTO**

O artigo foi estruturado à luz do referencial metodológico da pesquisa qualitativa sócio histórica, para a coleta de dados utilizamos um formulário estruturado, com análise dos dados realizada sob os procedimentos metodológicos dos núcleos de significação.

A perspectiva qualitativa sócio histórica compreende a escolha do objeto e sua importância. O estudo de Martins (2004) define que a pesquisa qualitativa privilegia a compreensão e análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados sendo caracterizada pela oposição de padrões no momento da análise.

A investigação qualitativa foi definida no estudo realizado por Bogdan e Biklen (1994), como sendo uma metodologia de investigação que destaca o aspecto da descrição, da indução, da teoria fundamentada e do estudo das percepções individuais dos participantes do processo.

Os aspectos da análise sócio histórica formulada por Vygotsky e seus pares concebem o desenvolvimento pelo entendimento do humano imerso em relações sociais sendo compreendido a partir dessas relações. O objetivo central dessa análise se caracteriza em aspectos tipicamente humanos do comportamento ao elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolveram durante a vida de um indivíduo (YGGOTSKI, 2007).

Para realizar um estudo qualitativo à luz da perspectiva sócio histórica, tanto os investigadores quanto os investigados, são partes integrantes e dissociáveis do processo investigativo, visto que estão em momentos de contínua reflexão, assimilação, apropriação e

aprendizagem. O pesquisador deve ir além da arte da descrição, pois “[...] estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético” (VYGOTSKI, 2007, p. 68). Sendo assim, é preciso ter foco no processo que envolve a construção de conhecimento por meio da inter-relação entre sujeitos.

Ao estruturar as bases desse artigo na perspectiva sócio histórica o instrumento a ser adotado na pesquisa será a entrevista estruturada. A entrevista é um momento de interlocução entre sujeitos que “não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica” (FREITAS, 2002b, p.29).

Os dados que compõem este trabalho provêm de entrevistas estruturadas realizadas com os docentes participantes. Os registros foram feitos por e-mail, devido ao isolamento social, a transcrição realizada foi não diretiva, objetivando assim facilitar o processo de análise, interpretação e leitura dos dados.

A composição dos dados advém do agrupamento da escrita dos docentes, utilizando para esta composição a leitura flutuante, desta forma, foi possível identificar os pré-indicadores oriundos das entrevistas, que, por sua vez, servem de base para a construção de indicadores e, posteriormente, dos núcleos de significação.

## DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Trata-se de uma competição esportiva entre os estudantes que ocorre em várias etapas, conforme quadro 1, a primeira delas é a fase que se realiza na Diretoria de Ensino, diante da atual situação de distanciamento social por conta da pandemia do Covid-19 e a incerteza de ocorrência dos Jogos Escolares do Estado de SP (JEEESP) no ano de 2020, surgiu-nos a proposta de promover e adaptar esses jogos especificamente para o momento da Pandemia, denominamos esta etapa exclusiva de Jogos Escolares Virtuais da Diretoria de Ensino Guarulhos Sul (JESV DEGSUL).

Quadro 1: Etapas do JESV 2020.

ETAPAS DO JESV 2020	
Etapa 1	A primeira etapa refere-se à inscrição das escolas participantes, interessadas na Fase interescolar.
Etapa 2	A segunda etapa será a fase escolar, “interclasses”, onde os professores divulgarão e organizarão com seus estudantes as inscrições e/ou participações, as orientações, os recebimentos dos vídeos e as seleções para a fase interescolar (fase Diretoria de Ensino). Somente poderá passar para a fase interescolar (Diretoria de Ensino) 1 aluno do sexo masculino e 1 do sexo feminino, por categoria e modalidade, selecionados por seu professor como o campeão e representante da escola naquela categoria e modalidade. Essa etapa acontecerá em partes concomitante a fase 1.



Etapa 3	Os professores deverão encaminhar os vídeos campeões na fase escolar, de seus representantes por escola, por sexo, categoria e modalidade com todas as descrições necessárias da realização da prova do aluno (nome da escola, nome do professor, nome do aluno, categoria, modalidade, descrição da prova realizada, resultado final atingido).
Etapa 4	Após recebimento de todos os vídeos com as descrições ocorrerá a análise para divulgação via Diretoria de Ensino. É importante ressaltar que a autorização de divulgação da imagem dos alunos deve ser enviada aos responsáveis legais. Esperamos que o professor incentive a participação dos alunos de modo que estes entendam que se trata de uma competição saudável e que o importante é participar. Os professores podem divulgar junto as suas equipes escolares o projeto e os alunos campeões na fase escolar e interescolar. Pode e deve também acrescentar este projeto ao seu plano de trabalho de aulas remotas.

Fonte: Autores

A atividade envolve mais do que o conhecimento técnico ou habilidade associada à obrigação de alguma tarefa. Além de abordar objetivos, habilidades e competências que são específicos da disciplina Educação Física, a atividade torna o estudante protagonista, contando com a idoneidade deles que serão seus próprios árbitros nas provas das modalidades, levando em conta o cotidiano e realidade de cada local.

Neste momento de distanciamento social onde os professores estão constantemente criando maneiras de busca ativa com o objetivo de conseguir a participação e envolvimento de seus alunos é interessante pensar na possibilidade da utilização de atividades que deem vida e sentido ao conhecimento.

Sabe-se que nem sempre é possível planejar o trabalho transportando um conteúdo para a vida real, mas a partir do momento que um professor, independentemente da disciplina. Realizar essa tarefa nesse momento de aulas remotas poderá despertar o interesse dos estudantes. É importante ressaltar que a atividade atende a todos os alunos, não só os das turmas de Atividades Curriculares Desportivas (ACD) e, pela simplicidade e acessibilidade nas provas, permite-se inclusive ter a participação de alunos com necessidades especiais.

Propomos a adaptação de modalidades esportivas, conforme quadro 2, a serem realizadas na casa dos estudantes utilizando os aparatos disponíveis, como baldes, bolas de meia, entre outros aparatos, será preciso gravar a atividade com regras definidas, o tempo de vídeo é de 30 segundos, devem ser enviadas aos docentes que compõe a comissão julgadora que definirão as categorias que obtiveram êxito em cada etapa, a partir dos critérios de controle, criatividade e dificuldade na sequência de movimentos.

Quadro 2: Modalidades esportivas do JESV 2020.

## MODALIDADES DO JESV 2020

Salto em distância adaptado	Saltar a maior distância que conseguir, mas partir do corpo parado, só abaixar para pegar o impulso. Marcar o ponto de partida e fazer uma marcação no chão a cada 30 cm com fita, giz ou objeto, antes de saltar. Após saltar, marcar o ponto onde cair, seja com fita crepe, giz, um objeto, mostrando no vídeo o momento do salto e a distância atingida, medindo com a fita métrica de modo a ficar claro no vídeo essa distância. Seguir a orientação do professor antes da realização e gravação do vídeo e todos os cuidados para segurança.
Basquete Arremesso no balde	Usar um balde a uma distância de 3 metros posicionado no chão e arremessar durante 30 segundos uma bola nesse balde, contando em voz alta quantas cestas consegue, sempre pegando a bola e voltando do ponto de partida para arremessar (dentro desse tempo de 30 segundos). É importante respeitar a distância, provando no vídeo a medição com uma fita métrica. Seguir a orientação do professor antes da realização e gravação do vídeo e todos os cuidados para segurança.
Futsal	Embaixadinha Usar uma bola ou um rolo de papel higiênico e gravar até 30 segundos de embaixadinha contando em voz alta quantas consegue, a regra é não repetir seguidamente o local batido, então deve ser usado pé direito, pé esquerdo, coxa, etc, ao errar, para a contagem e o vídeo no número conseguido. Seguir a orientação do professor antes da realização e gravação do vídeo e todos os cuidados para segurança.
Freestyle Futebol	Freestyle é uma variante do futebol em que um jogador realiza manobras (tricks) com uma bola ou a equilibra em várias partes do corpo, ele se baseia na arte de compor sequências de manobras, tentando unir controle, criatividade e dificuldade utilizando o corpo todo em interação com a bola. Sit Down é o estilo que se faz sentado se utilizando muito de tricks rápidas e de variações bem características do Sit Down como o uso da canela e da sola dos pés. O Lower é o estilo que se faz em pé com a parte inferior do corpo. As manobras são realizadas utilizando os pés, joelhos, calcanhares e canela. Ground Moves são tricks realizadas com a bola em contato com o chão. O Ground Moves é muito conhecido pois o estilo é baseado em movimentos feitos como se estivesse driblando um oponente.
Voleibol	Toque simples ou manchete na parede. Usar uma bola e gravar até 30 segundos de toque simples ou manchete na parede, contando em voz alta quantos consegue, podendo alternar entre toque e manchete, não deixando a bola cair e contando apenas quando ela tocar a parede. Ao errar encerra-se a contagem e tempo do vídeo. Seguir a orientação do professor antes da realização e gravação do vídeo e todos os cuidados para segurança.
Handebol Arremesso	Fazer um quadrado na parede usando fita crepe (tamanho 30cm x 30cm), delimitar um espaço a uma distância de 3 metros (comprovados no vídeo com a medição da fita métrica) e durante 30 segundos arremessar uma bola com uma das mãos acertando este quadrado, contando em voz alta quantos acertos consegue. Seguir a orientação do professor antes da realização e gravação do vídeo e todos os cuidados para segurança.
Damas	Montar o tabuleiro corretamente dos dois lados, de modo a mostrar no vídeo de 30 segundos exatamente quantas vezes você conseguiu montar corretamente e desmontar o tabuleiro, como se duas pessoas fossem jogar, conte em voz alta. Não esquecer de mostrar a montagem de modo que o professor que está avaliando consiga ver se está correto, antes de desmontar e recomeçar. Seguir a orientação do professor antes da realização e gravação do vídeo e todos os cuidados para segurança.
Xadrez	Criação e realização de jogadas. O aluno deverá gravar um vídeo onde mostre a criação e execução do maior número de jogadas que conseguir em 30 segundos, sendo parte da regra narrar as jogadas. Seguir a orientação do professor antes da realização e gravação do vídeo e todos os cuidados para segurança.
Tênis de Mesa	Bolinha na raquete. Em um vídeo de até 30 segundos o aluno deverá contar em voz alta quantas vezes consegue quicar a bolinha na raquete, ao errar encerra-se a contagem e o tempo do vídeo. Seguir a orientação do professor antes da realização e gravação do vídeo e todos os cuidados para segurança.

Fonte: Autores.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A definição das palavras que compõem os pré-indicadores são compostos e definidos por meio das respostas dos docentes a partir do formulário estruturado. Eles são ordenados em pequenos grupos que têm por objetivo possibilitar a composição dos indicadores seguindo as sugestões de Aguiar e Ozella (2006), os trechos em negrito referem-se aos principais teores dos pré-indicadores, que demonstram as peculiaridades acerca do ponto de vista dos docentes, conforme quadro 3 e quadro 4. Para manter a integridade dos docentes participantes, denominamos de (P) os professores seguidos de numeração, sendo assim, (P1) equivale a professor 1.

Quadro 3: Pré-indicadores compostos por fragmentos dos discursos dos docentes.

PRÉ-INDICADORES (A)
1) Contato com o JESV; 2) Aceitar o desafio na Pandemia; 3) Estrutura e divisão das tarefas
Me assustei no início já que seria mais “uma coisa” a pedir para os nossos alunos, pois a atuação deles neste caso em específico, seria imprescindível e com todas as dificuldades encontradas para termos o feedback semanalmente. E por mais que me deixasse cativar pela ideia de vanguarda, o projeto JESV me assustava, pelo acúmulo de tarefas a serem realizadas, mas me deixei cativar e não me arrependi. (P1)
A ideia de criar os JESV 2020 foi fantástica. Nesse momento complicado pelo qual estamos passando, essa atividade surge como uma excelente oportunidade de protagonismo juvenil, alunos, e o protagonismo dos professores e por isso eu aceitei no momento que recebi a proposta. (P2)
Podemos constatar que neste momento de isolamento social por conta da pandemia, houve uma grande mobilização da comunidade escolar através da realização dos Jogos Virtuais. Contamos com a divulgação dos Professores, Tutores, Gestão e Líderes de turma nos grupos dos alunos no WhatsApp, contamos também com a colaboração familiar na organização para que os alunos desenvolvessem as atividades utilizando materiais e espaços adaptados. Pensando na possibilidade de participação ativa dos alunos, elaboramos um vídeo explicativo com todas as provas, que foi exposto no site e redes sociais da escola, o que fez com que houvesse maior interação. As orientações foram feitas individualmente e percebemos que dentro de cada realidade com espaços improvisados e materiais adaptados, o quanto foi desafiador, mesmo assim nossos alunos não deixaram que isso interferisse no empenho para a realização das provas. A avaliação deste projeto foi muito positiva, uma nova experiência em que tivemos a oportunidade de proporcionar aos alunos algo diferente. (P3)
Nesse momento de ensino remoto, tivemos que inovar a forma com a qual trabalhávamos com os alunos, trazendo novos recursos e ferramentas, como a facilidade da comunicação online, sem a necessidade da presença física. Surgiram novas didáticas, trazendo consigo um novo ritmo e ainda projetos para serem implementados. Em meio a esse processo a participação nos JESV foi de suma importância para dinamizar as aulas de Educação Física, aceitei na hora, apesar que diversas dúvidas e dificuldades surgiram. Também orientamos os pais e responsáveis como apoiarem seus filhos e desenvolverem as atividades para a participação, pois as adaptações de acordo com a realidade de cada residência seriam importantes. (P4)
Me deparar com o JESV me deixou animada, pois de alguma forma incentivaríamos os alunos a uma prática esportiva também a usarem a criatividade de acordo com a que tem disponível em cada. Dificuldades sempre acontecem e sempre vão existir, com isso vem a sensação de impotência de invalidez, mas que bom ainda assim conseguimos com alguns alunos essa parceria, força de vontade podendo fazer um trabalho bem legal. (P5)
A ideia de tentar adaptar a atividade pela realidade dos alunos em um momento de distanciamento é sensacional. Nem tudo é um mar de rosas, mesmo assim eu aceitei participar, pois queria fazer algo diferente. A dificuldade de alcançar os alunos de maneira eficiente, pois que não permitiam a participação por vídeo. Parecia que não teríamos adeptos, mas aos poucos foram surgindo interessados e assim aumentando nossos vídeos. Os alunos pediram, pois perceberam que as dificuldades estavam em tentar fazer sozinhos, pois essa atividade incentiva a interação familiar. Os que participaram se viram como protagonistas e assim esperamos que os outros que não participaram se envolvam mais nas próximas atividades. (P6)

Participar deste evento foi muito gratificante, citamos alguns exemplos tais como: no momento da divulgação da JESV. Ver de longe o comprometimento dos alunos ao fazer a sua escolha para a modalidade de sua preferência, no ato de realizar a inscrição os alunos demonstraram que estavam bem interessados, mas quando foram para a prática: “fazer o vídeo”, observamos que muitos desistiram. Notamos o envolvimento de alguns, que se dedicaram em realizar seu melhor. Alunos que não tinham o material adequado e foram atrás, buscando meios e subsídios para concluir o vídeo. Entraram em contato com colegas, familiares e também com a U.E., solicitando material emprestado, enfim...uma mobilização das partes envolvidas. Poder participar com eles sabendo das condições sócio econômicas da nossa comunidade, tão carente e humilde, e contando com as inúmeras dificuldades fez com que tudo fosse superado. (P7)

Fonte: Autores.

Quadro 4: Pré-indicadores compostos por trechos dos discursos dos docentes, fonte autores.

<p>PRÉ-INDICADORES (B)</p> <p>4) O trabalho contextualizado;</p> <p>5) O trabalho prático;</p> <p>6) Resultados obtidos</p>
<p>A experiência é, sem sombra de dúvidas, de vanguarda, creio também que possibilite crianças tímidas a participarem mais, pois se sentem mais seguras dentro de casa sem exposição presencial, o que possibilita um aumento em sua autoestima. As surpresas ou superações foram ver o envolvimento dos familiares, a busca de alguns pelo melhor resultado. Graças à atuação dos familiares e a escuta deles para nossas orientações, sem os quais, realmente não seria possível realizar esta empreitada. (P1)</p>
<p>Conforme iam aparecendo as tarefas, começava o meu trabalho de intervenção e motivação para participação do campeonato virtual. Entre tantos empecilhos, como o curto tempo, a falta de acesso dos responsáveis, equipamentos precários e as dificuldades inerentes a própria execução da atividade, levando se em conta de se tratar de ciclo 1, apesar das modalidades não exigirem elevado grau técnico, encontramos também atitudes que me surpreenderam, como responsáveis (mães, pais e irmãos) que colaboravam para o melhor resultado da criança, o que ficava muito visível na gravação quer fosse pelas orientações, ainda que por sussurros muitas vezes. Justamente por essa dedicação e a compreensão das regras, que tive casos que foram . O resultado foi fabuloso talvez na escola o trabalho não teria sido tão bom. (P2)</p>
<p>Ficamos felizes com o resultado obtido. Considerando o envolvimento familiar (por se tratar de um fator motivador para a quebra de rotina e interação social), o protagonismo dos alunos na realização das atividades e a importância do incentivo à prática de atividades/exercícios físicos. Participar do JESV foi bem bacana pois pude ver o empenho dos alunos em querer superar suas dificuldades. (P3)</p>
<p>Para nós, professores, foi uma atividade diferente e divertida de aprender, tivemos prática e também ninguém foi excluído, pois cada um pode usar o que tinha disponível em sua casa como uma bola feita de jornal, desenvolver e participar desse projeto JESV com uma dinâmica única e sempre apresentando as soluções mais criativas para os problemas que tínhamos de enfrentar. (P4)</p>
<p>O JESV foi um exemplo de atividade que realmente proporcionou aos estudantes algo bom, foi perceptível a felicidade de todos que participaram. assim nossas expectativas crescem e nos deixam com esperança que as coisas melhorem nesse novo ciclo que não só pra os alunos, mas pra nós professores tem sido um desafio. Espero que nessa etapa de interescolas que nossos alunos e até nós próprios estejamos mais preparados com isso fazer um trabalho mais exemplar. (P5)</p>
<p>Os participantes se viram como protagonistas, fizeram realmente parte de algo que lhes ensinou muitas coisas, como por exemplo se divertir com o que temos em casa, adaptar a vida e assim esperamos que os outros que não participaram e não tiveram a sensação do que é isto, se envolvam mais nas outras atividades. No geral, acreditamos que o saldo foi muito positivo, mas na expectativa de sucesso de atividades semelhantes no futuro. (P6)</p>

Uma experiência muito satisfatória para nós professores de Educação Física, pois os conhecemos desde o período presencial de aulas e conhecemos o potencial de cada um, pudemos vivenciar nossos alunos empenhados e usando sua criatividade e potência, quando nos enviavam os vídeos e orientamos para alterar alguma coisa ou refazê-los, sempre com palavras de incentivo e elogios do trabalho apresentado, eles prontamente e agradecidos seguiam nossas orientações, para nós foi muito pertinente e de sucesso as atividades do JESV.

E o Feedback deles, sem palavras! É até emocionante! Registro abaixo a devolutiva da maioria dos alunos para nós: (... é prô, você me ajudou e acreditou, na minha capacidade, OBRIGADA (O) POR CONFIAR EM MIM). Só temos a agradecer, foram momentos de nervosismos, broncas, prazos a serem cumpridos e, alguns não foram, então oferecemos, mais uma chance, por reconhecimento do esforço e dedicação na criatividade, edição dos vídeos, engajamento de familiares e amigos. Na etapa final até aqui, recebemos alguns vídeos no limite da última hora. Tudo valeu a pena, momento único, perante o que estamos passando. Diante do exposto e muito gratas finalizamos: "TODOS SÃO VENCEDORES E CAMPEÕES, SEM REGRAS E EXCEÇÕES!!!" (P7)

Fonte: Autores.

A próxima etapa de análise é feita a partir da união dos pré-indicadores identificados e apresentados anteriormente que por sua vez gerarão os indicadores. A partir das falas dos docentes participantes foi possível identificar os indicadores, conforme quadro 5, proporcionando a possibilidade de identificar quais os significados do JESV. É importante ressaltar que os pré-indicadores foram definidos com base nos critérios de composição conforme as sugestões de Aguiar e Ozella (2006).

Quadro 5: Pré-indicadores aglutinados em indicadores, fonte autores.

PRÉ-INDICADORES	INDICADOR
1) Contato com o JESV;	A) O isolamento social como potencializador organizacional de desafios aos docentes.
2) Aceitar o desafio na Pandemia	
3) Estrutura e divisão das tarefas	
4) O trabalho contextualizado	B) Contextualização prática como potencializadora de aprendizagem local
5) O trabalho prático	
6) Resultados obtidos	

Fonte: Autores.

Os núcleos de significação foram definidos a partir da análise dos pré-indicadores e indicadores em busca de identificar os significados que a experiência proporcionou. Buscamos realizar uma análise que possibilita considerar os aspectos oriundos do contexto local e até mesmo históricas (AGUIAR, OZELLA, 2006, p. 231).

A etapa de análise tem um papel fundamental para que se possa tentar avançar do aspecto empírico para o interpretativo, revelando características fundamentais sobre os participantes. Em seu estudo Santos (2012) aferir o que é complexo, sendo assim, capturar o movimento dos significados das palavras em direção às camadas de sentidos a partir da organização discursiva, assim, sob a luz da perspectiva orientada por Aguiar e Ozella (2006) chegamos aos seguintes núcleos de significação (quadro 06).

Quadro 6: Núcleos de significação dos docentes participantes.

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
A) O isolamento social como potencializador organizacional de desafios aos docentes.	Isolamento Social como potencializador de uma aprendizagem contextualizada aos aspectos locais.
B) Contextualização prática como potencializadora de aprendizagem local.	

Fonte: Autores.

A realização da leitura flutuante proporcionou a identificação dos pré-indicadores, estabelecemos um conjunto de seis (6) pré-indicadores, por meio de palavras e frases proferidas pelos participantes. Tais pré-indicadores que, numa leitura secundária nos permitiram realizar o processo denominado de aglutinação, para isso utilizamos a similaridade e complementaridade, esta tarefa nos possibilitou a construção de dois (02) indicadores, que por sua vez proporcionaram um (01) núcleo de significação. No quadro 07 podemos observar de forma sistematizada todo processo de confecção dos núcleos de significação.

Quadro 7: Composição do processo de confecção dos núcleos de significação.

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
1) Contato com o JESV	A) O isolamento social como potencializador organizacional de desafios aos docentes.	Isolamento Social como potencializador de uma aprendizagem contextualizada aos aspectos locais.
2) Aceitar o desafio na Pandemia		
3) Estrutura e divisão das tarefas		
4) O trabalho contextualizado	B) Contextualização prática como potencializadora de aprendizagem local.	
5) O trabalho prático		
6) Resultados obtidos		

Fonte: Autores.

Analisar as falas agrupadas neste núcleo nos ajudou a compreender a relevância e importância do JESV, por meio de duas perspectivas, na primeira direcionada à contextualização do ensino, a segunda direcionada à oportunidade proporcionada aos estudantes no que se refere a compreenderem as normas dos jogos.

Os trabalhos práticos estão carregados de conhecimentos que somente são possíveis em atividades práticas coletivas que proporcionam a interação. Vygotsky (1989) citado por Damiani (2008, p. 215) afirma que: “a constituição dos sujeitos, assim como seu aprendizado e seus processos de pensamento (intrapsicológicos), ocorrem mediados pela relação com outras pessoas (processos interpsicológicos)”, entendemos então que as atividades práticas em grupo oferecem vantagens diversas, já que, as tentativas de construção e reconstrução promovem a internalização dos conceitos -“a reconstrução interna de uma operação externa” (VYGOTSKI, 2007, p. 56), deste modo, o processo de internalização dos conhecimentos consiste numa série de transformações, nas quais, uma prática que antes era uma atividade externa ao homem agora passa a existir internamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi desenvolvido com um objetivo direcionado a tentar aferir a eficácia de proposta de ensino contextualizada em tempos de distanciamento social.

A partir do desenvolvimento das etapas práticas da atividade, ocorreu o levantamento e análise dos dados, assim foi possível elaborar seis pré-indicadores, sendo eles, “Contato com o JESV”, “Aceitar o desafio na Pandemia”, “Estrutura e divisão das tarefas”, “O trabalho contextualizado”, “O trabalho prático” e “Resultados obtidos”, que a partir da leitura flutuante foram aglutinados em dois indicadores, “O isolamento social como po-

tencializador organizacional de desafios aos docentes” e “Contextualização prática como potencializadora de aprendizagem local”, a partir da análise dos indicadores foi possível chegar a um núcleo de significação, “Isolamento Social como potencializador de uma aprendizagem contextualizada aos aspectos locais”.

Com base no núcleo de significação, verificamos que alguns dos sentidos que foram identificados nas falas dos participantes direcionaram a forma de pensar, e aceitar um desafio proposto, conforme a fala do participante, “a ideia de tentar adaptar a atividade pela realidade dos alunos em um momento de distanciamento é sensacional. Agora, nem tudo é um mar de rosas, mesmo assim eu aceitei participar, pois queria fazer algo diferente, (P6)”.

A participação da família foi analisada por nós como um fator de extrema relevância, conforme narrativa do docente,

A possibilidade de adaptar as atividades e integrar a família fazê-los se divertirem e esquecerem da situação que o país vive foi fantástica. Espero que nessa etapa de interescolas que nossos alunos e até nós próprios estejamos mais preparados com isso fazer um trabalho mais exemplar (P5).

O protagonismo dos estudantes foi registrado nas narrativas dos docentes como um fatos diferenciador ocasionado pela atividade proposta, conforme indagação do docente “A experiência é sem sombra de dúvida de vanguarda, creio também que possibilite crianças tímidas a participarem mais, porque se sentem mais seguras dentro de casa sem exposição presencial, o que possibilita um aumento em sua autoestima (P1).”

O protagonismo dos alunos na realização das atividades e a importância do incentivo à prática de atividades/exercícios físicos. Participar do JESV foi bem bacana pois pude ver o empenho dos alunos em querer se superar, por isso realizaram de forma prazerosa a atividade usando os conhecimentos já adquiridos nos Treinos e nas aulas de Educação Física, além disso acabaram com a ociosidade do tempo de quarentena (P3).

Ao observar o núcleo de significação, percebemos que as indagações revelaram que o isolamento social separou abruptamente estudantes de seu modo cotidiano, entretanto, pudemos observar que as atividades contextualizadas em aspectos locais, respeitando a diferença social e histórica de cada estudante pode proporcionar resultados que mesmo em tempos de pandemia nos direcionam a uma integração entre estudantes e família, estudantes e seus docentes e escola com a comunidade.

Destacamos que os significados do JESV 2020 pelos docentes e estudantes, apresentaram pontos positivos principalmente no que diz respeito a contextualização e também à prática de atividades em tempos de isolamento social. Pontos positivos também foram identificados no que se refere ao trabalho cooperativo entre docentes que se ajudaram e auxiliaram seus pares a adquirir novas habilidades e conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 26, jun. 2006.

BIDARRA, G.; FESTAS, I. **Construtivismo:** implicações e interpretações educativas. Revista Portu-

guesa de Pedagogia, Coimbra, v. 39, n. 2, p. 175-195. 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BURGESS, S.; SIEVERTSEN, H. H. **Schools, skills, and learning**: The impact of Covid-19 on education. VOX CEPR Policy Portal, 2020. Disponível em: <https://voxeu.org/article/impact-Covid-19-education>. Acesso em: 09/06/2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Planalto, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm). Acesso em: 09/06/2020.

DAMIANI, M. F. Entendendo o ensino colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Revista Educar**, Curitiba: Ed. UFPR, 2008, n. 31, p. 213-230.

FARIZA, I. Lições de 1918: as cidades que se anteciparam no distanciamento social cresceram mais após a pandemia. *El país*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/noticias/gripe>. Acesso em: 09/06/2020.

FREITAS, M. T. A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da Pesquisa Qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 21-39, jul. 2002.

KENSKI, V. M. **Avaliação e acompanhamento da aprendizagem em ambientes virtuais a distância**. In: MILL, D. R. S.; PIMENTEL, N. M. (orgs.). Educação a distância: desafios contemporâneos. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

LAVE, J. **Situating learning in communities of practice**. In: RESNICK, Lauren; LEVINE, J. TEASLEY, S. (Ed.). Perspectives on socially shared cognition. 2. ed. Washington, DC: American Psychological Association, 1993. p. 63-82.

LIMA, J. D. **O distanciamento social como redutor de contaminações**. Nexo Jornal, c2015. Página Inicial. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/17/O-distanciamento-social-como-redutor-de-contamina%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 05/06/2020.

MARTINS, H. H. T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

NICHOLSON NR Jr. **Social isolation in older adults**: an evolutionary concept analysis. Journal of Advanced Nursing, vol. 65, n. 6, 2009.

SANTOS, N. A S. **Sentidos e significados sobre o choro da criança nas creches públicas do município de Juiz de Fora/MG**. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOARES, I. **Como o distanciamento social ajuda a frear a disseminação do coronavírus**. GaúchaZH, c2017. Página Inicial. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/04/com-distanciamento-social-rs-reduz-velocidade-de-transmissao-do-coronavirus-ck98xplqv00md017nlkhuh6bh.html>. Acesso em: 04/06/2020.

SCHON, D. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997

TAFNER, E. P. **A Contextualização do Ensino como fio condutor do processo de aprendizagem**. 2003. Página inicial. Disponível em: [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/15022/2/A\\_contextualizacao\\_na\\_aprendizagem\\_percepcoes\\_de\\_docentes\\_de\\_ciencias\\_e\\_matematica.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/15022/2/A_contextualizacao_na_aprendizagem_percepcoes_de_docentes_de_ciencias_e_matematica.pdf). Acesso em: 3 jul. 2016.

VYGOSTKY L. S. **Mind in Society**: The Development of Higher Psychological Processes. Cambridge MA, Harvard University Press. 1978.

VYGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



# PANDEMIA E O REGIME ESPECIAL DE AULAS NÃO PRESENCIAIS: ANALISANDO O MODELO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS – SEDUC

Jane Alves Cardoso<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo do artigo é descrever e analisar os impactos da pandemia da Covid-19 na educação pública do estado de Goiás, buscando evidenciar as medidas e políticas adotadas pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás – SEDUC, apresentando o modelo, apontando os limites e as possibilidades desse tipo de ensino na educação básica. Os dados correspondem ao período do primeiro semestre de 2020 e a pesquisa tem um caráter exploratório, bibliográfico e documental, procurando evidenciar as regularidades encontradas nesse processo de implementação de ensino e aprendizagem de modo não presencial no estado de Goiás. Concluímos que os gestores tentaram acompanhar a realidade imposta pela pandemia, elaborando uma política pública em pouco tempo e colocaram o regime especial de aulas não presenciais em funcionamento. Se essa política foi realmente eficaz e se alcançou a todos os envolvidos trata-se de uma outra pesquisa.

**Palavras-Chave:** Covid-19. Educação. Estado de Goiás, SEDUC. Pandemia.

## ABSTRACT

The objective of the article is to describe and analyze the impacts of the Covid-19 pandemic on public education in the state of Goiás, seeking to highlight the measures and policies adopted by the State Department of Education of Goiás - SEDUC, presenting the model, pointing out the limits and possibilities of this type of teaching in basic education. The data correspond to the period of the first semester of 2020 and the research has an exploratory, bibliographic and documentary character, seeking to highlight the regularities found in this process of implementing teaching and learning in a non-classroom manner in the state of Goiás. We conclude that the managers tried to follow the reality imposed by the pandemic, elaborating a public policy in a short time and put the special regime of non-classroom classes into operation, if this policy was really effective and if it reached all those involved, it is another research.

**Keywords:** Covid-19. Education. Goiás State, SEDUC. Pandemic.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação Unades del Sol – Paraguai. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Padrão, 2004. Coordenadora pedagógica no Colégio da Polícia Militar, Goiás. Professora do Ensino Fundamental I pela Secretaria Municipal de Educação Guapó. Goiânia, Goiás, Brasil.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, as ações ligadas à pandemia da Covid-19 surgiram no início do mês de fevereiro de 2020, devido à volta dos 34 brasileiros que moravam em Wuhan (cidade chinesa epicentro da infecção na época). Após 25 dias, enquanto outros países da Europa haviam noticiado centenas de casos, confirmou-se a primeira contaminação no Brasil. Apesar de descartar dezenas de casos, cerca de um mês após o primeiro, o Ministério da Saúde monitorava mais de 400 casos suspeitos. Cerca de seis meses depois, em setembro, o país tornou-se o 2º país com maior número de contaminados, com mais de 4 milhões de casos e até agora mais de 150 mil pessoas mortas.

Nesse contexto, as medidas adotadas pelo governo federal foram amplamente criticadas por cidadãos, gestores públicos e profissionais de saúde, sobretudo no que diz respeito às estratégias adotadas para a manutenção das atividades e do comércio funcionando normalmente. Na contrapartida de países como Nova Zelândia e a Austrália que se tornaram referência no controle da doença, o governo federal afastou-se das recomendações dadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e manteve atrasos nas instruções e advertências à população.

Em relação aos impactos da pandemia do novo coronavírus na educação brasileira, pode-se dizer que desde o início do ano de 2020 cerca de 1.5 bilhão de estudantes ficaram fora da escola em mais de 160 países, segundo relatório do Banco Mundial. De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), dadas às circunstâncias conjunturais, espera-se a implementação de planos e estratégias alternativas para a continuidade e proteção das oportunidades educacionais durante este período. Segundo o roteiro elaborado pela Organização, “as necessárias medidas de isolamento social causarão uma interrupção na educação escolar por vários meses, na maioria dos países do mundo” (REIMERS; SCHLEICHER, 2020, p. 48), o que exige intervenções governamentais.

A partir dessa perspectiva, este trabalho busca refletir acerca das medidas e políticas educacionais adotadas pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUC), tendo como referência também o trabalho desempenhado pelo Governo Federal. Objetiva-se, principalmente, analisar as respostas educacionais adaptativas do estado de Goiás no que tange às escolas públicas de educação básica diante da situação de isolamento social. Para isso, utilizar-se-á de dados e informações disponíveis via lei de acesso à informação e publicadas no site da Seduc, e algumas experiências efetivas que ocorreram no período. Os dados analisados correspondem ao período do primeiro semestre de 2020 e a pesquisa tem um caráter exploratório, bibliográfico e documental, procurando evidenciar as regularidades encontradas nesse processo de implementação de ensino e aprendizagem de modo remoto emergencial no estado de Goiás.

## EDUCAÇÃO, PANDEMIA E O MODELO REMOTO NO BRASIL

A educação pública no Brasil é fruto de uma luta histórica, que sofre diferenças mudanças conforme o projeto político vigente, correspondendo a um direito social básico garantido na Constituição Federal de 1988, e em leis e diretrizes subsequentes. Nas últimas duas décadas a educação no país tem sido alvo de grandes transformações, que vai desde

a expansão de investimentos em instituições de educação infantil e superior, com aberturas de vagas, políticas de acesso e permanência para as camadas mais pobres da sociedade, mas que não foram suficientes para sanar as desigualdades históricas do país, que perpassa as oportunidades de ensino e desenvolvimento social a partir da educação.

Apesar da tentativa de investimentos na educação, a qualidade do ensino não acompanha essas transformações, sendo que o Brasil avançou no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) em todas as etapas de ensino, mas apenas a primeira fase do ensino fundamental do 1º ao 5º ano teria cumprido a meta estabelecida para o ano de 2019, segundo Agência Brasil (2020).

Medido a cada dois anos, o Ideb é o principal indicador de qualidade da educação brasileira. O índice registrado nos anos iniciais no país passou de 5,8, em 2017, para 5,9, em 2019, superando a meta nacional de 5,7 considerando tanto as escolas públicas quanto as particulares. Nos anos finais do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, avançou de 4,7 para 4,9. No entanto, ficou abaixo da meta fixada para a etapa, 5,2. No ensino médio, passou de 3,8 para 4,2, ficando também abaixo da meta, que era 5 (TOKARNIA, 2020, s.p).

Alguns problemas evidenciados no relatório são as próprias desigualdades que compõem o sistema de ensino estadual, municipal e privado, que apesar das diretrizes, não seguem os mesmos padrões educacionais. Desigualdades essas que tem se agravado com a pandemia da Covid-19, alastrando-se pelo país em meados de março de 2020, afetando diretamente toda a composição da educação no país, com medidas de isolamento social rigoroso, a união, os estados e municípios tiveram que implantar de forma abrupta, o Ensino Remoto Emergencial (ERE), que combina aulas e atividades síncronas e assíncronas, levando às salas de aula para a virtualidade das redes mediadas pela Internet e ferramentas digitais.

Só que essas mudanças se impuseram de modo brusco, pegando os gestores, os professores, os responsáveis e os alunos de surpresa, afetando ainda mais a qualidade do ensino, alargando as desigualdades sociais que já eram tão evidentes no país. As tecnologias vêm sendo incorporadas cada vez mais em nossas vidas, e apesar da modalidade de ensino a distância (EAD) já ser uma realidade brasileira, a modalidade remota teve que ser implementada por causa dos efeitos nocivos do coronavírus, não fazendo parte de um planejamento sistemático, de estudos que avaliassem as viabilidades ou exclusão desse tipo de ensino, o que é dificultado pelas próprias especificidades do momento, já que as rotinas das famílias se alteraram, os espaços podem não ser adequados a uma prática de estudos, nem todos os envolvidos têm acesso à Internet e as ferramentas necessárias para participarem das aulas, o que dificulta a garantia de igualdade prevista nas leis, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, adolescentes e adultos estudantes.

O Ministério da Educação (MEC) foi responsável por homologar uma série de diretrizes sobre o ensino durante a pandemia, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Um despacho de 29 de maio de 2020 autoriza a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais, para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia do novo coronavírus. O MEC flexibilizou os 200 dias letivos que compõem a obrigatoriedade do ensino básico, mas não flexibilizaram às 800 horas de atividades, o que exige uma readequação de todos

os envolvidos para o cumprimento das metas.

A discussão em torno do ensino mediado por tecnologias digitais já vem sendo debatida no Brasil, mas com muita resistência, principalmente quando se fala em educação infantil e os níveis fundamentais da educação básica, mas que teve que ser repensado durante o período da pandemia, que impôs a necessidade de pensar como as tecnologias podem ser inseridas em sala de aula, principalmente no modelo remoto. Sobre o contexto em que estamos vivendo, Moreira e Schlemmer (2020, p. 6) argumentam que devemos considerar as tecnologias como uma “oportunidade de inovação, de integração, inclusão, flexibilização, abertura, personalização de percursos de aprendizagem, mas esta realidade exige uma mudança de paradigma”.

A pandemia do novo coronavírus impulsionou uma migração do modelo educacional presencial, delimitado por espaços físicos e geográficos para uma educação virtualizada, que acontece na realidade online, de modo que as práticas de ensino tradicionais de sala de aula foram transportadas e recriadas para a realidade virtual, através desse ensino remoto de emergência. Segundo Virginio (2020), os diferentes contextos regionais, locais, a questão da diversidade (objetiva e subjetiva) das famílias, alunos e professores deveriam ser consideradas para que essas políticas tivessem uma maior aplicabilidade, dimensão e qualidade das ações desenvolvidas, tanto pelo estado e governantes como gestores educacionais.

Para Moreira, Henriques e Barros (2020, p. 352) a pandemia gerou essa “obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade *online*, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem”. Os autores destacam que ocorreu uma espécie de youtuberização da profissão de professor nesse cenário remoto, já que foram inseridos em rotinas de gravação de vídeos, acessos a plataformas virtuais para ministrar aulas síncronas, construção de fóruns e outros elementos que adapte o conteúdo do ensino tradicional com as possibilidades tecnológicas, de modo a prender cada vez mais a atenção do aluno, transmitindo conteúdo, ensinando e também aprendendo.

Sobre o professor recaíram diferentes funções como criar esses conteúdos online com diferentes recursos digitais, além de ter que avaliar as atividades, dinamizar e motivar os discentes em suas diferentes dificuldades, orientando gestores e responsáveis sobre como proceder nesse novo cenário educacional. Para que haja sucesso nesse novo modelo de ensino, as orientações e informações sobre as aulas e atividades a serem desenvolvidas devem ser precisas, se possível criando guias pedagógicos para orientar os alunos e os seus responsáveis sobre as atividades a serem desenvolvidas ao longo da semana, e possíveis caminhos a serem percorridos.

Salientam que “É, pois fundamental criar uma boa estrutura de comunicação para gerar uma autêntica comunidade virtual de aprendizagem, onde o estudante se sinta conectado e motivado” (MOREIRA; HENRIQUE; BARROS, 2020, p. 354). O professor é o ator mais presente nesse novo modelo, já que é o mediador de todas as relações de dificuldade e aprendizagem entre as partes envolvidas nesse novo processo de ensino e aprendizagem via ERE. O MEC publicou algumas orientações para que a educação e as escolas mantenham o fluxo de atividades não presenciais enquanto durar o período de isolamento e a situação de emergência. Algumas sugestões do órgão sobre as diferentes

etapas de ensino foram:

Quadro 1: Orientações gerais do MEC sobre o ensino durante a pandemia – 2020.

Educação Infantil	Ensino Fundamental e Médio	Ensino Superior e EJA	Educação Especial	Educação Indígena, do Campo e Quilombola
Creche e pré-escola: aproximação do professor com a família (virtual); estreitar os vínculos; atividades lúdicas visando o desenvolvimento. Grande desafio.	Anos Iniciais: atividades práticas e estruturadas, e não devem exigir que os responsáveis dos alunos substituam o trabalho do professor;  Anos Finais e Ensino Médio: explorar a autonomia dos estudantes, atividades e vídeos educativos.	Ensino Superior: disponibilizar atividades não presenciais;  EJA: as atividades remotas devem considerar as condições de vida do estudante, harmonia entre rotina de trabalho e estudos.	Incluir os estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades, com parcerias entre profissionais especializados e professores, além de apoio aos responsáveis.	As escolas poderão ofertar parte das atividades escolares em horário de aulas normais e parte em forma de estudos dirigidos e atividades nas comunidades.

Fonte: elaboração própria a partir de informações no site <https://www.gov.br/pt-br>.

O MEC atua sobre várias frentes, fornecendo orientações gerais que devem ser seguidas pelos estados na área educacional. Durante a pandemia, diferentes ações e políticas teve que ser elaboradas e colocadas em ação para que o sistema educacional e a saúde pública sofressem os menores prejuízos possíveis, lembrando que no enfrentamento do vírus essas áreas caminham juntas, pois são as instituições universitárias as maiores produtoras de pesquisa no país, carecendo de maiores investimentos na ciência e em pesquisas, o que está sendo feito durante a pandemia. Algumas ações a níveis nacionais especificamente na área da educação básica com destaque para o Ensino Fundamental foram:

- **Destinação de alimentos da merenda escolar:** distribuir com os responsáveis dos alunos alimentos com recursos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), devido às suspensões das aulas presenciais, a intenção é fornecer a alimentação que a criança teria direito na escola para ser consumido em casa, o que auxiliaria principalmente as famílias de baixa renda;
- **Dias letivos:** as escolas de educação básica poderão distribuir a carga horária em um período diferente aos 200 dias letivos em lei;
- **Criação do Comitê Operativo de Emergência (COE):** que será responsável por distribuir as diretrizes para a rede de ensino do país, onde “o objetivo é estabelecer diálogo, reunir as demandas e buscar soluções para mitigar os impactos da pandemia do coronavírus” (BRASIL, 2020);
- **Reforço em materiais de higiene nas escolas:** anunciou repasse de recursos para o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) para as escolas públicas.

cas. Esse dinheiro é para intensificar compra de produtos de higiene e álcool que devem ser utilizados quando a escola voltar com o modelo presencial;

- **Curso on-line para alfabetizadores:** oferecido a professores, coordenadores, diretores, gestores, assistentes e pais interessados. Ensinam métodos para educação e aplicação de atividades, para o ensino fundamental. Segundo informações do portal, “o curso faz parte do programa Tempo de Aprender, baseado em evidências científicas” (BRASIL, 2020).

Essas foram as primeiras e principais medidas adotadas pelo MEC no cenário nacional sobre a educação básica no Brasil durante a pandemia, e que refletiram diretamente nas medidas adotadas pelos diferentes estados. Nesse estudo focaremos exclusivamente nas políticas implementadas pelo estado de Goiás, nas escolas de ensino fundamental, procurando identificar algumas regularidades em relação à norma e a aplicabilidade na prática, teremos como fonte de dados os decretos publicados a níveis estaduais e o portal da SEDUC, filtrando apenas notícias e conteúdos relacionados à educação básica e a pandemia da Covid-19, entre março e agosto de 2020.

## **O MODELO DE ENSINO EMERGENCIAL REMOTO NAS POLÍTICAS DO GOVERNO DE GOIÁS**

O governador do estado de Goiás Ronaldo Caiado (DEM) foi um dos primeiros a adotar decretos de isolamento social, fechando o comércio, escolas e atividades culturais, sendo criticado inclusive pelo presidente Jair Bolsonaro, seu aliado, mas que era contra essas medidas drásticas de isolamento. Nessa parte do artigo, traremos algumas medidas adotadas pelo governo de Goiás através de decretos estaduais e de notícias oficial da SEDUC, procurando apontar algumas regularidades, situando ainda os limites e as possibilidades desse modelo para o Ensino Fundamental.

No dia 15 de março foi estabelecido na 1ª norma técnica da Secretaria de Estado da Saúde (SES-GO) e que também continham diretrizes para a educação e o ensino com “a orientação do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 14 de março de 2020, de que, se necessário, as instituições poderão repor as aulas no próximo ano para cumprir os 200 dias letivos anuais exigidos na legislação”. Analisamos a página oficial da Secretaria da Casa Civil do governo do estado de Goiás, e entre o dia 27 de março a 14 de setembro de 2020, foram publicados 31 decretos sobre a pandemia e 17 notas técnicas, portarias e outras. Desses, apenas dois tratam diretamente da educação e da escola, o primeiro que estabelece a situação de emergência e que foi renovado algumas vezes em relação ao prazo do decreto e outro sobre a alimentação escolar.

- **Decreto nº 9.633, de 13 de março de 2020:** Dispõe sobre a decretação de situação de emergência na saúde pública do Estado de Goiás, em razão da disseminação do novo coronavírus (2019-CoV). Esse decreto tem validade de 180 dias, e no artigo 7º é definido que caberá ao titular da Secretaria da Educação, com o apoio técnico da Secretaria de Estado da Saúde, avaliar e adotar medidas preventivas à disseminação do coronavírus nas escolas públicas;

- **Decreto nº 9.643, de 25 de março de 2020:** Regulamenta o programa de alimentação escolar da rede pública de ensino durante o período de suspensão das aulas para enfrentamento ao Covid-19 e dá outras providências, sendo

que o artigo 2º define que o valor do aporte diário individual em R\$5,00 (cinco reais) por refeição, quando a escola voltar a funcionar, o valor retorna para o programa de alimentação escolar da Secretaria da Educação.

As escolas do estado de Goiás estão sem funcionar presencialmente desde o decreto do dia 13 de março, mas o regime emergencial de aulas não presenciais foi implantando, já caminhando para o segundo semestre do ano. Fizemos uma análise no site da Secretaria da Educação SEDUC GO, entre os meses de março e agosto de 2020, onde foram publicadas variadas notícias sobre educação e as políticas de estado na área, mas nos concentramos em filtrar as que continham na chamada inicial o tema da pandemia e as ações e políticas que foram colocadas em prática a partir dessa excepcionalidade, selecionando durante esses seis meses, ao todo 100 notícias.

Inicialmente, adentramos o site da SEDUC oficial, e começamos a nossa busca no dia 01 de janeiro de 2020, onde as notícias se concentravam na retomada do ano letivo e algumas ações que o governo do estado vinha tomando, como reformas das escolas e entrega de 40 mil cadeiras novas. Só no dia 4 de março publicam a primeira notícia sobre o novo coronavírus, os sintomas e formas de tratamento na página oficial da Secretaria. Em 16 de março é decretada a suspensão das aulas presenciais, logo é cogitado o ‘regime especial de aulas não presenciais’, que vigora até os dias atuais.

Abaixo expomos uma nuvem de palavras dos termos mais frequentes identificados nesse conjunto de enunciados das notícias selecionadas no site, onde não adentramos o conteúdo da notícia, apenas a chamada principal. Esse software trabalha com até 260 palavras por análise e quanto maior a palavra, mais vezes ela apareceu no conjunto de enunciados.

Figura 1: Nuvem de palavras dos enunciados das 100 notícias – SEDUC 2020.



Fonte: elaboração própria no site: [jasondavies.com/wordcloud/](https://jasondavies.com/wordcloud/).

Foram vários os assuntos abordados em torno do tema central que é a pandemia

da Covid-19 e a educação, mas alguns se mostraram extremamente regulares dentre eles: cursos e formações online para professores; material e ferramentas didáticas para os alunos, professores e em alguns casos, público em geral; aulas não presenciais e estratégias de ensino. Também foram oferecidos materiais e cursos para tutores, publicados decretos de renovação do isolamento, assuntos sobre o ENEM, pessoal de apoio e políticas de repasse de renda para alimentação dos alunos, com destaque para os informativos e as ações da SEDUC em todos esses contextos.

Nesse 'regime especial de aulas não presenciais', segundo informações da própria secretaria, a SEDUC emitiu orientações para as escolas estaduais sobre como organizar os planos de atendimento para que ocorra de modo satisfatório essas aulas não presenciais. O Conselho Estadual de Educação de Goiás (CEE) afirma que o regime especial de aulas não presenciais define em, cito:

Todo o Sistema Educativo do Estado, a possibilidade de manutenção das atividades pedagógicas sem a presença de alunos e professores nas dependências das unidades escolares. O regime de aulas não presenciais engloba todas as escolas e todas as etapas e modalidades de ensino da Educação Básica. O regime especial tem caráter de excepcionalidade e vem permitir, neste período em que estão suspensas as aulas nas escolas públicas e particulares em decorrência do coronavírus, a produção de material e de atividades pedagógicas e complementares, sua oferta aos estudantes e o atendimento escolar que será contado como dia letivo (GOIÁS, 2020f).

Os dez termos mais recorrentes nessas 100 notícias têm muito a nos dizer sobre quais são os principais atores envolvidos, as políticas adotadas e a rede de ensino. Cabe a SEDUC realizar o apoio operacional e pedagógico tanto para os alunos como para os professores da rede pública estadual, em todo o estado de Goiás. Tanto o coordenador pedagógico como os gestores educacionais devem coordenar essa implementação do regime especial de aulas não presenciais em suas unidades escolares, tomando os cuidados necessários para evitar o risco de contágio e disseminação do coronavírus. As dificuldades de operacionalização e os caminhos percorridos pelas instituições, os gestores e professores não é objeto desse estudo, mas que instiga futuras investigações, de modo a avaliar como essas políticas foram recebidas e acatadas pelos diferentes atores envolvidos.

Figura 2: Nuvem de Palavras dos 10 termos mais frequentes nas notícias selecionadas





Fonte: elaboração própria no <https://www.jasondavies.com/wordcloud/>.

Na figura 2, podemos perceber que os termos aulas, Goiás e presenciais se destacam quanto ao tamanho das palavras, se tornando os mais evidentes, seguidos de Governo, Educação, professores, estudantes (representando os principais grupos de interesse envolvidos), e das palavras não que nos enunciados tinha relação com a questão das 'aulas não presenciais', seguido da palavra rede e estadual, que corresponde ao foco da nossa análise. Ainda nessa orientação geral sobre esse modelo, de acordo com a Resolução do CEE, "todo o planejamento, bem como o material didático adotado, deve estar em conformidade com Projeto Político Pedagógico da escola e deverá refletir, na medida do possível, os conteúdos já programados para este período" (GOIAS, 2020f). Ainda como orientação, cabe às escolas:

- Planejar e elaborar as ações tanto pedagógicas como administrativas, viabilizando materiais de estudo e aprendizagem, além de estratégias de comunicação e divulgação de fácil compreensão por parte dos alunos e dos seus responsáveis, que auxiliarão no processo educacional;
- Preparar materiais específicos para cada etapa e modalidade de ensino, utilizando as ferramentas e plataformas necessárias, e mídias que facilitem o aprendizado, como vídeos, e-mails, redes sociais, etc.;
- Registrar frequência, fazer relatórios, acompanhar a evolução das atividades e organização de materiais avaliativos.

Nessa resolução, também teve a possibilidade de que se o gestor manifestasse impossibilidade de execução dessas orientações, apresentando justificativa e calendário de reposição das aulas referentes ao período vigente do modelo regime especial de aulas não presenciais para ser avaliado pela secretaria. No portal da transparência dessa secretária sobre as ações e políticas educacionais, foi possível perceber os seis principais eixos de atuação da SEDUC durante a pandemia, e quais ferramentas foram criadas e colocadas em ação no processo de ensino e aprendizagem de modo emergencial e especial, mediado pela Internet.

A principal ferramenta é o Portal NetEscola, direcionado para professores e alunos da rede pública, na qual disponibiliza os conteúdos para o ensino e pesquisa, atividades e outros materiais que auxiliarão nos estudos em casa. O site divide os conteúdos por etapas de ensino, com séries correspondentes para serem utilizados durante o isolamento social, passando pelo Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, EJA e material para o ENEM, onde cada plataforma é alimentada com material específico, procurando sanar as dificuldades educacionais do momento. Uma das políticas sugeridas pelo estado, é que seja fornecido material impresso para os alunos que não tenham acesso à Internet ou ferramentas digitais, como o computador ou celular que suporte a carga de estudos, procurando diminuir as desigualdades sociais agravadas pelo momento excepcional e a anormalidade causada pela pandemia.

Figura 3: Plataformas e eixos de atuação do Estado de Goiás na área da educação durante a pandemia da Covid-19.



Fonte: <https://site.educacao.go.gov.br/pandemia/>.

Cada um desses links redireciona páginas específicas que possui uma variada gama de interfaces, abrangendo a maior quantidade de informações sobre o assunto. Nesses eixos de atuação, é possível encontrar documentos e as resoluções do CEE, que estão disponíveis para os usuários, pesquisadores e quem possa interessar. O programa de alimentação escolar, representando a principal política do governo do estado de Goiás durante a pandemia ligada à educação, pois as disparidades econômicas também refletem na mesa das famílias brasileiras, onde em muitos casos, a escola auxiliava na complementação da alimentação diária que a criança necessita para se manter saudável e nutrida, por isso a necessidade de continuar auxiliando as famílias nesse sentido, sendo que o estado já repassou sete parcelas desse benefício aos alunos da rede, com média de R\$ 75,00 aluno/mês.

Outro eixo importante relaciona-se as documentações que foram sendo expedidas ao longo do período e o programa de monitoramento das aulas, outra inovação do estado para enfrentar as dificuldades imposta pelo regime especial de aulas não presenciais e que é feito através da resposta de um questionário online, onde o respondente marca a série, o nome do tutor, tipo de ensino, entre outras especificidades ligadas a sua instituição específica. O relatório analítico das escolas é uma ferramenta que permite acompanhar a quantidade de escolas que participam do programa e o funcionamento diário dessas instituições, inclusive monitorando a frequência e os alunos que não tem acesso à Internet. No total, são 1001 escolas no estado sendo monitoradas, somando 527.129 estudantes em suas variadas etapas da educação básica, o que demonstra certo controle da política implementada pelo estado através dessa ferramenta de monitoramento, fornecendo métricas e estatísticas online que permitem compreender o período do regime especial de aulas não presenciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo trata-se de uma reflexão sobre as políticas e ações impulsionadas pelo governo do estado de Goiás na área da educação, com destaque para as orientações presentes no site da SEDUC, além de leis, normas, decretos e portarias que foram expedidas ao longo desses últimos seis meses de pandemia da Covid-19 e que atingiram a regularidade escolar e o modelo presencial de ensino, onde alunos e professores conviviam em um

espaço físico e geográfico, que foi momentaneamente substituído pelo ambiente virtual, online e remoto, de modo emergencial, que tende a permanecer com algumas especificidades que vão sendo aprimoradas.

Já existia um debate controverso em torno da implementação ou não de tecnologias nos modelos tradicionais de ensino, mas que sempre enfrentou muita resistência, principalmente relacionado à educação básica, mas que nesses tempos de pandemia, foi reconfigurado e trazido à cena como uma necessidade que surgiu abruptamente e que devia ser resolvida rapidamente, de modo que cada gestor ficou responsável por coordenar as políticas de sua jurisdição, no caso estudado, nos concentramos nas políticas educacionais a níveis estaduais, com foco no governo do estado de Goiás, representado via SEDUC.

Ao adentrar o espaço virtual da secretaria do estado para compreender a dinâmica dessa rede, as ações e políticas adotadas, nos surpreendemos com a quantidade de conteúdo e soluções ‘inventadas’ em pouco tempo, o que nos instiga a permanecer pesquisado sobre o tema, no intuito de desdobrar a efetividade dessas políticas, procurando avaliar como os indivíduos envolvidos perceberam e viveram esse ensino na prática, se as métricas do estado correspondem à realidade do que significa ter feito parte desse regime especial de aulas não presenciais.

Moreira e Schlemmer (2020) nos convidam a pensar nas possibilidades e nas oportunidades que esse período impôs, abrangendo o debate e buscando soluções para um ensino que consiga fundir tecnologia e aprendizagem da melhor maneira possível, onde se torna “urgente e necessário transitar deste ensino remoto de emergência, importante numa primeira fase, para a educação digital de qualidade que defendemos” (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 7). Essa educação de qualidade que se apropria das tecnologias digitais deve ser considerada nos novos modelos educacionais do século 21, que os autores designam como uma ‘Educação Digital *Onlife*’ que representaria esse novo paradigma educacional, abordando a educação digital como um movimento contínuo entre atores humanos e não humanos, já que as máquinas e as tecnologias também e fundamentalmente exercem agência nesses contextos.

As redes de comunicação e de ensino não são devem ser vistas apenas como instrumentos ou apoio pedagógico, devem ser encarados como uma possibilidade de conectar pessoas, processos e redes, e o ensino pode fazer parte dessa nova conjuntura, não nos esquecendo do papel que o professor possui nessa intermediação, pois todos os envolvidos são sujeitos ativos desse processo e não podem ser reduzidos a meros transmissores, tutores ou receptores de conteúdo e monitoramento de carga horária. Nessa nova conjuntura de ensino ‘virtual’, digital e online, de modo não presencial, necessitamos de maior envolvimento tanto dos profissionais da educação, como dos alunos e familiares, que também foram ‘obrigados’ a participar desse processo, como uma espécie de tutor, principalmente das crianças menores, do Ensino Fundamental I.

Analisando as ferramentas e os decretos publicados pelo estado de Goiás, concluímos que os gestores tentaram acompanhar a realidade imposta pela pandemia, que defende o isolamento social como meio de contenção e proliferação do vírus, representando uma das medidas sanitárias indicadas pela Organização Mundial da Saúde como sendo uma das mais eficazes. Elaboraram uma política pública em pouco tempo e colocaram o regime especial de aulas não presenciais em funcionamento, com a utilização de varia-

dos materiais interativos publicados na Internet e para todas as faixas de ensino básico, inclusive nas escolas do EJA, se essa política foi realmente eficaz e se alcançou a todos os envolvidos pode ser objeto de futuras pesquisas.

O que tem que ficar marcado é que a diminuição da desigualdade de acesso e o aumento da igualdade de oportunidades continuam sendo uma das preocupações presentes nos debates e políticas implementadas pelos gestores, se mostrando extremamente regulares nas notícias publicadas pela SEDUC, mas que não pode ser avaliada nesse artigo por não fazer parte do nosso escopo de análise. Aparentemente, o estado de Goiás tem acompanhado e respondido positivamente aos desafios impostos pela pandemia da Covid-19, como exposto no artigo, mas o desafio que permanece aos gestores e aos profissionais de educação é tentar manter a interação, a qualidade e o desenvolvimento educacional dos alunos nessa modalidade virtualizada, onde ninguém deve ficar para trás por falta de acesso ou oportunidades, além da necessidade de flexibilizar e recriar novos processos avaliativos, para não cumprir meras formalidades de carga horária e ‘assimilação de conteúdo’.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação (2020). **Saiba quais as ações o MEC está realizando para o enfrentamento ao coronavírus**, Brasília, 08. abr.2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/04/saiba-quais-acoes-o-mec-esta-realizando-para-enfrentamento-ao-coronavirus>. Acesso em: 28 set.2020.

GOIÁS. **Conheça os decretos e normas sobre o combate à pandemia do coronavírus**, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://www.casacivil.go.gov.br/noticias/9033-legisla%C3%A7%C3%A3o-sobre-o-coronav%C3%ADrus-Covid-19.html>. Acesso em: 28 set.2020.

GOIÁS. **Decreto nº 9. 634, de 13 de março de 2020**. Secretaria de Estado da Casa Civil, Governo do Estado de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: [https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa\\_legislacao/103011/decreto-9634](https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/103011/decreto-9634). Acesso em: 30 set.2020.

GOIÁS. **Todas as Notícias**. Secretaria de Estado da Educação, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://site.educacao.go.gov.br/noticias/>. Acesso em: 28 set.2020.

GOIÁS. **Decreto nº 9.643, de 25 de março de 2020**. Secretaria de Estado da Casa Civil, Governo do Estado de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: [https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa\\_legislacao/103078/decreto-9643](https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/103078/decreto-9643). Acesso em: 30 set.2020.

GOIÁS. **Nota técnica SES-GO**. Secretaria de Estado da Saúde, Goiânia, 2020. Disponível em: [https://www.saude.go.gov.br/files/banner\\_coronavirus/notastecnicas\\_1a4.pdf](https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/notastecnicas_1a4.pdf). Acesso em: 30 set.2020.

GOIÁS. **Escolas estaduais deverão adotar ‘regime especial de aulas não presenciais’**. Secretaria de Estado da Educação, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://site.educacao.go.gov.br/escolas-estaduais-deverao-adotar-regime-especial-de-aulas-nao-presenciais-aprovado-pelo-cee-nesta-terca-feira-17-03/>. Acesso em: 21 set.2020.

GOIÁS. **Relatório Analítico das Escolas**. Painel de Monitoramento. Superintendência de Organização e Atendimento Educacional. Secretaria de Estado da Educação, SEDUC, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/view/gestaodasescolas-ead/painel-de-monitoramento>. Acesso em: 04 out.2020.

MOREIRA, José Antônio M; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. **Transitando de um ensi-**

**no remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.** Dialogia, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341885804\\_Transitando\\_de\\_um\\_ensino\\_remoto\\_emergencial\\_para\\_uma\\_educacao\\_digital\\_em\\_rede\\_em\\_tempos\\_de\\_pandemia](https://www.researchgate.net/publication/341885804_Transitando_de_um_ensino_remoto_emergencial_para_uma_educacao_digital_em_rede_em_tempos_de_pandemia). Acesso em: 25 out.2020.

MOREIRA, José Antônio; SCHLEMMER, Eliane. **Por um conceito e paradigma de educação digital onlife.** Revista UFG, Goiânia, v. 20, p. 1-35, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772>. Acesso em: 01 out.2020.

REIMERS, Fernando M.; SCHLEICHER, Andreas. **Um roteiro para guiar a resposta educacional à Pandemia da Covid-19 de 2020.** Tradução Raquel de Oliveira, revisado por Teresa Pontual e Claudia Costin. Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, 2020. Disponível em: [https://globaled.gse.harvard.edu/files/geii/files/um\\_roteiro\\_para\\_guiar\\_a\\_resposta\\_educacional\\_a\\_pandemia\\_da\\_Covid-19\\_reimersschleicher\\_ceipe\\_30032020\\_1.pdf](https://globaled.gse.harvard.edu/files/geii/files/um_roteiro_para_guiar_a_resposta_educacional_a_pandemia_da_Covid-19_reimersschleicher_ceipe_30032020_1.pdf). Acesso em: 19 out.2020.

TOKARNIA, Mariana. **Brasil avança no Ideb, mas apenas ensino fundamental cumpre meta.** Agência Brasil, Rio de Janeiro, 15. set.2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-avanca-no-ideb-mas-apenas-ensino-fundamental-cumpre-meta>. Acesso em: 02 out.2020.

VIRGINIO, Alexandre Silva. **Educação, Desigualdade e Covid-19.** Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/UFRGS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/educacao-desigualdade-e-Covid-19>. Acesso em: 02 out.2020.

# GESTÃO ESCOLAR, PLANEJAMENTO E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: PRÁTICAS E CONCEPÇÕES

*Jucenilton Alves dos Santos<sup>1</sup>*

## RESUMO

No cenário educacional atual, no qual se configuram as práticas democráticas e participativas da gestão escolar, a construção do Projeto Político Pedagógico representa o elemento essencial nesta nova concepção. Isto porque, quanto maior a integração da comunidade escolar em torno de suas ações, objetivos e metas, melhores serão os resultados alcançados e desejados. O presente trabalho intitulado, Gestão escolar, planejamento e projeto político pedagógico: práticas e concepções, partiu da necessidade de se desenhar um instrumento norteador das práticas educativas, funcionamento e organização da unidade escolar, com a participação de todos os seus segmentos que a compõe. No que tange às diferentes discussões aqui apresentadas, além do Projeto Político Pedagógico, discutiremos sobre gestão democrática e planejamento. Para isso, utilizamos autores como Elliot (1994), Padilha (2002), Libâneo (2004), Cacasus (2001), entre outros de igual relevância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Projeto Político Pedagógico. Planejamento. Gestão democrática.

## ABSTRACT

In the current educational scenario, in which democratic and participative school management practices are configured, the construction of the Political Pedagogical Project represents the essential element in this new conception, This is because, the greater the integration of the school community around its actions, objectives and goals, the better the results achieved and desired. The present work entitled, School management, planning and pedagogical political project: practices and conceptions, started from the need to design an instrument to guide the educational practices, functioning and organization of the school unit, with the participation of all its segments that comprise it. Regarding the different discussions presented here, in addition to the Political Pedagogical Project, we will discuss democratic management and planning. For this, we used authors such as Elliot (1994), Padilha (2002), Libâneo (2004), Cacasus (2001), among others of equal relevance.

**KEYWORDS:** Pedagogical Political Project. Planning. Democratic management.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

## INTRODUÇÃO

Levando em consideração a importância do Projeto Político Pedagógico (doravante PPP), dentro das perspectivas da gestão democrática, transformando suas práticas, sua relação com a cultura, com a cidadania, com a democracia, revendo também seus limites e possibilidades no enfrentamento das questões que lhe são postas na atualidade pretendemos neste trabalho, verificar, discutir e encontrar subsídios acerca do PPP, assim como nortear discussões que possam ser desenvolvidas nas unidades escolares de forma democrática como definir os objetivos do planejamento e da avaliação escolar.

Em função das demandas que hoje são colocadas para a educação, o grande desafio é a redefinição da função social da escola, transformando suas práticas, sua relação com a cultura, com a cidadania, com a democracia, revendo também seus limites e possibilidades no enfrentamento das questões que lhe são postas na atualidade. Para tanto é preciso que a escola busque uma nova forma de organização e gestão que contemple suas necessidades e as necessidades do grupo ao qual ela serve.

Todas as escolas têm que ter uma alma, uma identidade, uma qualidade que a faz ser incomparável para todos que nela passam uma parte de suas vidas, ou seja, alunos, professores e funcionários em geral. Essa ligação cognitiva e afetiva deve ser construída a partir das experiências propiciadas a toda a comunidade escolar. E essa preocupação deve estar presente na construção do PPP, que deve permitir o fortalecimento da identidade da escola. Em relação a este aspecto, a comunidade escolar deve levantar as características atuais da mesma, suas limitações e possibilidades, os seus elementos identificadores, a imagem que se quer construir quanto a seu papel na comunidade em que está situada.

O momento atual da educação, onde se vivenciam novas práticas e concepções, está marcado por uma efervescência de interesses e necessidades no que tange ao novo modelo de escola ou melhor de sua gestão. Aqui, vimos crescer cotidianamente, seja nos discursos ou na implementação de novas políticas públicas, o interesse por uma maior autonomia da escola. Esta, neste cenário, ganhou em maior abertura e participação da comunidade, situações que em períodos anteriores, eram marcas da burocracia exagerada advindas de um paradigma científico-racional.

Ao orientar suas ações para uma maior participação de todos os segmentos escolares, considerando o melhoramento do processo educativo, como meta a alcançar, objetivando uma oferta que prime pela qualidade do ensino e da aprendizagem do educando, a autonomia da escola representa um dos mecanismos necessários rumo ao processo compartilhado de planejamento e da gestão escolar. É também, conforme as políticas de educação, condição às práticas democratizadoras no espaço escolar.

Nesse contexto, de democratização e de maior autonomia, tem-se na escola a implementação do seu PPP, bem como a criação de outros importantes mecanismos, a saber: os conselhos escolares, associação de pais, grêmios estudantis e outros de igual comprometimento junto ao fortalecimento da gestão escolar.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nº 9394/96, especialmente no artigo 12, o conceito de autonomia apresenta um alargamento e aprofundamento para as novas incumbências dos estabelecimentos de ensino:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e

as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola. (LDB 9394/96 – Art. 12)

A autonomia, conforme a lei prever, garante às escolas a capacidade de governar-se e dirigir-se, dentro de certos limites, o caminho pelo qual a mesma escolhe para percorrer. Isto porque, como se sabe, existem as normas que regulam e orientam todas as ações previstas para a escola, desde seu tempo, sua organização, enfim uma série de limitações, que por vezes acabam por comprometer a autonomia vivida pela gestão da escola. Esta, por sua vez, enquanto instituição garantidora da transmissão do saber sistematizado, não é um fim em si mesmo, mas o “meio para atingir a finalidade de desenvolver o educando de maneira plena, de prepará-lo para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (LDB, art.22)”, referendados nos princípios de igualdade, liberdade e solidariedade humana.

Com base nesses pressupostos, entende-se a importância de se perceber a construção do PPP, como um dos canais de democratização e maior autonomia da escola. Este é também um dos grandes desafios, para o fortalecimento da gestão democrática. Pois, entende-se que

A gestão democrática exige a compreensão em profundidade dos problemas postos pela prática pedagógica. Ela visa romper com a separação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática. Busca resgatar o controle do processo e do produto do trabalho pelos educadores (VEIGA, 1997, p.18).

O PPP, nesse contexto, de gestão democrática, além de garantir o rompimento com as velhas e conhecidas práticas advindas da administração escolar, é também uma esperança ao novo, ao ideal, conforme Elliot,

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores (ELLIOT, 1994, p.579).

Libâneo (2004) também infere sobre PPP, trazendo algumas considerações, a citar: “É um documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola, expressando a síntese das exigências legais do sistema de ensino e os propósitos e expectativas da comunidade escolar.”

Diante das demandas do que se impõem à gestão democrática, está também o



planejamento. Este, conforme é pensado e materializado no dia a dia da escola, pode representar importante meio de aglutinação entre as diferentes práticas desenvolvidas na escola. O planejamento, como sabemos, faz parte de toda e qualquer organização. O mesmo norteia, direciona e sintetiza toda a ação educativa. É também ele responsável pelo fomento de estratégias e de tomada de decisões. Num sentido amplo, o ato de planejar, segundo Padilha (2002) é:

É um processo que visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e com quem se planeja. (PADILHA, 2002, p. 63).

Planejar então, é escolher, é definir o melhor caminho a percorrer, por meio dos quais nos possibilita aonde queremos chegar, bem como de que forma desenvolveremos as ações, considerando os recursos e os meios pelo qual dispomos, para alcançar nossas metas e objetivos, deverá perpassar pelo planejamento que se tem definido. Planejar é saber da grande necessidade que temos de dar o rumo certo para cada ação pensada.

Estas mudanças aqui tratadas, na gestão da escola, estão, como sabemos, intimamente ligadas ou melhor associadas à substituição do enfoque de administração pelo de gestão. Este processo de mudanças, no entanto, não se deu da noite para o dia, foi fruto de diferentes movimentos pela reforma educacional. Se em períodos anteriores o que primava era a expansão quantitativa dos sistemas de educação, mais tarde, o foco estaria voltado para a qualidade e a gestão na educação. Segundo Casassus (2001)

O conceito de gestão é considerado mais abrangente e sistêmico do que o conceito de administração, mostrando-se mais adequado para referir-se ao gerenciamento de sistemas descentralizados: O princípio que orientou esse processo foi que a gestão se tornaria mais flexível se a unidade de gestão [estivesse] constituída por unidades menores do que o sistema mais amplo (CASASSUS 2001, p.61).

Nesse sentido, o processo de construção do PPP dar-se-á mediante o estudo sobre a consolidação da gestão democrática e participativa e do planejamento a partir de uma abordagem qualitativa. O tipo de procedimento metodológico adotado deverá ser o da pesquisa-ação, pois se buscará, a partir da participação da comunidade escolar, desenvolver ações conjuntas voltadas para o fortalecimento da escola, mediante uma prática reflexiva e dialógica em que prime a ressignificação do espaço escolar, de sua gestão, da aprendizagem do educando enfim, do melhoramento das diferentes práticas educativa.

O PPP representará importante marco na gestão escolar, uma vez que este proporcionará aos alunos, professores e demais comunidade escolar, conhecer, refletir e intervir na sua realidade, objetivando desta maneira maior comprometimento de todos, junto ao projeto educativo que se quer construir para e pela escola, em conformidade com as novas diretrizes curriculares para uma educação emancipadora e de convivência democrática.

## **GESTÃO DEMOCRÁTICA, UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA NA CONSTRUÇÃO DO PPP.**

A palavra gestão, como sabemos, provém do verbo latino gero, gessi, gestum, gerere, e significa: levar sobre si, carregar, chamar a si, executar, exercer, gerar. Para Cury,

O termo gestão tem sua raiz etimológica em ger que significa fazer brotar, germinar, fazer nascer. A gestão implica um ou mais interlocutores com os quais se dialoga pela arte de interrogar e pela paciência em buscar respostas que possam auxiliar no governo da educação, segundo a justiça. Nesta perspectiva, a gestão implica o diálogo como forma superior de encontro das pessoas e solução dos conflitos (CURY, 2005, p.01).

Gestão aqui, como vimos, representa instrumento do diálogo, do encontro e de resolução para os diferentes conflitos encontrados numa perspectiva educacional. Podemos também dizer que seja esta uma interlocutora em diferentes ações articuladas e pensadas rumo a um objetivo comum.

A gestão escolar, concebida numa perspectiva democrática, representa uma das formas de democratização no espaço educativo. Aqui se pressupõe mudanças: na sua forma de organização, estrutura e funcionamento. Os objetivos tratados passam a ser comum e de todos, ou seja, é uma gestão participativa, construída na relação com o outro, de forma dialógica.

Com base nesse contexto, refletir a gestão do ponto de vista democrático é saber que sua base está constituída pela participação de seus membros e atores sociais (alunos, professores, pais, comunidade escolar) para a garantia do sucesso escolar. Participar aqui é também poder possibilitar novos espaços e mecanismos que viabilize a construção de uma práxis educativa concebida nos princípios de direitos humanos. Essa ideia, encontra-se definida na LDB, na qual em seu artigo 14 aponta que “os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, conforme cada peculiaridade”.

Bordignon e Gracindo ao abordarem a temática da gestão democrática, salientam que:

A gestão democrática para se constituir enquanto tal deve se amparar num paradigma emergente que tem como características básicas uma concepção dialética da realidade, o entendimento de que existe uma relação intersubjetiva entre sujeito e objeto do conhecimento e que entende o homem como sujeito histórico que sofre os condicionantes da realidade atual, mas que traz consigo a capacidade histórica de nela intervir (BORDIGNON; GRACINDO, 2002, p. 135)

O direito à educação de qualidade, via gestão democrática, ao permitir que as pessoas sejam escolarizadas e tenha uma boa formação, cria as condições para um melhor exercício da sua cidadania, já que adquirem ferramentas necessárias, para defenderem os demais direitos e/ou deles usufruírem. Uma educação que prime pelo ensino de qualidade, a partir dos direitos humanos, coloca seus educandos em condições de realização de seus projetos de vida além de lhes proporcionar maior autonomia.

Com base nesse contexto a participação da comunidade escolar é um dos traços que compõem o atual modelo de gestão democrática. Uma gestão compreendida nesses pressupostos se consolida como tal pela integração entre seus segmentos, pelo diálogo e

por processos de colaboração e comprometimento, considerando entre seus objetivos o fortalecimento das ações pedagógicas e o sucesso do educando.

Por conseguinte, a escola compreendida como espaço de construção democrático é também elemento essencial para o exercício de cidadania, uma vez que aqui todos são chamados a participar, interagir e contribuir com o melhoramento do ambiente educativo de forma dialógica e coletiva. Os projetos são formados considerando as necessidades e interesse do grupo e assim, todos saem ganhando, ou melhor, fortalecidos.

Finalmente, registramos que uma gestão democrática é construída no seu cotidiano por seus diferentes membros. Por mais que esta já se encontre constituída nos preceitos legais, uma gestão democrática se faz pelos atores sociais que compõem a escola no seu dia a dia, em conformidade com seu contexto, com sua realidade.

## PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Em meio às principais mudanças ocorridas no plano da gestão democrática, encontramos o PPP, tido e considerado como importante instrumento teórico metodológico que articula, norteia e orienta as principais ações escolares. O PPP como é chamado, representa um mecanismo da gestão a favor do melhoramento do ensino a partir de ações coletivas e integrativas.

A partir de uma análise epistemológica bem remota, segundo Ferreira (1975, p. 1.144)

o termo projeto vem do latim *projectu*, particípio passado do verbo *proji-cere*, que significa lançar para diante. Plano, intento, desígnio. Empresa, empreendimento. Redação provisória de lei. Plano geral edificação.

Com base nesse contexto, o trabalho coletivo e o compromisso com a transformação social colocam, pois, o PPP como elemento essencial, quando se pretende pensar e realizar a gestão democrática da escola. Os atores sociais compreendidos aqui por diretores, coordenadores, professores, alunos, pais e demais membros da comunidade escolar são considerados sujeitos ativos do processo, atuando de forma colaborativa e com responsabilidade. Lima vem afirmar que: “A ação dos sujeitos da escola quanto ao desenvolvimento da instituição pode evidenciar diferentes níveis de empenho, atitudes e comprometimento frente às possibilidades de participação na organização escolar (LIMA, 2001)”.

É verdade que a principal forma de a escola construir seu PPP está na possibilidade da garantia da sua autonomia, da capacidade de intervenção e de construção da sua própria identidade. Mediante a tais pressupostos, recorreremos a LDB (9394/96) em seu Art. 12 que traz: Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;

VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII - informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica. (BRASIL, 1996)

Do ponto de vista das incumbências do professor, o art. 13, apresenta:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (BRASIL, 1996).

Ainda no seu artigo 14, da referida Lei, temos: Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 1996).

Com base nesses pressupostos, temos assim, uma gestão escolar construída e organizada mediante a superação de um modelo outrora excludente, autoritário e centralizador. São novas formas de gestão que visam sobretudo o fortalecimento da escola mediante ação participativas e democráticas.

Assim sendo, a construção do projeto político pedagógico da escola, representa um passo, rumo a efetivação democrática e participativa da gestão escolar, cujo princípio se alicerça naqueles de direitos humanos, respeitadas aqui as normas vigentes.

## **PLANEJAMENTO E CULTURA ESCOLAR**

Como sabemos, a cultura escolar reflete os valores, as crenças e ideologias que os membros da organização partilham e que na maioria das vezes não se faz explícitos. Por cultura, se tem o conjunto de princípios, criados e preservados por todos os indivíduos da sociedade. Schein define cultura como:

Um padrão de pressupostos básicos, inventados, descobertos ou desenvolvidos por um grupo, à medida que aprendeu a lidar com os seus problemas de adaptação externa e de integração interna, que funcionou bem o suficiente para ser considerado válido (SCHEIN, 1992, p.245)

Considerando tais pressupostos, o planejamento, como sabemos, faz parte de toda e qualquer organização, numa cultura escolar. Da tomada de decisão, de escolhas, de definição do melhor caminho a percorrer, por meio dos quais nos possibilita aonde queremos chegar, bem como de que forma desenvolveremos as ações, considerando os recursos e os meios pelo qual dispomos para alcançar nossas metas e objetivos, deverá perpassar pelo planejamento que se tem definido.

Planejar, em sentido amplo, segundo Padilha, é:

É um processo que visa dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e com quem se planeja (PADILHA, 2002, p. 63).

Com base nesses pressupostos, a cultura que se tem para o planejamento escolar, numa perspectiva de gestão democrática, é aquela pautada nos diferentes modos de superação, tendo em vista uma cultura de planejamento cujos princípios primeiros se definem enquanto participativo e de eficiência.

Através do planejamento participativo, a construção de uma nova cultura, se faz presente no cotidiano escolar. Aqui, a característica organizacional, presente nesse contexto, será aquela voltada para a autonomia, que garante espaços de participação e tomada de decisão da comunidade escolar e gestão democrática, que possibilita e cria estratégias de ação compartilhada, estimula a realização de projetos coletivos bem como o fortalecimento da identidade da escola frente à sua comunidade.

Por conseguinte, tendo em vista as constantes transformações que vem ocorrendo no mundo contemporâneo, sobretudo, aquelas associadas à utilização das novas tecnologias da comunicação, surge a necessidade da resignificação do conceito de escola e nela, os conceitos de espaço e de tempo para ensinar e aprender. É uma nova cultura sendo construída e com esta um novo planejamento ganhando formas e estruturas para melhor se adequar ao momento atual.

Finalmente, a cultura escolar, aliada ao seu planejamento, são elementos da construção de identidade da escola e de sua gestão. O segundo aponta os caminhos, as orientações necessárias para o alcance dos objetivos e demais propostas da escola. Enquanto que a cultura representa os diferentes modos pelos quais explicita ou implicitamente se definem as ações, as formas de convivência e de aprendizagem na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Toda unidade escolar precisa de fato definir sua organização pedagógica e administrativa, através da elaboração e execução do PPP. Como foi observado a partir do desenvolvimento deste trabalho. Por meio dele tem-se a possibilidade de vislumbrar um ensino de melhor qualidade, quando é possível experimentar o exercício do pensar, elaborar e operacionalizar o funcionamento da escola com autonomia.

É preciso entender o PPP como uma estratégia para desenvolver ações que visem pôr em prática o desenvolvimento das metas definidas de forma colaborativa. Nota-se que o PPP requer continuidade das ações, descentralização, democratização do processo de tomada de decisões e instalação de um processo coletivo de avaliação de cunho emancipatório. Por isso é preciso estar sempre conscientizando a comunidade escolar da importância deste documento e que o mesmo não pode ser esquecido, ele deve estar presente durante o planejamento de suas ações.

Temos que reconhecer que pode ocorrer resistência por parte de alguns membros da

comunidade escolar, sendo importante destacar as possibilidades e mudanças que se fará necessário ocorrer dentro e fora da escola, sendo que, a comunidade educativa precisa ter um envolvimento que mudará a postura da comunidade escolar de forma positiva, pois sabemos que democratizar na escola significa favorecer o desenvolvimento das capacidades intelectivas do educador e educando para que juntos se apropriem dos conhecimentos científicos, sociais e tecnológicos produzindo e construindo a história em um processo coletivo e de avaliação diagnóstica constante.

É preciso também estimular os educandos a interpretar a realidade com maior criticidade, propiciando-lhe um maior compromisso com a escola, ampliando a visão de relacionamento com todos os membros da comunidade escolar, isso possibilitará um melhor relacionamento interpessoal baseado no diálogo, permitindo discutir questões referentes à reestruturação e organização da educação brasileira. Isto foi buscado por nós através da eleição do conselho escolar e também do projeto líderes de salas onde buscamos integração dos membros da escola.

Para construção do PPP buscamos conhecer todas as aspirações dos membros de todos os segmentos e juntos reinventar e dar um novo significado a tudo o que é feito na escola e junto elaborar seu projeto pedagógico reconhecendo a capacidade de projetar autonomamente seu futuro, onde a comunidade educativa, consciente e comprometida assume questionar e transformar o presente que não mais responde. Esse é um desafio que requer muita luta, esforço, oposição e conflitos.

Deste modo, o desafio da implantação do PPP, a partir da gestão democrática, deve ter como meta o desejo de construir uma escola que assuma o diálogo, a participação e a solidariedade como princípios básicos de sua proposta de trabalho, que tenha a ousadia de assumir a utopia da transformação.

## REFERÊNCIAS

BORDIGNON, Genuíno e GRACINDO, Regina Vinhaes. Gestão da educação: município e escola. IN: FERREIRA, N. S. e AGUIAR, M. A. (Orgs.). **Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, v. 134, n. 248, p. 27833-841, 23 dez. 1996.

CASASSUS, Juan. **A Reforma Educacional na América Latina no Contexto de Globalização**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: FCC. N° 114, de novembro de 2001.

CURY, Roberto Jamil. **Gestão democrática dos sistemas públicos de ensino**. In. OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Gestão Educacional: Novos Olhares, Novas Abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ELLIOT, John. **Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio**. In:

GADOTTI, Moacir (1994). "Pressupostos do projeto pedagógico". **Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos**. Brasília: MEC, 28/ago. a 2/set.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, Licínio C. **A Escola Como Organização Educativa**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Dialógico - como construir o projeto político pedagógico da escola**, Ed.Cortez, São Paulo, 2002.

SCHEIN, E. H. **Organizational culture and leadership**. San Francisco: Jossey-Bass, 1992.

VEIGA, I.P. **Projeto político-pedagógico da escola**: Uma construção possível. 4ª ed. Campinas: Papyrus, 1997.

## PODCAST COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO REMOTO

*Ilena da Aparecida Oliveira<sup>1</sup>  
Sabrina Aparecida de Oliveira<sup>2</sup>  
Saulo Rodrigues de Carvalho<sup>3</sup>*

### RESUMO

Este artigo discute as possibilidades de ensino remoto a partir do uso do podcast. Com base no trabalho de monitoria discente, desenvolvido durante a pandemia do Covid-19, ressaltam-se as qualidades pedagógicas desta ferramenta de comunicação, observando o seu emprego em disciplinas com densa abordagem teórica. Apresenta um histórico da origem e finalidade do podcast enquanto aplicativo de comunicação virtual e retrata suas peculiaridades educativas. Por fim, aponta as vantagens do seu uso educacional destacando seu papel no desenvolvimento da imaginação e da memória para o aprendizado.

**Palavras-Chave:** Podcast. Ensino Remoto. Tecnologias da Informação e Comunicação. Fundamentos da Educação. Educação e isolamento social.

### ABSTRACT

This article discusses the possibilities of remote teaching from the use of the podcast. Based on the student monitoring work, developed during the Covid-19 pandemic, the pedagogical qualities of this communication tool are highlighted, observing its use in disciplines with a dense theoretical approach. It presents a history of the podcast's origin and purpose as a virtual communication application and portrays its educational peculiarities. Finally, it points out the advantages of its educational use, highlighting its role in the development of imagination and memory for learning.

**Keywords:** Podcast. Remote teaching. Information and Communication Technologies. Fundamentals of Education. Education and social isolation.

---

1 Acadêmica do 1º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro/Chopininho (PR).

2 Acadêmica do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro/Chopininho (PR).

3 Professor Colaborador do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro/Guarapuava (PR). Doutor e Mestre em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP-SP.



## INTRODUÇÃO

Este artigo retrata o uso do *podcast* como ferramenta pedagógica para o ensino remoto. A partir da experiência adquirida no exercício do programa de monitoria discente (UNICENTRO, 2011), discutiu-se a viabilidade da produção de áudios que pudessem recapitular os conteúdos trabalhados na disciplina de Fundamentos da Educação II, contribuindo com as atividades remotas impelidas pela pandemia do Covid-19. Deste modo, surgiu a proposta de utilizar *podcasts* como um meio de divulgação mais dinâmico para a consolidação dos conteúdos ligados aos temas de história, sociologia e filosofia da educação.

Com a finalidade de tornar mais acessível e compreensível os assuntos abordados pela disciplina em questão, criou-se um programa de podcasts com identidade, roteiro e linguagem próprias, produzido e publicado pela plataforma *Spreaker Studio*, sempre depois da abordagem do conteúdo pelo professor. Com base nos trabalhos de Jesus (2014); Moura e Carvalho (2006), Gonçalves Junior, (2020) e Freire (2017), discute-se as vantagens do uso do podcast durante o período do isolamento e sua viabilidade como ferramenta permanente para o suporte pedagógico das aulas presenciais, ou não-presenciais.

Para tanto, este artigo aborda nas seções subsequentes a origem do Podcast, o qual não surgiu no meio educacional, mas inicialmente em contextos não formais, por via dos blogs. Na segunda seção, encontra-se a influência das tecnologias da informação e comunicação para a aprendizagem de conteúdos e temáticas para públicos variados, bem como a apropriação das ferramentas. A terceira seção discorre sobre a construção do podcast “Das meninas”, realizado no programa de monitoria discente, com a finalidade de possibilitar um ensino mais descontraído, para a compreensão dos conteúdos que constam no plano de ensino da disciplina de Fundamentos educacionais II. Por conseguinte, na quarta seção, foram descritas algumas vantagens da utilização do podcast, pois se trata de um recurso que pode auxiliar a prática docente tanto na educação básica, quanto no ensino superior, principalmente neste período de distanciamento social que impede formas presenciais de ensino.

Contudo, vale ressaltar que as tecnologias de comunicação são recursos de grande valia para o ambiente educativo, seja na escola, em casa, ou fora dela, uma vez que a educação ocorre em espaços variados e de formas diversas. A busca pela qualidade da prática docente e a aprendizagem significativa, deve permanecer com ou sem pandemia, visto que a educação é o principal meio para o indivíduo tornar-se crítico e autônomo.

## HISTÓRICO PODCAST

A origem desta ferramenta passou por um longo caminho, a começar pelo termo podcast que surge conforme Jesus (2014, p. 10) “da união das palavras iPod (dispositivo móvel de reprodução de áudio/vídeo) e broadcast (método de distribuição/transmissão de dados)”. Sendo assim, é uma mídia de publicação de áudio, vídeo e imagens na internet, que pode ser reproduzida em qualquer aparelho com capacidade de leitura de arquivos de áudio. O formato para envio do podcast é denominado *Podcasting*, o qual é transmitido via Feed RSS - *Real Simple Syndication* (JESUS, 2014). O podcast pode ser realizado por uma ou mais pessoas, chamados de Podcasters, podendo ser ao vivo ou gravado, em posse de um celular ou computador que possua captação de áudio.

E ainda, podem ser inseridos efeitos sonoros de uso livre, disponíveis no meio ele-

trônico. Na internet existem vários softwares gratuitos para “gravação e edição de áudio, como o Audacity<sup>9</sup> ou sharewares<sup>10</sup> como o Reaper<sup>11</sup>” (JESUS, 2014, p. 26). O podcast não se trata apenas de uma tecnologia de áudio, mas também de oralidade.

O podcast originou-se associado ao blog (FREIRE, 2017), estabelecendo uma conexão entre as tecnologias, pois, com a criação do sistema RSS em 1999, foi possível compreender que os assinantes dos blogs não precisavam acessar a todo o momento uma vez que recebiam automaticamente os novos programas criados, o que contribuiu para o surgimento de audioblogs a partir do ano de 2000. Assim, de acordo com Freire (2017, p.60):

Adam Curry, conhecido como criador do podcast, ou podfather “pai do podcast” [...] fascinado pelo potencial da distribuição on-line de áudio por demanda, debateu com Dave Winer a possibilidade de criação de um enclosure - função de incorporação de arquivos de áudio digital - para inclusão de arquivos MP3 no RSS.

Isto caminhou para a idéia de áudio digital distribuído com facilidade. Vale Salientar que o termo podcast não foi denominado pelo “pai do podcast”, mas por um jornalista chamado *Ben Hammersley*. Entende-se aqui a estreita relação da tecnologia do podcast com a tecnologia da oralidade tanto utilizada em programas de rádio.

No Brasil, por exemplo, o primeiro podcast foi criado em 2004 por Danilo Meireiros, também como parte de um blog, ainda longe de contextos formais. Contudo, as inspirações para que os brasileiros se tornassem podcasters, foram a partir dos podcasts “Perhappiness” e “Código Livre”, de autoria de Rodrigo Stulzer e Ricardo Macari, respectivamente. Estes não deram continuidade aos programas, mas com certeza contribuíram para que ocorresse o primeiro grande evento sobre o tema, como Freire (2017) cita a Conferência Brasileira de Podcast (Podcon Brasil) que possibilitou a fundação da Associação Brasileira de Podcast (ABpod), além disso, passou a existir prêmios e levantamentos sobre o uso do podcast como a Podpesquisa, que avalia a apropriação desta ferramenta no país.

No último resultado realizado em 2019 perceberam-se alguns avanços como maior número de mulheres ouvintes e, em relação ao ano anterior a idade está diminuindo também, isto é, cada vez mais jovens estão imergindo nesta tecnologia. Outro ponto, é que o agregador com mais acessos é o Spotify, sendo que Cultura POP (e política) cresceram 13,1% (Podpesquisa, 2019). Há uma série de conteúdos que podem ser explorados por meio do podcast, no que se refere à educação precisamos ir além para que esta ferramenta que já se encontra em meios não-formais da educação, ocupe mais espaço nos meios formais, inovando e possibilitando acesso e criação.

## USO PEDAGÓGICO DAS TICS

As tecnologias da informação e comunicação se mostram cada vez mais presentes na sociedade, quando falamos de educação não é diferente, pois cada vez mais temos a presença de ferramentas digitais para auxiliar na compreensão dos conteúdos e, consequentemente na apropriação dos recursos digitais. “A utilização de tecnologias da informação e comunicação nos processos educativos permite o surgimento de novos espaços de ensinar e aprender diferentes dos espaços convencionais” (JESUS, 2014 p.19). As tecnologias são produtos da sociedade que está em constante transformação, dessa maneira, a educação, que forma os indivíduos com base numa concepção de homem e sociedade

precisa acompanhar estes avanços, mas, não se esquecer da importância do vínculo professor-aluno em qualquer nível de ensino.

(...) a presença das TIC tem sido investida de sentidos múltiplos, que vão da alternativa de ultrapassagem dos limites postos pelas “velhas tecnologias”, representadas principalmente por quadro-de-giz e materiais impressos, à resposta para os mais diversos problemas educacionais ou até mesmo para questões socioeconômico-políticas (BARRETO, 2004, p.1183)

Não se pode pensar que as TICs tragam uma solução milagrosa para os problemas educacionais, ao contrário, elas apresentam uma nova estrutura de ação pedagógica, com resoluções e problematizações muito peculiares que demandam a produção de práticas educativas específicas. Em meio à pandemia do Covid-19, seu uso foi muito destacado, sem dúvidas mostrou-se a alternativa mais viável de ensino face a necessidade de isolamento, contudo, suas fragilidades ficaram em evidência, também. As formas de interação e motivação não-presenciais mostraram-se insuficientes frente a necessidade atávica do contato pessoal e presencial dos indivíduos. No que tange à educação apresentou aos professores o desafio de buscar os aplicativos e metodologias mais adequados para atingir o cerne de seu trabalho, ou seja, o aprendizado do aluno. A demanda de problemas de ordem socioeconômicos também foi outro fator que impôs dificuldades a agenda pedagógica do ensino remoto. No entanto, muito se avançou nesse curto e perturbado período, o qual podemos citar o uso consciente das TICs como aliados do processo pedagógico.

O professor pode tomar para si a compreensão desses meios e utilizá-los de maneira didático-pedagógica, auxiliando para uma formação crítica e reflexiva das ferramentas, bem como das temáticas abordadas. É um desafio, mas é possível, pois de nada adianta utilizar as tecnologias da informação e comunicação de maneira destituída de base teórica e prática, qualquer recurso necessita de apropriação para que haja qualidade no processo de ensino.

Em se tratando do Podcast, como supracitado, seu uso pedagógico vem ganhando espaço de modo gradual desde seu surgimento, mas é importante pontuar que esta ferramenta é em si educativa, seja na produção que exige aprendizagem para apropriação da mesma, ou, no recebimento das informações que variam por diversos conteúdos como humor, cultura, educação, dentre outros, pois existe público para temas variados. Na concepção de Freire (1996) comunicar-se, dialogar, participar é um ato educativo e, portanto, pedagógico.

A partir de 2006 com o desenvolvimento da competência oral educativa iniciou o transcurso do podcast, ainda por meio do *audioblog* em contextos não escolares. A escola está em curso de apropriação no que se refere ao benefício didático do podcast Freire (2017). O áudio digital por meio de blogs ainda não era ideal, o próprio criador Adam Curry afirma essa falha, apostando na tecnologia mais aberta, com maior alcance de ouvintes e programadores (FREIRE, 2017). Temáticas que envolvem contextos são mais significativas para serem trabalhadas numa perspectiva de práxis pedagógica, do que conteúdos com fins próprios. Além de propiciar a autonomia de escolha, produção e conscientização no processo de aprendizagem.

## **O PODCAST “DAS MENINAS” NO ESTUDO DE CONTEÚDOS DE HISTÓRIA, SOCIOLOGIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

O conhecimento adquirido no exercício do programa de monitoria discente (UNICENTRO, 2011) que se encontra em andamento e será cumprido integralmente por meios virtuais enquanto perdurar o isolamento social (UNICENTRO, 2020), teve como foco a criação de podcasts para viabilizar o conhecimento dos conteúdos, bem como o acesso a uma ferramenta tecnológica pouco utilizada no ensino superior. Tendo em vista que iniciamos a monitoria no mês de maio, devido aos trâmites legais do programa e das atividades remotas, nossas discussões iniciais foram acerca de utilizar podcasts como um meio de divulgação mais dinâmico para a consolidação dos conteúdos de maneira descontraída. É importante considerar que esta inserção do podcast viabiliza um dos principais objetivos da monitoria exposto no art. 25 inciso II “participar de atividades didático-pedagógicas no âmbito da disciplina na qual executa a monitoria” (UNICENTRO, 2011).

Primeiramente, realizou-se um curso com certificação de 30 horas pelo portal Licon (Livre conhecimento) da Unicentro sobre como produzir podcast no meio educacional,, o qual faz parte do “Projeto para uma educação on-line” (GONÇALVES JUNIOR, 2020) no eixo de recursos digitais. O curso aponta que o podcast é um material pedagógico em formato de áudio, que exige criatividade e inserção de efeitos sonoros, para proporcionar aos estudantes um processo de conhecimento agradável.

Diante disso, a construção do primeiro podcast apresentou desafios para a adaptação com este meio tecnológico, assim, optou-se pelo aplicativo e plataforma Spreaker Studio por considerá-lo mais coerente com a necessidade de apropriar-se deste recurso. Os podcasts foram construídos pelas monitoras e direcionados pelo professor e orientador por meio de roteiros e vídeo aulas. Intitulamos como: “Podcasts Das Meninas” e escolhemos uma trilha sonora padrão para a introdução de cada criação, a qual se trata de uma música popular brasileira, crítica e reflexiva do músico Chico Buarque denominada “Apesar de você”. Logo, iniciamos os estudos de cada conteúdo para sintetizá-los e transformá-los em podcasts.

O primeiro conteúdo trabalhado abordou o contexto da Reforma Protestante, elencando Martinho Lutero como figura principal, o qual lutou por uma educação popular, gratuita e obrigatória com ludicidade e menos punições. Ele criticava o abuso de poder da igreja que se encontrava em decadência, propondo reformas que influenciaram na educação com a responsabilidade do estado, priorizando o ensino por profissionais qualificados, não por eclesiásticos, entretanto, visava um Estado confessional. Contudo, de acordo com Barbosa (2007), Lutero é amplamente conhecido até hoje por uma criação de escola elementar e popular com indícios humanistas, do que por uma escola doutrinária, apesar de ser teocêntrico.

Em seguida, conforme o plano de ensino, o estudo foi baseado na Contrarreforma Católica, um movimento que buscou conter os avanços do protestantismo, em que Jean Amós Comenius, considerado o pai da didática magna, definiu princípios para a educação moderna. Defendia o aprendizado contínuo e para todos, porém separando meninas e meninos. Para ele a educação era primordial para que houvesse controle dos comportamentos a fim de resgatar o homem do pecado. Ele considerava as atividades práticas naturais importantes com planejamentos sem interrupções para não haver ociosidade, pois para Comenius a formação dos sujeitos exige disciplina com o objetivo de “[...] desenvolver

a educação de todos, incluindo adultos, crianças, jovens e mulheres” (GARCIA, 2014, p. 314). Contribuiu significativamente para o modelo educacional da atualidade que continua na busca de uma educação democrática e laica. Entretanto, é impraticável separar sua pedagogia de sua militância religiosa.

Já no terceiro conteúdo e podcast, o tema foi o movimento iluminista do século XVIII, caracterizado pela quebra da verdade absoluta dita pela igreja dando espaço ao conhecimento científico e a racionalidade crítica. A época anterior ficou conhecida pelo período das trevas sendo que o iluminismo veio para trazer luz sobre a escuridão. De acordo com (SANTOS, 2013, p.3) “[...] os iluministas defendiam um regime em que o rei estivesse submetido a uma Constituição e no qual houvesse a separação entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário”. Essas novas concepções políticas auxiliaram o esclarecimento da população com base em seus direitos.

Alguns filósofos importantes deste movimento foram Rousseau, que defendia uma educação doméstica, não escolar, pois para ele a criança aprende praticando não somente usando teorias. E Kant que se inspirou em Rousseau, mas seu diferencial é o da defesa das ideias neo-humanistas e as bases epistemológicas da pedagogia ativa. Sua principal luta era pela educação gratuita, obrigatória, mantida pelo estado e principalmente laica, ou seja, a escola não podia professar religião. Uma curiosidade sobre Kant é que ele era metódico e pontual, nunca casou nem teve filhos, sua vida foi dedicada aos estudos.

Para que construíssemos os podcasts sobre cada conteúdo citado e trabalhado até o momento, enfrentamos alguns obstáculos, uma vez que, após montarmos os roteiros de maneira conjunta, tivemos que optar pela gravação individual, isto é, cada uma construiu um podcast, intercalando-os. No entanto, no mais recente, estudamos formas de dinamizá-lo contendo a fala das duas monitoras. Então, tivemos que trabalhar com paciência, para que gravássemos e ficasse compreensível e descontraído, dado que residimos em cidades diferentes e principalmente, precisamos nos adaptar ao estudo remoto.

Constatamos que esta experiência representou um momento de grande aprendizado, cada conteúdo traz novas reflexões e reforça o que já trabalhamos nos anos anteriores. A cada desafio, aprendemos que juntas podemos ir além de uma concepção simplista, compreendendo a educação como primordial para o desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos, em busca de uma sociedade mais humana.

## **VANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DO PODCAST NA PANDEMIA DA COVID-19**

Em meio à pandemia com os acadêmicos em isolamento social, tivemos que nos reinventar para dar apoio mesmo a distância e, o podcast das meninas foi desenvolvido a fim de possibilitar mesmo estando a quilômetros de distância ou até mesmo em um lugar onde a internet não alcança, que o acadêmico possa baixá-lo quando está com acesso a internet e assim poderá ouvi-lo quando desejar. Sendo este, um programa rápido e resumido, auxilia na memorização e reconhecimento do conteúdo, pode ser um programa de horas ou de alguns minutos. Conforme Moura e Carvalho (2006) o criador faz a gerência do tempo de acordo com seu público e tema, produzindo de forma leve e divertida, prendendo o interesse do ouvinte. O programador, ou podcaster não pode ficar apenas lendo um conteúdo pesado, pois o objetivo é que a informação passe a se tornar aprendizagem.

É prático e fácil de ser salvo no celular ou em qualquer outro dispositivo. Até mesmo

os professores da educação básica podem utilizar como instrumento de ensino e apoio pedagógico para seus alunos. Ademais, as crianças e adolescentes aprenderiam bastante se o programa for desenvolvido com qualidade e animação.

O podcast é um programa feito para ouvintes de vários públicos, no caso da educação, ele pode abranger alunos e acadêmicos com deficiência visual a fim de ajudar no desenvolvimento de seu aprendizado e imaginação. Ao ouvir deixamos nossa mente criar as imagens e histórias e é isso que dá significado para a compreensão. Conforme Luria (1991, p.96) a memória tem uma relação complexa e direta com o desenvolvimento do pensamento intelectual “o aluno de nível superior ou o adulto, que fazem operações de decodificação lógica do material suscetível de memorização, executam um complexo trabalho intelectual e o processo de memória começa, assim, a aproximar-se do pensamento discursivo (...)”. O uso de uma linguagem didática e dirigida<sup>4</sup> (como utilizado nos podcasts) foi utilizada como um fator motivador da atividade mnemônica e imaginativa, auxiliando no desenvolvimento da memória arbitrária, isto é, o indivíduo consegue voluntariamente lembrar do que foi passado, de maneira lógica e objetiva.

Por conseguinte, pensamos que a forma do ensino que era totalmente presencial, apesar de suas dificuldades remotas, ganha uma nova roupagem com recursos que já eram existentes e gratuitos em sua maioria, mas que podem ser explorados ainda mais. De acordo com Moura e Carvalho (2006, p.4) “Falar de podcast é falar de uma aula que pode ser estudada ou recordada a qualquer momento, em qualquer lugar.” Ou seja, por diversos públicos, andando de bicicleta, em uma viagem de ônibus, em casa, enfim, sempre há tempo e momento para aprendizado. Portanto, os resultados podem ser bem positivos se houver dedicação e apropriação da ferramenta para fins educacionais e culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias da informação e comunicação encontram-se muito utilizadas, principalmente no ensino remoto devido o distanciamento social. Contudo, muito se discute sobre a utilização, porém sem intencionalidade pedagógica, no caso do podcast, este ainda foi pouco abordado no espaço educativo. É de grande importância que o uso seja para a apropriação da ferramenta, a fim de qualificar a aprendizagem e potencializar a imersão nestes recursos que cada vez mais adentram no espaço educativo.

Para tanto, o objetivo deste estudo foi analisar os benefícios do podcast como recurso pedagógico no ensino remoto, bem como sua viabilidade como ferramenta permanente no ensino presencial e não-presencial. Além disso, foi possível compreender que este recurso possibilita que o processo educativo aconteça em qualquer lugar, dado que é uma maneira dinâmica e acessível de aprendizagem por meio de arquivos de áudio que podem ser retomados a qualquer momento.

Este trabalho foi referenciado dentro da prática da monitoria discente, na qual se adotou o uso pedagógico do podcast. Dessa forma, ele limitou-se na elaboração teórica sobre o relato de experiência deste programa, ou seja, foi pouco generalizado. Logo, é importante e necessário, aprofundar o estudo acerca do podcast em pesquisas futuras para elucidar a potencialidade deste para a ampliação do processo de ensino e aprendizagem.

4 Na produção dos programas ressaltou-se a criação de uma narrativa que pudesse colocar em evidência, de forma consequente e lógica, as partes mais importantes dos conteúdos em destaque, utilizando de meios expressivos, como entonação, pausas, trechos de música, sons de palmas ou sorrisos, para a demarcação ou complementação dos elementos essenciais da ideia a ser transmitida.

## REFERÊNCIAS

- ABPOD. Associação Brasileira de Podcasters. **Podpesquisa 2019-2020**. Disponível em: <http://abpod.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Podpesquisa-ouvintes-2019.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.
- BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **As concepções educacionais de Martinho Lutero**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.33, n.1, p. 163-183, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v33n1/a11v33n1.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2020.
- BARRETO, R. G. **Tecnologia e educação: trabalho e formação docente**. Revista Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1181-1201, Set./Dez. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22617>> . Acesso em: 27 de Agosto de 2017.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **PODCAST: breve história de uma nova tecnologia educacional**. Educação em Revista, Marília, v. 18, n. 2, p. 55-71, 6 nov. 2017. Faculdade de Filosofia e Ciências. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55>. Acesso em: 27 set. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. **A didática magna: uma obra precursora da pedagogia moderna**. Universidade Federal da Fronteira Sul. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 60, p. 313-323, dez. 2014. ISSN: 1676-2584. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v14i60.8640563>. Acesso em: 28 mai. 2020.
- GONÇALVES JUNIOR, Ernando Brito. **Curso Podcast**. Projeto: Ideias para uma educação on-line. Portal Licon - Nead Unicentro. Disponível em: <https://licon.unicentro.br/course/view.php?id=160>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- JESUS, Wagner Brito de. **Podcast e educação: um estudo de caso**. 2014. 56 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121992>>. Acesso em: 17 set. 2020.
- LURIA, Alexander Romanovich, **Curso de psicologia: atenção e memória**. Vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- MOURA, Adelina Maria Carreiro. CARVALHO, Ana Amélia Amorim. **Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula**. 2006. Disponível em: [http://www.inf.ufpr.br/alexand/ARTIGOS\\_MOBILIDADE/Moura\\_Carvalho\\_2006\\_resumido.pdf](http://www.inf.ufpr.br/alexand/ARTIGOS_MOBILIDADE/Moura_Carvalho_2006_resumido.pdf). Acesso em: 02 out. 2020.
- SANTOS, Marcos Pereira dos. **A pedagogia filosófica do movimento iluminista no século XVIII e suas repercussões na educação escolar contemporânea: uma abordagem histórica**. Imagens da Educação, v. 3, n. 2, p. 1-13, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v3i2.19881>. Acesso em: 04 jul. 2020.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE. **Instrução normativa nº 1-PROEN/ UNICENTRO, de 17 de abril de 2020. Instrui sobre os procedimentos a serem adotados para a realização de atividades não presenciais em cursos de graduação presenciais da Unicentro, enquanto perdurarem as medidas de distanciamento social devido à pandemia causada pelo novo Coronavírus – Covid-19**. Disponível em: [REVISTA APROXIMAÇÃO — VOLUME 02. NÚMERO 05. — OUT/NOV/DEZ 2020  
ISSN: 2675-228X — GUARAPUAVA - PARANÁ - BRASIL](https://www3.unicentro.br/proen/wp-content/uploads/sites/41/2020/04/IN_1-2020-</a></p></div><div data-bbox=)

PROEN\_Covid-19.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE. **Resolução N° 91-CEPE/UNICENTRO, de 28 de DEZEMBRO de 2011. Aprova o Regulamento do Programa de Monitoria Discente da UNICENTRO.** Disponível em: <https://sgu.unicentro.br/pcatooficiais/imprimir/23E762E2>. Acesso em: 31 jul. 2020.



## PARADIGMAS DE ENSINO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ANOS INICIAIS DO EF EM DEBATE

*Sheila Fabiana de Pontes Casado<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este artigo se propõe a discutir os desafios enfrentados pelos professores das turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental (EF) do município de Damião -PB em tempos de pandemia. Especificamente, apresenta como os professores investigados compreendem, lidam e têm enfrentado o processo de formação dos alunos nos anos iniciais do EF. Para tanto, descreve as ferramentas tecnológicas empregadas e sua finalidade, como vem sendo feita a democratização do acesso ao saber no contexto social atendido bem como, as estratégias desenvolvidas, em parceria com a família, em tempos de novos paradigmas para o atendimento educacional. Os dados apontaram que os investigados têm se desdobrado para atender ao padrão de qualidade do ensino, respeitando as desigualdades de acesso as mídias digitais e que nunca foi tão atual o termo mediador.

**Palavras-chave:** Ensino. Tempos de pandemia. Mediação. Mídias digitais. Desafios.

### ABSTRACT

This article aims to discuss the challenges faced by teachers in the 4th and 5th year classes of Elementary Education (PE) in the municipality of Damião -PB in times of pandemic. Specifically, it presents how the investigated teachers understand, deal with and have faced the process of training students in the early years of PE. To this end, it describes the technological tools used and their purpose, how the democratization of access to knowledge has been made in the social context served, as well as the strategies developed, in partnership with the family, in times of new paradigms for educational assistance. The data pointed out that the investigated ones have been deployed to meet the teaching quality standard, respecting the inequalities of access to digital media and that the term mediator has never been more current.

**Keywords:** Teaching. Pandemic times. Mediation. Digital media. Challenges.

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Estadual da Paraíba e mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de gramática; competência comunicativa; Currículo; Ensino; Competências e habilidades; Metodologia da pesquisa. Possui Estágio Docência para o Ensino Superior experienciado pela UFCG

## INTRODUÇÃO

As salas de aula agora têm um novo cenário, o quadro e giz foram substituídos pelos arquivos PDF, vídeos e fotos em aparelhos de celular, dentre outros. As discussões coletivas foram substituídas pelos áudios no WhatsApp que batem e voltam em formato de situações de ensino. Como bem enuncia Harasim (2005), o “ciberespaço” permite a interconexão, a aprendizagem compartilhada e o lugar de aprender é em qualquer lugar que exista a conexão em rede que passa a ser a entrada para as descobertas e construção dos saberes. Essa é uma realidade do ensino vivenciada pelos profissionais da educação hoje.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96), regulamenta o Ensino a Distância na Educação Básica, dentre outras modalidades. Diante do quadro nacional de suspensão das atividades de ensino presencial, o Conselho Nacional de Educação (CNE), que tem função normativa e deliberativa aprovou, em de abril de 2020, diretrizes que orientam todas as etapas de ensino durante o período da pandemia. Dentre as ações estabelecidas pelo CNE está a autorização para que os sistemas de ensino contabilizem atividades não presenciais para cumprimento da carga horária prevista, bem como credencia aos sistemas de ensino a (re)organização do calendário escolar fazendo uso de diversas estratégias de ensino e recursos didáticos através das ferramentas digitais.

Cabe-nos ressaltar que a pandemia causada pelo Coronavírus (Covid-19), mudou a imagem que foi construída acerca de escola e ensino ao longo do tempo. Ensino a distância hoje, para os professores do Ensino Fundamental – anos iniciais, é um tema muito atual, mesmo já tão debatido ao longo do tempo (PRETI, 1996; PETERS, 2001; RIBEIRO, 2016).

Hoje, os recursos midiáticos têm sido os meios disponíveis para que o ensino seja efetivado bem como, se estabeleça uma aproximação com os alunos dos anos iniciais do EF. A mídia digital tem sido a grande aliada nesse período de suspensão das aulas presenciais e esse fator de excepcionalidade atual nos despertou a conhecer a realidade educacional do contexto em debate.

O município de Damião suspendeu as aulas presenciais em detrimento das medidas temporárias de prevenção ao contágio pelo Covid-19 no mês de março, mas desde o mês de abril de 2020 as aulas foram retomadas remotamente. Em agosto do corrente ano surgiu a necessidade de conhecer os desafios e como os professores das turmas de 4º e 5º ano do EF têm lidado com essa realidade educacional. Os dados apresentados nesse estudo, incluem informações dos professores que lecionam tanto na zona urbana quanto rural do município de Damião-PB, e através das informações obtidas foi possível refletir sobre adaptações metodológicas no EF pelo olhar de quem faz educação nesse tempo. À vista disso, definimos como objeto de estudo as práticas pedagógicas inerentes ao contexto apresentado.

Pretendemos inicialmente, analisar como os professores das turmas de 4º e 5º ano do EF do município de Damião – PB, compreendem e lidam com o ensino remoto. E, mais especificamente, conhecer a(s) nova(s) forma(s) utilizada(s) para garantir a continuidade e a qualidade do ensino no contexto investigado.

A pesquisa realizada pode ser considerada segundo Gil (2002), uma investigação

de natureza descritiva, caracterizada como estudo de caso por ser um estudo que busca detalhar os fatos investigados.

No tangente ao meio utilizado para a coleta de informações foi elaborado um questionário tanto com questões abertas quanto de múltipla escolha preenchido de modo online, a partir de formulários do Google Drive. Os participantes foram os professores das turmas de 4º e 5º ano do EF do município de Damião-PB (zona rural e urbana). Os dados foram coletados entre os dias 13 a 30 de agosto de 2020.

Este artigo, está estruturado em três partes essenciais, a saber: a) Introdução, que apresenta a pesquisa em linhas gerais; b) Desenvolvimento, nesse ponto essencial da investigação, evidenciamos os dados coletados, fundamentação teórica e espaço em que sintetizamos as impressões acerca dos dados coletados; e, c) Considerações finais, fazemos uma síntese da abordagem contida. Além disso, o presente artigo conta com resumo, a parte introdutória e as referências bibliográficas.

## **PARA COMEÇO DE CONVERSA**

A utilização de recursos tecnológicos no contexto de ensino não é algo inédito. A cada dia mais e mais ferramentas são desenvolvidas e podem ser utilizada para fins pedagógicos. O uso do aparato tecnológico em tempos de pandemia tem tomado proporções consideráveis em que as circunstâncias não nos permite, hoje, pensar educação sem a contribuição da tecnologia.

Sant'Anna e Sant'Anna afirmam que a expressão recursos está relacionada ao “conjunto de meios materiais, físicos e humanos que auxiliam o professor e o aluno na interação do processo ensino-aprendizagem” (2004, p. 23). Logo, pensando o contexto atual de ERE<sup>2</sup> podemos dizer que dentre os meios apresentados pelos autores destacam-se entre os recursos materiais (computador, aparelhos de celular, materiais escolares, entre outros) e os recursos humanos (alunos, professores e pais/mediadores).

Nessa discussão voltamos nosso olhar ao enfrentamento da mediação do ensino através de equipamentos tecnológicos e os avanços das ferramentas disponíveis (KENSKI, 2012). Mendes e Fialho (2005) enumeram a diversidade das ferramentas virtuais disponíveis e que podem ser utilizadas no ensino a distância evidenciando a indispensabilidade da orientação do professor. Por isso, insere-se nesse debate os desafios de lidar com uso de tais recursos sem que se tenha tido uma prévia preparação, mas o professor possui características multifacetadas que lhe permite transitar, em seu trabalho, por provocações e desenvolver estratégias que atendam ao que é requerido em determinado tempo histórico. No caso hoje, o ensino a distância nos anos iniciais do EF.

Acreditamos que nenhum recurso é capaz de substituir a figura e a essencialidade do professor no processo de construção do conhecimento. Contudo, não se discute aqui comutação, mas associação entre professor-conhecimento-recursos materiais-alunos, em que tais recursos se inserem no contexto de ensino como materiais curriculares como nomeia Zabala (1998).

É inevitável a expressão contextual para os recursos tecnológicos pois, os mesmos estão presentes nas variadas práticas sociais dos alunos, mesmo nos anos iniciais do EF por possuírem a natureza dinâmica e socializadora possibilitada pela internet que segundo

2

○ termo Ensino em Regime Especial será representado pela sigla ERE desde então.

Kenski é um “espaço possível de integração e articulação de todas as pessoas conectadas com tudo que existe no espaço digital, o ciberespaço” (KENSKI, 2012, p.34). Desse modo, o ciberespaço tem possibilitado a troca informações e a construção de saberes entre professores e alunos em tempos de excepcionalidade do ensino.

Especificamente, esta investigação se trata de uma abordagem qualiquantitativa por ser a conjunção de elementos que quantificam quanto revelam opiniões e entendimentos. Demo (1995) destaca que tais abordagens se entrecruzam e não há como mensurar o valor de cada uma, mas que tais abordagens são complementares. Fizemos uso do questionário por conter vantagens que favorecem a coleta de dados nesse momento histórico, a saber: “uso eficiente do tempo, possibilidade de uma alta taxa de retorno”, dentre outras (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 96).

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A maior preocupação quanto a instauração do Ensino Remoto foi a utilização de ferramentas que promovessem a democratização do acesso ao saber.

Então, o primeiro passo foi conhecer os recursos tecnológicos disponíveis e/ou passíveis de serem usados pelos alunos, principalmente nos anos iniciais do EF, é uma forma de promover a igualdade de acesso ao saber. Já aos que não dispunham dessa ferramenta cabia-nos prover meios para atendê-los através de outras estratégias numa atitude de proporções inclusivas e necessária evitando assim, promover ainda mais a desigualdade entre os envolvidos.

Logo, foram pensadas duas linhas de atendimento aos alunos das turmas de 4º e 5º anos do município de Damião, a saber:

- Aos que tinham acesso a algum aparelho celular com acesso à internet foram criados grupos de WhatsApp para manter o contato com a turma e, através desse caminho, promover situações de ensino e/ou orientar aos alunos pedagogicamente;
- Aos que não dispunham de nenhuma forma de comunicação online, os professores pesquisados elaborariam um material a ser impresso e a escola responsabilizar-se-ia pela entrega casa a casa (como vem sendo feito) tanto na zona urbana quanto na rural, de modo que todos os alunos recebessem atendimento educacional.

No tangente ao planejamento das aulas, sendo este um conjunto de decisões pedagógicas vem se organizando em torno dos objetivos, conteúdos e procedimentos articulados entre si com destino à aprendizagem dos alunos como bem defende Libâneo (2006). Tais encontros de orientação para elaboração das situações de ensino acontecem quinzenalmente sob orientação do coordenador pedagógico das turmas de 4º e 5º anos do município que vem dando suporte a este trabalho.

A descrição acima apresentada revela os passos iniciais de orientação para instauração do Ensino em tempos de Pandemia no município investigado.

Após essa contextualização passaremos a fazer a apresentação e discussão dos dados coletados, revelando assim, como os professores do município de Damião – PB têm

enfrentado em esse momento de excepcionalidade para o ensino.

Para essa discussão selecionamos algumas questões que consideramos relevante por revelarem as estratégias de ensino e os mecanismos utilizados pelos professores para o atendimento educacional nas turmas de 4º e 5º anos investigadas.

Inicialmente, fazemos uma breve caracterização do público investigado.

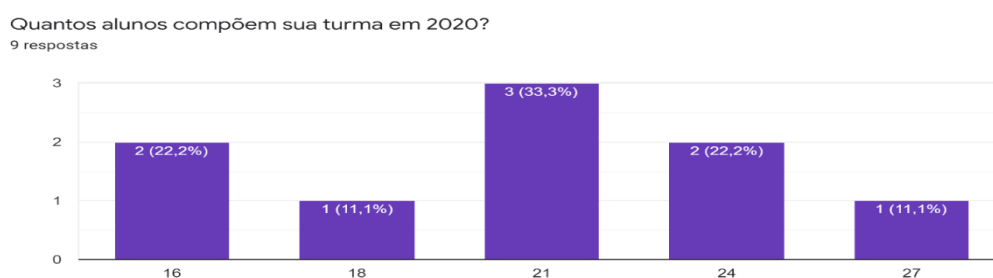
GRÁFICO 1 – CARACTERIZAÇÃO



*Elaboração Formulários Google*

O gráfico 1 mostra que foram pesquisados professores de 9 (nove) turmas das séries 4º e 5º anos do EF. Essas correspondem a todas as turmas das respectivas séries no município, i.e., correspondem a turmas tanto da zona rural quanto urbana.

GRÁFICO 2 – ALUNOS POR TURMA



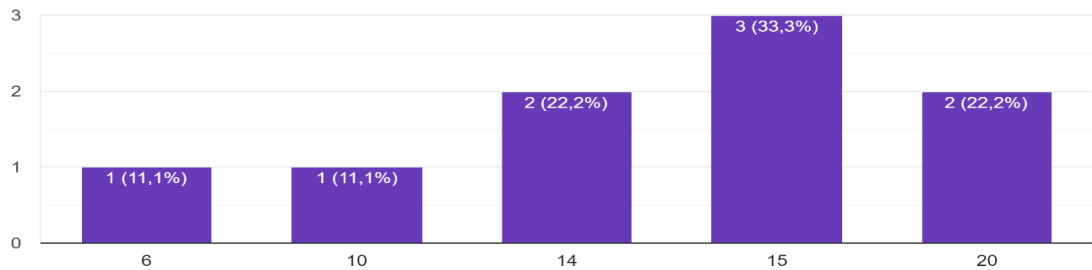
*Elaboração Formulários Google*

O gráfico 2 apresenta a média de alunos por turma. Ou seja, a formação das turmas varia entre 16 e 27 alunos. É preciso considerar que a diferença se dá por fazerem parte dos dados turmas da zona rural em que o número de alunos depende do número de matriculados por comunidade.

### GRÁFICO 3- RETORNO ÀS ATIVIDADES

Deste total de alunos, quantos entregaram 100% das atividades propostas?

9 respostas



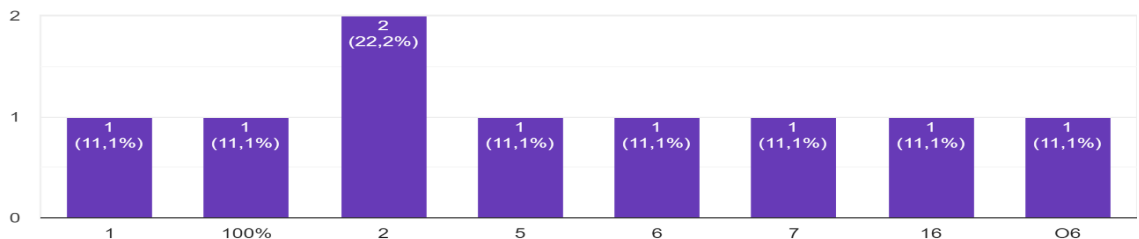
*Elaboração Formulários Google*

O gráfico 3 apresenta informações acerca da quantidade de alunos que deram retorno de todas as situações de ensino encaminhadas pelos professores. A partir dos dados é possível concluir que a maioria dos alunos realiza todas as atividades propostas.

### GRÁFICO 4 – ATENDIMENTO ONLINE

Do seu total de alunos, quantos não estão recebendo atendimento online por falta de celular (próprio ou da família) ?

9 respostas



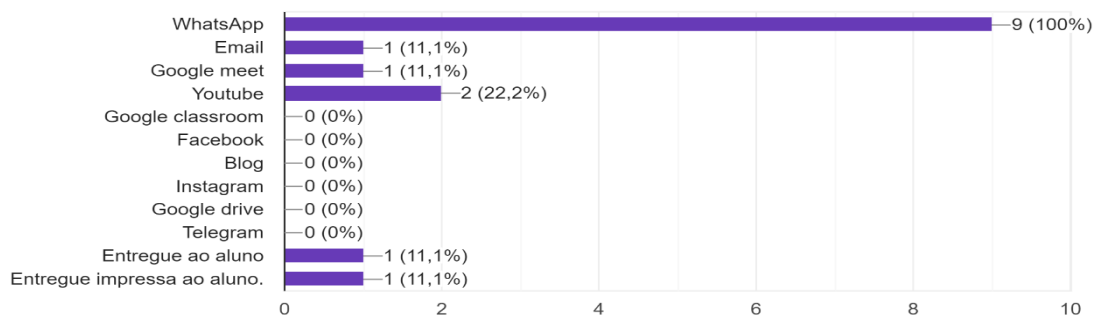
*Elaboração Formulários Google*

O gráfico 4 apresenta informações referentes aos alunos que estão recebendo atendimento educacional via atividade impressa. Como já dito, a escola é responsável por fazer a entrega das atividades. Este atendimento acontece dessa forma porque os alunos/pais não dispõem de mídia eletrônica com acesso à internet.

## GRÁFICO 5 – FERRAMENTAS DIGITAIS

Das ferramentas listadas abaixo marque as opções que você utiliza no ensino remoto.

9 respostas



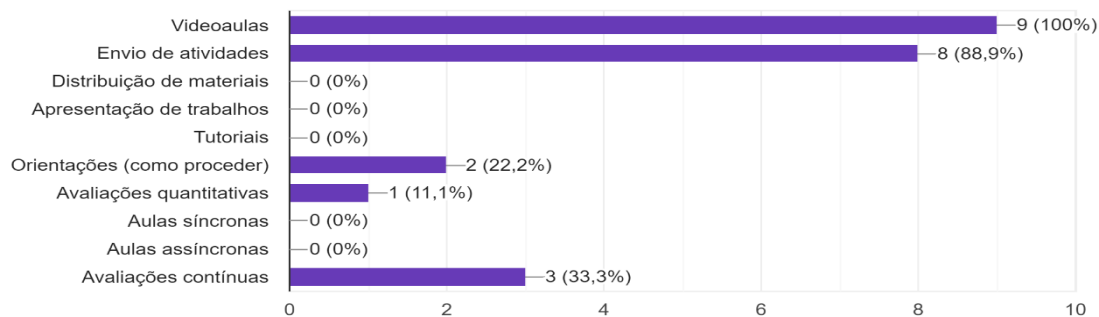
*Elaboração Formulários Google*

Como se pode ver, a ferramenta WhatsApp destaca-se, dentre as listadas, quanto sua utilização para atendimento educacional em tempos de pandemia como descrito no gráfico acima. Todos os pesquisados fazem uso. As demais ferramentas listadas ocupam uma posição bem menor, quanto utilizadas.

## GRÁFICO 6 – FINALIDADE DAS FERRAMENTAS

As ferramentas são utilizadas para quais finalidades, assinale-as.

9 respostas



*Elaboração Formulários Google*

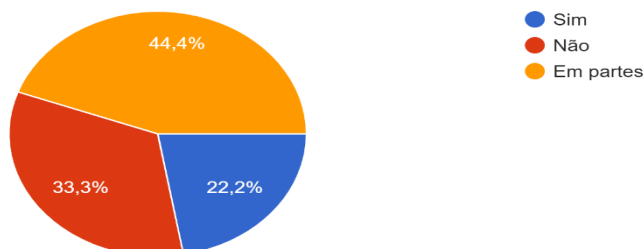
O Gráfico 6 mostra a finalidade para a qual as ferramentas são utilizadas. Destacam-se videoaulas, envio de atividades, orientações de como proceder na realização das atividades propostas e as avaliações de desempenho do estudante sejam elas contínuas ou cumulativas (Luckesi, 2002).

Diante do cenário educacional atual e das dificuldades apresentadas por alguns docentes no que diz respeito a utilização das mídias digitais tendo-as por canal para desenvolvimento de seu trabalho, questionamos os docentes quanto seu preparo para execução de seu trabalho do modo que vem sendo desenvolvido e foi verificado o que segue.

## GRÁFICO 7 – APTIDÃO AO ENSINO EM REGIME ESPECIAL

Você se sente preparado para o desafio da Educação à distância?

9 respostas



*Elaboração Formulários Google*

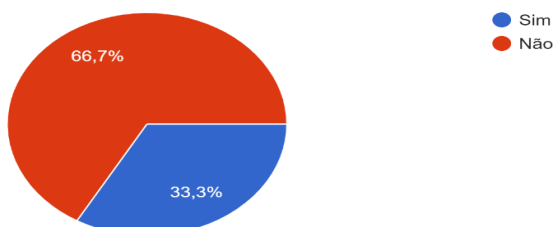
Como se pode notar apenas uma pequena parcela dos investigados afirmam sentir-se preparados para o ensino de modo remoto. A maioria assegura que se sente preparada “em partes” ou “não” estão preparados para tamanho desafio.

Nesse sentido, os questionamos sobre suas participações em cursos de formação voltados ao ERE.

## GRÁFICO 8 – CURSO DE FORMAÇÃO

Você participou, nesse período de excepcionalidade, de alguma formação voltada ao ENSINO À DISTÂNCIA?

9 respostas



*Elaboração Formulários Google*

As informações revelam que apenas um terço dos participantes participou de formação voltada ao ERE.

## GRÁFICO 9 – OBJETIVOS PROPOSTOS

*Elaboração Formulários Google*

O gráfico 9 revela, quanto a aquisição dos objetivos propostos, que a grande maioria dos pesquisados considera ter atingido parte dos objetivos propostos. Se faz necessário reconhecer as limitações de ministrar aulas em regime especial em turmas que estão em processo de alfabetização linguística e matemática. Desse modo, os dados mostram que a



atividade de ensino tem apresentado resultados positivos.

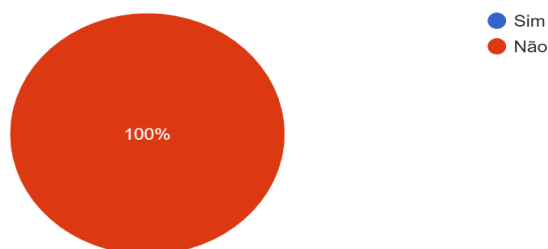
### GRÁFICO 10 – APTIDÃO À SÉRIE SEGUINTE

*Elaboração Formulários Google*

77, 8% dos participantes afirmam que os alunos estarão “em parte” preparados à progressão do ensino. Os demais acreditam que os alunos não estarão preparados à série seguinte. Nenhum mencionou a habilitação do aluno à série seguinte.

### GRÁFICO 11 – ERE X ENSINO PRESENCIAL

Os alunos se desenvolvem no ensino à distância na mesma proporção do ensino presencial?  
9 respostas



*Elaboração Formulários Google*

Todos os participantes compartilham a opinião de que os alunos NÃO se desenvolvem no ERE na mesma proporção que no Ensino Presencial.

Mediante a possibilidade do Não à resposta anterior, pedimos que os professores participantes, se respondessem “NÃO” listassem, em sua opinião, a(s) causa(s) de tal insuficiência no modelo de ensino. Isto posto, foram elencadas as possíveis causas ou faltas de algo, a saber:

- A ausência do professor;
- A falta de equipamentos eletrônicos de qualidade a todos;
- O não contato entre alunos e professor;
- A falta de confiança do aluno para tirar dúvidas e socializar-se;

Por fim, foi solicitado que os participantes elencassem as maiores dificuldades no ERE. Destacamos as principais que seguem listadas:

- A desigualdade no acesso as mídias digitais pelos alunos;
- A falta do contato presencial com os alunos;
- A falta de uma internet de qualidade;
- Manuseio do aparelho de celular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de ensino, historicamente construído, está vinculado à ideia de transmissão de saberes através de metodologias que eficientemente assegurem tais saberes. Na atualidade, sem nos apegarmos aqui a discussões acerca de paradigmas de ensino tradicional ou de outra natureza, ensinar excede essa função de conservação do saber instituído, mas está voltada para a construção de uma rede de saberes que servirão de base para a atuação social dos sujeitos. Desse modo, poderíamos afirmar que “ensinar exige” [...] “rigorosa metódica, pesquisa, respeito aos saberes e autonomia do educando, criticidade [...], risco, aceitação do novo [...], reflexão crítica sobre prática, reconhecimento e a assunção da identidade cultural, consciência do inacabado [...], a convicção de que a mudança é possível [...], segurança, competência profissional [...] (FREIRE, 1996, p.13-52), i.e., uma tarefa de alta complexidade. Um conceito numa dimensão bem mais ampla acerca da atividade de ensino e que atenta aos desafios atuais.

Para esse tempo, a atividade de ensino tem requerido estratégias não convencionais para a mediação do saber, principalmente em se tratando dos anos iniciais do EF - etapa de alfabetização (linguística e matemática) e letramento das crianças. Diante do exposto, não tem sido uma tarefa simples administrar o desenvolvimento dos alunos, como pode-se até pensar, mas tem sido feito um trabalho pedagógico planejado e executado com o rigor de qualidade para a formação dos aprendentes.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento do nosso trabalho apresentou como os profissionais da educação da rede investigada têm enfrentado o súbito desafio de educar através do ensino remoto bem como, a adequação dos seus anos de experiência frente à lousa às telas e até a falta de acesso por parte de alguns. Tudo isso, perpassando as nossas limitações no manuseio as mídias digitais e a notória incerteza diante dos resultados esperados.

Em síntese, poderíamos dizer que os profissionais investigados atendem aos requisitos à definição de polivalentes, um termo que conduzem em suas caminhadas profissionais atrelado ao ser professor, o denominado professor polivalente, que em multifuncionalidade tem promovido uma diversidade de práticas pedagógicas possibilitando assim, a democratização do acesso ao saber. Não foi criada nenhuma receita de como fazer educação em tempos de excepcionalidade, nossa intenção não era essa e ela não existe, mas compartilhamos aqui experiências, desafios, estratégias de professores reais com perspectivas de uma educação plural. Por fim, se pode afirmar que os dados coletados revelam que estão sendo empreendidas ações enérgicas para atingir a finalidade a que destina a atividade de ensino.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

DEMO, P. Metodologia científica para cursos superiores. 1. ed. São Paulo: Atlas. 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. Como delinear um estudo de caso? In: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. cap. 12.

- HARASIM, L. (et al.). Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-line. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- KENSKI, V. M.. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Editora Papirus. 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo, Cortez, 2006. Disponível em: file:///C:/Users/sheil/Dropbox/LIVROS/Didatica-Libaneo.pdf.
- LUCKESI, C.C. Avaliação da aprendizagem escolar. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MENDES, M. A.; FIALHO, F. A. P. Experimentação Tecnológica Prática a Distância. In: Congresso Internacional de Educação a Distância, 12., 2005. Florianópolis. Atas do XII Congresso Internacional de Educação a Distância. Florianópolis: ABED, 2005. Disponível em: Acesso em: 05 de setembro de 2020.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Metodologia para o professor pesquisador. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- PETERS, Otto. Didática do ensino a distância. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- PRETI, Oreste. Educação a distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso. NEAD/IE/UFMT. Cuiabá: UFMT, 1996.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Textos multimodais: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016
- SANT'ANNA, I. M.; SANT'ANNA, V. M. Recursos educacionais para o ensino: quando e por quê? São Paulo: Vozes, 2004.
- ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1

## OPORTUNIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA (ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO) EM TEMPOS DE PANDEMIA

Patrícia Jerônimo Sobrinho<sup>1</sup>

### RESUMO

O novo coronavírus (Covid-19) foi alvo de risos e negação em sua fase inicial. Falou-se de um vírus não letal ou uma gripezinha. Esse descaso também resultou em um não planejamento necessário para se pensar e projetar um modelo de ensino remoto, revelando erros e dificuldades que representam grandes desafios para a educação. Tendo em vista tal contexto, o presente trabalho se propõe a tecer reflexões sobre oportunidades e desafios da Educação Pública, no Ensino Fundamental e Médio, em tempos de pandemia e indícios do que possa vir a acontecer depois. Para tanto, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, tomando como base as ideias de Moran (2007) e Sacristán (1998). Concluiu-se que a pandemia acelerou a transformação digital da educação pública, porém, também trouxe alguns desafios, como as limitações de recursos técnicos e humanos, o que torna difícil a implementação do ensino remoto, deixando as desigualdades sociais e educacionais mais expostas do que nunca.

**Palavras-chave:** Oportunidades. Desafios. Educação Pública. Ensino Fundamental e Médio. Pandemia.

### ABSTRACT

The new coronavirus (Covid-19) was the target of laughter and denial in its initial phase. There was talk of a non-lethal virus or a cold. This neglect also resulted in a lack of planning necessary to think and design a model of remote education, revealing errors and difficulties that represent great challenges for education. Against this background, the present work proposes to weave reflections on opportunities and challenges of Public Education, in Elementary and High School, in times of pandemic and indications of what may happen later. For that, as a methodology we used the bibliographic research, based on the ideas of Moran (2007) and Sacristán (1998). It was concluded that the pandemic has accelerated the digital transformation of public education, but it has also brought some challenges, such as the limitations of technical and human resources, which makes the implementation of remote education difficult, leaving social and educational inequalities more exposed than never.

**Keywords:** Opportunities. Challenges. Public Education. Elementary and Middle School. Pandemic Times.

<sup>1</sup> Doutora em Humanidades, Culturas e Artes pela Unigranrio. Professora regente de turmas de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). Rio de Janeiro, RJ, professoremacao@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9678-2478>.

## INTRODUÇÃO

O mundo atual enfrenta uma pandemia causada por um novo coronavírus (Covid-19), o qual tem obrigado governos de diferentes países a tomarem medidas que restrinjam a concentração de pessoas. Essas ações, obviamente, envolveram a área da educação. Uma delas foi o cancelamento de aulas e atividades presenciais em escolas, faculdades e universidades brasileiras até que a situação de saúde e o estado de emergência sejam controlados, o que é incerto.

Por um lado, o fechamento de instituições trouxe alívio, por outro, vários desafios: Como tem sido o plano de atendimento aos alunos na rede pública? Como o docente tem agido diante da pandemia? E a evasão dos alunos? O que ocorrerá com a educação pública depois da pandemia? São questionamentos que levam a uma profunda reflexão sobre as mudanças que a pandemia tem acarretado nos modos de ensinar e aprender e na própria figura do professor.

Antes de partir para tais reflexões, é necessário destacar que não se deve confundir o desenho de aulas virtuais mediadas e mediatizadas com a produção e/ou distribuição de materiais em meios digitais. Usar uma ferramenta do ambiente virtual não significa que se está fazendo uma educação virtual. Isso pode deturpar a educação a distância, difundindo noções simplistas acerca da modalidade. Nesse sentido, ainda que, às vezes, estejam sendo utilizados como sinônimos, a educação a distância e o ensino remoto são modalidades distintas. As experiências de aprendizagem da primeira, quando bem planejadas, são significativamente diferentes da segunda.

A concepção de uma sala de aula virtual é um processo complexo que tem “características, linguagem e formato próprios, exigindo administração, desenho, lógica, acompanhamento, avaliação, recursos técnicos, tecnológicos, de infraestrutura e pedagógicos condizentes” (BRASIL, 2007, p. 7), o que requer tempo e desenvolvimento de recursos educacionais, estratégias de mediação e interação, cognitiva e social, reconhecimento das possibilidades de diferentes mídias, dentre outras ações.

Em um ensino remoto, as ferramentas, os recursos e as aplicações dependerão dos objetivos pedagógicos que o professor deseja alcançar, do estilo de ensino, das características e realidades dos alunos e de um contexto mais amplo (a proposta não se acomoda ao recurso, é o contrário). Trata-se de uma mudança temporária de ensino para um modo alternativo em função da emergência sanitária. Envolve soluções de ensino totalmente remotas que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente, e que retornarão a esse formato assim que a crise sanitária passar.

Portanto, o que tem sido feito durante a pandemia é ensino remoto, algo transitório, mas que pode ser visto como uma oportunidade para incorporar algumas tecnologias e aprendizagens que promovam mudanças na educação do futuro. Ou seja, este é um momento de experimento ou oportunidade para as escolas finalmente adotarem os aparatos tecnológicos. Pode-se fazer muitas coisas com o uso dessas tecnologias, porém é preciso planejamento.

Também deve-se deixar claro aqui que o que se está fazendo não é o *homeschooling* (ensino domiciliar). As famílias estão assessorando o processo dentro do possível (nem

todos os pais possuem condições intelectuais e psíquico-afetivas para lidar, por um lado, com os conteúdos e, por outro, com as tecnologias implementadas). São partícipes, mas não são os responsáveis. O professor continua sendo o responsável pela condução do processo ensino-aprendizagem, mas ele precisa da parceria com a família. O ideal seria que este acompanhamento ocorresse sempre, com ou sem pandemia.

Diante dessas considerações iniciais, o presente trabalho se propõe a tecer reflexões sobre oportunidades e desafios da Educação Pública, no Ensino Fundamental e Médio, em tempos de pandemia e indícios do que possa vir a acontecer depois. Para tanto, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica.

## UM CENÁRIO DE OPORTUNIDADES

A pandemia tem trazido muitas rupturas e oportunidades para a educação, de uma forma geral. Segundo Herrera (2020, on-line), a pandemia “forçou instituições educacionais em todo o mundo a utilizar repentinamente ferramentas tecnológicas disponíveis há muito tempo para criar conteúdo e experiências de aprendizado remoto para estudantes”. E o sistema escolar – fortemente enraizado na tradição, em uma âncora de ações exercidas da mesma maneira há anos e cuja necessidade de mudança ninguém duvidava – teve de dar uma resposta. Rapidamente, como nunca antes, substituíram a presença da sala de aula pelo virtual.

Com isso, a escola (pública e privada) evoluiu muitos anos. O Ensino Fundamental e Médio, em especial, talvez sempre tenha sido um mundo conservador em reconhecer a importância das tecnologias aplicadas à educação. Enquanto, no Brasil, havia (e há) uma oferta muito grande de educação digital no Ensino Superior, o mesmo não era comum no Ensino Fundamental e Médio. Com a Covid-19, as escolas tiveram de repensar tal prática velozmente e também todo o entorno delas (o uso de tecnologias, a formação/capacitação de professores, a relação escola-família etc.).

Percebeu-se que a tecnologia não é uma alternativa, mas uma necessidade diante dos novos contextos sociais. Hoje, “multiplica-se intensamente o número de possibilidades de pesquisa, de comunicação on-line, aprendizagem, compras, pagamentos e outros serviços” (MORAN, 2007, p. 9) em função das tecnologias existentes. A informação não é mais escassa, porém superabundante e muito acessível, logo, a escola tradicional não faz sentido. É preciso ensinar os estudantes a moverem-se nesse turbilhão de informação e dar utilidade a ela.

O aluno questiona por que tem de aprender algo que já se encontra fora da sala de aula. Então, o desafio do docente é propor novos ambientes, experiências e caminhos de aprendizagem com o uso das tecnologias. Entretanto, elas não devem cumprir uma função meramente instrumental, sendo inseridas de modo aleatório na prática docente. É preciso haver um planejamento e seleção do recurso a ser utilizado em cada aula, ter um conhecimento sobre a realidade tanto dos alunos quanto da escola, da comunidade e dos objetivos a serem alcançados, dentre outros fatores.

Evidentemente, os docentes já estavam sendo desafiados – pelos pais, pelos alunos, pelo Governo, pela sociedade da informação e do conhecimento – a adequarem suas práticas pedagógicas engessadas, padronizadas, repetitivas, monótonas, previsíveis e asfixiantes (MORAN, 2007) às transformações tecnológicas. A pandemia acelerou esse processo,

como uma forma de não interromper o processo educacional. Ela tem ensinado que não se pode continuar fazendo o que sempre foi feito: trabalhos mecânicos, rotineiros e repetitivos, que não ensinam os alunos a serem críticos, a terem autonomia e a viverem juntos.

A pandemia também tem ensinado que não é possível ignorar o valor social da educação. Em plena década de 90, Sacristán e Gómez já destacavam que

[...] mais do que transmitir informação, a função educativa da escola contemporânea deve se orientar para provocar a organização racional da informação fragmentária recebida e a reconstrução das pré-concepções acríticas, formadas pela pressão reprodutora do contexto social, por meio de mecanismos e meios de comunicação cada dia mais poderosos e de influência mais sutil. (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 26)

A citação é mais atual do que nunca. Portanto, é necessário que as escolas foquem no desenvolvimento do pensamento crítico, que será mais importante para o sucesso futuro, do que se concentrar em habilidades acadêmicas tradicionais, na memorização, na pontuação. Isso implica mudanças curriculares, voltadas para entender os problemas da sociedade, em vez de esgotar determinados conteúdos. Por exemplo, deve-se reforçar o papel da ciência, que sem ela não é possível viver ou superar qualquer adversidade, como pandemias, mudanças climáticas etc.

Existem outras maneiras de conceber e desenvolver um currículo cujos conteúdos sejam efetivamente significativos. Segundo Sacristán e Gómez (1998, p. 18), “o que o aluno/a aprende e assimila mais ou menos consciente, e que condiciona seu pensamento e sua conduta a médio e longo prazo, se encontra além e aquém dos conteúdos explícitos no currículo”. Dessa forma, a principal tarefa da escola não tem de ser “cobrir o conteúdo”, mas criar ambientes para o desenvolvimento harmonioso dos estudantes, trabalhando com e a partir de informações amplas, fragmentadas, dispersas e diversas. Uma boa educação é alcançada quando há um compromisso em aprender.

Assim, é fundamental que os alunos desenvolvam habilidades para a pesquisa, de compreensão leitora focados na análise crítica das informações disponíveis na internet e nas mídias tradicionais. A inserção de tecnologias na sala de aula deve ir além de pensá-las como um recurso didático, uma vez que são dispositivos que podem potencializar o conhecimento, enriquecer a vida escolar, fomentando nos alunos a necessidade de fazer perguntas e tecer reflexões que extrapolam o currículo escolar.

O que se tem aprendido com o ensino remoto é que ele pode ser um catalisador para a criação de novos métodos e mais eficazes de educar os estudantes. Talvez o maior deles seja a importância de desenvolver a autonomia dos alunos, a capacidade de “aprender a aprender”. Ensinar as crianças desde o início da escolaridade a organizar o seu tempo, a focar, a refletir, a planejar como enfrentar uma nova tarefa, a compreender as instruções e a se autoavaliar.

A pandemia tem sido uma oportunidade para repensar o sistema público de ensino, que exige reformas, e incorporar inovações, a fim de garantir uma educação de qualidade a todos. Porém, é verdade que, na prática, a solução não é perfeita, pois há ainda muitos desafios a serem enfrentados.

## OS DESAFIOS

Um dos desafios a serem superados está relacionado à (des)conexão dos alunos das escolas públicas. Em pesquisa divulgada em 2019, pelo IBOPE, com base nos dados do CETIC.BR, “30% dos brasileiros não acessam a internet” (VILELA, 2019, on-line). Há domicílios onde existem vários computadores e uma banda larga de alta qualidade. Porém, há residências em que se tem de dividir um computador com todos os integrantes da família, ou que tal equipamento é inexistente.

A mesma pesquisa apontou que “97% dos brasileiros usam celulares para acessar a internet [...] Os outros dispositivos utilizados são respectivamente notebooks, com 43% de possibilidade de acesso, computadores de mesa com 30% [...]” (VILELA, 2019, on-line). O uso de celular para se conectar à internet, de certa maneira, limita o acesso porque há sites que não se adaptam a qualquer tipo de resolução dos celulares, moldando o conteúdo acessado.

As grandes lacunas digitais existentes nos territórios brasileiros, a falta de acesso a dispositivos tecnológicos e de conexão à internet, são deficiências estruturais que limitam a continuidade do ensino, aprofundando a desigualdade social. Muitas crianças e adolescentes da rede pública, além da desconexão, não acessam os conteúdos disponibilizados digitalmente por motivos diversos: ausência de espaços seguros em suas casas, existência de superlotação nos lares, insegurança alimentar, más condições de higiene que dificultam a continuidade do aprendizado, dentre outras situações.

No que tange às lacunas no acesso à internet e à falta de recursos tecnológicos, a problemática maior ainda é com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por estarem muito tempo fora da escola e por grande parte ser analfabeto funcional – “que, mesmo sabendo ler e escrever, não tem as habilidades de leitura, de escrita e de cálculo necessárias para viabilizar seu desenvolvimento pessoal e profissional” (IPM, 2007, p. 3).

Esse momento de pandemia não criou uma dificuldade, na verdade, aprofundou uma desigualdade que já existia. Sabe-se há muito tempo que a (des)conexão digital tem sido uma nova dimensão da desigualdade. Para tantas famílias, a disponibilidade de dispositivos tecnológicos e internet não é uma opção. Ainda que haja a distribuição de materiais impressos – para aqueles estudantes da escola pública que não conseguem acessar o ambiente on-line – ou a transmissão de conteúdos por meio da televisão aberta, será que essas alternativas minimizarão as diferenças? O aluno necessita ir além, fazer pesquisa, tem de estar conectado, enfim, precisa fazer contato com o professor para dirimir dúvidas e ir além do que é apresentado a ele.

Será que estão desenvolvendo políticas públicas para olhar os alunos desconectados? Porque quando a pandemia acabar, tais desigualdades irão continuar. Caso não se leve em consideração tal nível de fragmentação (e propostas abrangentes não forem apresentadas para lidar com essa emergência), a situação aumentará ainda mais as disparidades existentes. É imperativo, dessa forma, pensar o papel da escola e a valorização dela no país, pós-pandemia.

No entanto, sabe-se que a pandemia impactou uma rede de ensino público deficitário, historicamente negligenciado. Problemas que o país sempre teve, de carência, de



necessidades, de violência em diferentes formas, estão sendo expostos. A escola é apenas um recorte disso, é uma amostra do que se está vivendo. De acordo com Santos:

[...] as novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. (SANTOS, 2013, p. 38)

O que se percebe é um enfraquecimento cada vez maior do Estado por “oligarquias empresarias e financeiras [...], corporações multimilionárias com poder excessivo interferindo na política. Em escala global elas são representadas pelo Google, pelo Facebook, pelas petroleiras e pelos bancos” (ASH, 2020, p. 39). Isto é, quem dita as regras são as grandes empresas e o mercado financeiro, não a população, o que acarreta um aumento das desigualdades e um empobrecimento dos processos de democracia.

Os neoliberais<sup>2</sup>, após a pandemia, possivelmente apresentarão “um plano de ‘recuperação econômica’ listando mais medidas de austeridade e retirada de direitos sociais” (OTONI, 2020, p. 175) e acentuando as diferenças. Não é interessante, para os neoliberais, que se tenha uma educação de qualidade para todos. O discurso deles é de que o Brasil é um país desigual e tal situação impossibilita um sistema de ensino público igualitário.

Assim, o neoliberalismo atual considera que as pessoas não são iguais socialmente, logo, não precisam ter a mesma educação, uma vez que os indivíduos terão posições diferentes na sociedade. “É desse modo que a periferia [...] acaba se tornando ainda mais periférica” (SANTOS, 2013, p. 38-39). E o sistema neoliberal se alimenta disso. Em tal sociedade desigual, o sujeito é instigado a competir, a buscar, a correr atrás, mas, ao mesmo tempo, é preciso que o “fosso” seja mantido.

O professor deve entender que faz parte desse sistema desigual e, a partir do uso de recursos, buscar olhar para a realidade do aluno e trabalhar por meio dela, numa perspectiva de que a educação pode transformar, de que ela pode estar “voltada para a formação social crítica e para uma sociedade democrática” (FREIRE, 2003, p. 94). Em outras palavras, por meio da escola, os estudantes da rede pública podem mudar a sua história, modificar o seu perfil social, cursar uma faculdade boa, ter direito a uma educação de qualidade.

Outro desafio a ser enfrentado diz respeito à evasão escolar na escola pública, que já era um grande problema antes da Covid-19. Muitos estudantes, principalmente no Ensino Médio, abandonam os estudos. “Em 2018, cerca de quatro em cada dez brasileiros de 19 anos não concluíram o Ensino Médio, conforme divulgado pelo movimento ‘Todos pela Educação’, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do IBGE” (CECÍLIO, 2019, on-line).

Esses meses de isolamento gerarão um abandono maior ainda. É bem provável

2 O neoliberalismo é “uma versão mais dominante do capitalismo e ao qual este se foi sujeitando mais e mais à lógica do setor financeiro” (SANTOS, 2020, p. 45).

que estudantes da rede pública, que não estejam mais ligados à escola ou cuja condição econômica piorou durante o contexto de pandemia, não voltem para o ambiente escolar. O retorno às aulas exigirá um grande esforço para redistribuir recursos (bolsas de apoio à escolarização) a tais alunos – em função das condições sociais precárias em que vivem, de sua vulnerabilidade socioeconômica – e uma grande inteligência pedagógica para incluí-los.

No ambiente educacional público existirão múltiplas realidades. Alguns estudantes que conseguiram continuar seu aprendizado sem grandes inconvenientes (embora com críticas ao considerar que o modelo remoto não substituiu completamente o presencial). Outros que tiveram dificuldade em não ter internet ou computadores. E outros que simplesmente não puderam dar sequência aos estudos devido a vários fatores.

O retorno exigirá atenção, paciência e um processo de planejamento intenso por parte da escola e dos professores, em parceria com as famílias. A escola pública será outra. Deverá ser trabalhada a saúde mental dos alunos, a competência socioemocional deles, porque, como salienta Camarão (2020, on-line), “diferentemente de um retorno das férias, eles estão saindo de um isolamento social, alguns tiveram perdas de entes queridos, amigos, ou conhecidos para a pandemia, além de outras situações difíceis vivenciadas em casa, como a violência doméstica e a fome”.

Portanto, será essencial verificar como os estudantes chegarão depois de enfrentar uma situação desse tipo, uma vez que dinâmicas ocorrem em casa que nem sempre são as mais saudáveis. Estabelecer um sistema de comunicação permanente com as famílias, e entre os professores e seus alunos se fará necessário para manter o bem-estar socioemocional e evitar casos de evasão escolar na rede pública. Será um momento para repensar a escola (o tempo e o espaço escolar) como um lugar de troca, de transformação, vivência nas suas múltiplas formas.

Por fim, o trabalho docente também se apresenta como um desafio a ser enfrentado. “Ser professor” já traz muitas implicações, muitas dificuldades, muitas barreiras. Souza (2011, p. 03) argumenta que “os baixos salários, a desvalorização social, a indisciplina dos alunos, o controle burocrático do Estado, a violência na escola, o desafio de ser considerado responsável pela não aprendizagem dos alunos e tantos outros fatores de ordem social, econômica e política [...]”, desmotivam a carreira docente. Porém, mesmo não sendo valorizados, os professores estão em constante processo de aprimoramento, de capacitação, de mudanças e, muitas vezes, até à mercê de Políticas Educacionais – que nem sempre atendem às necessidades da classe.

Ser professor em época de pandemia é bem mais complexo ainda. Embora se possa contar com um número de professores experientes no uso de tecnologias, nem todos estão familiarizados com elas. Assim, muitos docentes tiveram de começar, de forma muito apressada, a adquirir um nível mínimo de competências para lidar com os recursos tecnológicos. Ou seja, houve um esforço titânico dos professores para aprender rapidamente sobre esses aparatos tecnológicos e aplicá-los com finalidades educacionais.

Mesmo diante de obstáculos, os docentes buscaram entender a potencialidade dos recursos disponíveis. Ferramentas que antes eram vistas como secundárias, passaram a ser primordiais para compartilhar material, tirar dúvidas, corrigir tarefas etc. As estratégias

incluem saber escolher e disponibilizar aos alunos materiais e ferramentas para facilitar o aprendizado. Em muitos casos tem ocorrido uma formalização de estratégias informais que os professores já possuíam, como grupos no WhatsApp e no Facebook e vídeos do YouTube que passaram a ser utilizados para ensinar e se conectar com os alunos.

Enfim, os docentes precisaram aprender a lidar com uma nova realidade, com o uso das tecnologias digitais – embora muitos ainda não as dominem e não possuem mecanismos necessários para a sua utilização. Porém, estão se reinventando, “experimentando novas possibilidades de ensinar – e isso é um grande avanço para um dos setores mais resistentes a mudanças e a adoção de novas tecnologias” (HERRERA, 2020, on-line). Eles têm superado todas as dificuldades em prol da profissão, em prol do objetivo máximo: a aprendizagem dos alunos.

Entretanto, a burocratização do trabalho docente durante o período de ensino remoto tem tornado as tarefas cansativas e afetado o pedagógico. As atividades dos professores já se estendem para casa, com planejamentos, correção de atividades, pesquisas etc. Contudo, nesse momento, está maior ainda, com excesso de videoconferências, relatórios etc. O tempo e o espaço escolar foram ampliados por meio do aumento de carga horária cada vez maior de tarefas, invadindo todos os cantos da vida familiar do docente, que segue desempenhando o seu papel em qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana.

Os professores não são youtubers e nunca serão. São, como sempre, os responsáveis pelo processo ensino-aprendizagem. Eles não foram formados para trabalhar no on-line, mas para atuar em sala de aula presencialmente. São “os chamados ‘migrantes digitais’, nasceram em uma era com pouca tecnologia e estão se adaptando a elas” (DUTRA, 2011, on-line). Mas, com a Covid-19 tiveram de se adaptar e (re)adaptar de modo rápido. Tudo isso tem gerado um esgotamento por causa da abundância de trabalho e da sensação de improdutividade.

Neste momento, os professores estão mais expostos do que nunca. A aula passou a ser assistida também por pais, irmãos, tios etc. Muitos docentes, além de cumprir a função de professor, têm de cuidar dos filhos, cozinhar, lavar, faxinar, enfim, cuidar dos afazeres de casa, o que gera mais cansaço físico, mental e emocional. Esse cansaço se agrava em função da necessidade de se reinventar em tempo recorde, de adaptar todo o planejamento que não foi feito para o meio digital, seja para crianças ou para adultos que não saibam manusear a tecnologia.

É por meio da exploração e da curiosidade em descobrir as possibilidades das ferramentas digitais e aprender com seus erros que os professores têm conseguido ir adiante, mesmo com toda a ansiedade, a incerteza e o medo que uma educação durante uma pandemia ocasiona.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Algumas lições têm sido aprendidas com o impacto da Covid-19 na educação. Ninguém estava preparado para transformar de forma tão rápida um sistema educacional, que é presencial por definição. Apesar de durante anos ter se insistido no impacto da tecnologia na educação e se ter definido marcos teóricos sobre as competências digitais dos alunos, dos professores e das próprias instituições escolares, o confinamento tem revelado que não

houve tantos avanços como se imaginava.

Ficou claro que, além das tecnologias, a possibilidade de continuar aprendendo de modo remoto é mediada pelas condições materiais dos alunos, das famílias e dos professores – a utilização de conteúdos digitais e plataformas virtuais de ensino depende de acesso a dispositivos tecnológicos e conectividade de qualidade –, bem como pela capacidade de reação das instituições escolares. O ensino remoto deixou as desigualdades sociais e educacionais mais expostas do que nunca, porque ele não atinge a todos.

Os desafios são muitos. Se a virtualidade se apresenta como um componente da organização escolar pública futura, a ação imediata dos governos deve ser direcionada para o fornecimento de equipamentos digitais e acesso à internet, priorizando os setores mais vulneráveis. Também deve haver um acompanhamento de professores e gestores nas estratégias de aprimoramento dos processos educacionais por meio da tecnologia.

Após a pandemia, nem os educadores nem os alunos pensarão novamente no conceito de “escola pública” com as mesmas imagens ou expectativas. A sala de aula tem sido resignificada. Não podemos voltar atrás. A transformação é irreversível. Ainda temos que avançar um pouco mais para entender quais processos permanecerão, mas já é notável que não existe escola sem professores. Jamais eles poderão ser substituídos pela tecnologia.

## REFERÊNCIAS

ASH, Timothy Gardon. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (orgs). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020.

BRASIL. Ministério da educação – SEED. **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância**. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>> Acesso em: 18 set. 2020.

CAMARÃO, Felipe. **Educação no Maranhão pós-pandemia**. Conselho Nacional de Secretários de Educação - Consed (on-line). 2020. Disponível em: <<http://www.consed.org.br/central-de-conteudos/educacao-no-maranhao-pos-pandemia>> Acesso em: 18 set. 2020.

CECÍLIO, Camila. **Abandono e evasão escolar: aluno deixa a escola ou a escola se distancia da realidade do aluno?** Nova Escola (on-line). Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2217/abandono-e-evasao-escolar-estudante-deixa-a-escola-ou-a-escola-se-distancia-da-realidade-do-aluno>> Acesso em 23 set. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HERRERA, Leandro. **A pandemia do coronavírus pode mudar para sempre a educação**. Revista Negócios (on-line). abr. 2020. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/colunas/noticia/2020/04/pandemia-do-coronavirus-pode-mudar-para-sempre-educacao.html>> Acesso em: 05 set. 2020.

IPM. Instituto Paulo Montenegro. **Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional** (on-line). 2007. Disponível em: <<https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/10/inafresultados2007.pdf>> Acesso em: 18 set. 2020.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 4.ed. Campinas: Papyrus, 2007.

OTONI, **Pedro. Presente e futuro** – sete apontamentos. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (orgs). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Vírus: tudo o que é sólido desmancha no ar**. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (orgs). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SOUZA, S. O. O professor de sala de aula: as mazelas de uma profissão. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais da Eduvale**, v. 4, nº 6, p. 1-9, 2011. Disponível em: <<https://silotips/download/o-professor-de-sala-de-aula-as-mazelas-de-uma-profissao>> Acesso em: 05 set. 2020.

VILELA, Renata. **30% dos brasileiros não têm acesso à internet**. Reconta aí. nov. 2019. Disponível em: <https://recontaai.com.br/2019/11/19/internet-30-dos-brasileiros-nao-tem-acesso/> Acesso em: 20 ago. 2020.



**ENTREVISTA**

A portrait of a woman with light brown hair, smiling, wearing a dark blue blazer over a white collared shirt. The background is a light purple wall with a large, dark purple circular graphic element behind her. The text is overlaid on the bottom portion of the image.

*Entrevista*

# VALENTINA CANESE

EDUCAÇÃO HÍBRIDA COMO MOTOR CONTRA A PANDEMIA

## EDUCAÇÃO HÍBRIDA COMO MOTOR CONTRA A PANDEMIA

### ENTREVISTA COM VALENTINA CANESE

*Universidad Nacional de Asunción (UNA)*

#### POR

Ernando Brito

Scheyla Horst

Marcio Fernandes

Líder em projetos de E-Learning no Paraguai, Valentina Canese Caballero conversou com exclusividade com a Aproximação sobre vários aspectos que envolvem a Educação Híbrida e a pandemia de Covid-19. Doutora em Currículo e Instrução pela Arizona State University (ASU, EUA), Valentina é licenciada em Língua Inglesa pela Universidad Nacional de Asunción (UNA, Paraguai), onde também trabalha, além de mestre em Educação pela San Diego State University (SDSU, EUA). Na UNA, é docente no Departamento de Educação a Distância (EaD) da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais (Facen) e diretora do Instituto Superior de Línguas da Faculdade de Filosofia da mesma instituição. Um de seus maiores reconhecimentos é ser ainda cientista credenciada pelo Programa Nacional de Incentivo aos Investigadores (Pronii) em seu país. Finalmente, é editora das revistas científicas Ñemityra (Revista Multilingüe de Lengua, Sociedad y Educación) e da Revista Paraguaya de Educación a Distancia (Reped).

A seguir, confira a conversa, publicada com mais uma inovação (perguntas em português, respostas em espanhol), como um estímulo à integração latino-americana:

**Aproximação: A Educação Híbrida tem se mostrado bastante eficiente ao longo dos últimos anos. No Paraguai, a pandemia de Covid-19 contribuiu para fortalecer essa modalidade? Se sim, quais os resultados mais promissores?**

**Valentina:** Si bien la educación híbrida es un modelo que ya existe hace muchos años y muchos docentes sobre todo en la educación superior lo vienen utilizando a través de diferentes estrategias como el aula invertida, la situación de pandemia obligó a todos los docentes de todos los niveles a migrar a la educación a distancia en distintas modalidades dependiendo del contexto de las instituciones de los estudiantes y docentes ya que en zonas rurales la falta de conectividad y acceso a la tecnología impidió que muchos estudiantes puedan acceder a modalidades sincrónicas a través de videoconferencias. Incluso las modalidades asincrónicas se han visto bastante impactadas en esos contextos ya que el internet no llega de manera correcta y no todos los estudiantes tienen los dispositivos que les permiten realizar sus estudios de manera adecuada. En las zonas más urbanas la situación ha sido diferente ya que en muchos casos se llevó a cabo una modalidad a distancia de emergencia basada en combinaciones de actividades sincrónicas y asincrónicas en mayor o menor medida. Qué tanto se verá fortalecida la modalidad híbrida quedará por verse una vez que volvamos a la “nueva normalidad”. Muchos docentes se han capacitado y hoy



en día utilizan herramientas que no conocían o que no utilizaban por diferentes motivos. Mi estimación es que a partir de ahora todas las modalidades serán híbridas de alguna manera, sobre todo la presencialidad absoluta ya no existirá puesto que una vez que todos los docentes y estudiantes están conectados a plataformas es más fácil continuar utilizando herramientas ya conocidas.

### **Especialmente na Faculdade de Ciências Exatas e Naturais (Facen) da Universidade Nacional de Assunção (UNA), as modificações desde a pandemia também foram substanciais? Como tem sido a reação dos alunos?**

En la Facen solamente cuatro carreras se ofrecían en modalidad semi-presencial: Educación Matemática, Educación en Ciencias, Matemática Estadística y Tecnología de la Producción. Las demás carreras de grado y programas de postgrado eran todos presenciales. En la primera etapa de la pandemia se migraron las clases de esas carreras y algunas asignaturas enseñadas por docentes familiarizados a la modalidad a distancia. Las demás carreras fueron virtualizadas durante el primer semestre con mucho esfuerzo de todos los docentes de la facultad quienes recibieron capacitación y acompañamiento en entornos virtuales de aprendizaje. A partir del segundo semestre se migraron todas las asignaturas a la modalidad a distancia. La respuesta de los estudiantes fue diversa y con opiniones divididas. Por un lado, algunos estudiantes estaban de acuerdo en continuar en esta modalidad para no perder el año. Sin embargo, por otro lado, muchas asignaturas prácticas no pueden llevarse a cabo completamente en entornos virtuales y esto representó un problema y una fuente de desacuerdo con la modalidad. Así también, estudiantes manifestaron que algunos docentes no se encontraban preparados para la modalidad y que en algunos casos no prepararon sus materiales de manera adecuada lo cual repercutió de manera negativa en las actividades de evaluación. Así también, muchos de los estudiantes tampoco se encontraban capacitados para realizar las actividades a distancia de manera adecuada lo cual representó un desafío para ellos. Las actitudes con respecto a la modalidad adoptada fueron muy diversas y en algunos casos estudiantes decidieron esperar que pase la pandemia para retomar sus estudios.

### **E é possível mensurar como os cursos de Licenciatura (Professorado) têm reagido ao *modus operandi* da Educação Híbrida, sobretudo carreiras de Ciências Sociais e Humanidades?**

En este momento es aún muy pronto para medir los resultados de la migración digital debido a la pandemia. Sin embargo, en las Ciencias Sociales y las Humanidades se pudo evidenciar el surgimiento de actividades colaborativas entre docentes y estudiantes de universidades en países distantes, que es algo que desde mi punto de vista será uno de los mayores aportes de este momento histórico. La normalización de las comunicaciones a distancia facilitadas por la tecnología y las posibilidades y oportunidades de colaboración a distancia que se han abierto a partir de esta normalización. Hubo una explosión de capacitaciones, webinars, encuentros y congresos virtuales así como colaboraciones más individuales entre colegas en lados opuestos del mundo. Eso sí es un aporte

valioso.

**Dos eventuais ganhos que a Educação Híbrida possa ter tido no Paraguai por conta da pandemia, há algum mecanismo, alguma fonte de recurso ou mesmo uma política pública como um todo que, no seu entender, precise permanecer quando a vida voltar ao normal?**

La posibilidad de realizar capacitaciones con docentes a distancia por medios virtuales. Si bien las actividades presenciales son muy valiosas, la posibilidad de llegar fácilmente a muchos lugares y personas al mismo tiempo es algo que va a quedar como un legado de este tiempo y que habrá que aprovecharlo para mejorar las condiciones de los docentes y estudiantes de todo el país.

**Agora uma questão do seu ponto de vista: desde março passado e até agora, já quase no final do ano, quais foram as principais modificações na sua visão sobre a Educação Híbrida e que tenham sido provocadas, de algum modo, pelo advento da pandemia?**

Una de las principales modificaciones experimentadas es la adopción generalizada de la modalidad sincrónica por medio de videoconferencias para las clases por sí solas o más comúnmente en combinación con actividades asincrónicas más utilizadas anteriormente en la educación híbrida. Si bien estas herramientas ya existían, su uso no era generalizado y no eran accesibles como lo son ahora.

**Em nível internacional, como tem sido as impressões de colegas seus quanto aos efeitos da pandemia na Educação On-Line que, subitamente, boa parte do mundo acadêmico teve de passar a adotar no começo de 2020?**

Creo que en todo el mundo se experimentó un shock en un principio y una adaptación forzada a la virtualidad que no dio mucho tiempo a pensar sino más bien a tomar las acciones que se consideraron las más adecuadas en su momento. Sobre todo en las instituciones privadas no se paró ni para pensar prácticamente debido a que la supervivencia de las instituciones dependía de continuar atendiendo a los estudiantes por los medios disponibles. De otro modo se debería dejar de funcionar. Las instituciones públicas se tomaron un poco más de tiempo, pero tampoco pudieron tomarse demasiado tiempo ya que la incertidumbre experimentada a los inicios de la pandemia fue algo que muchos estudiantes sobre todo reclamaron pues muchos de ellos sobre todo en los últimos semestres no querían ver su futuro afectado negativamente por no tener manera de culminar sus estudios. Así, todos tuvimos que adaptarnos muy repentinamente a una realidad diferente y continuar por los medios más adecuados según el contexto.

**No Paraguai, a Educação On-Line tem conseguido chegar às zonas mais interiores, especialmente aquelas menos favorecidas economicamente? Se a res-**

## **posta é não, quais os principais desafios que a senhora percebe em termos de políticas públicas para Educação Híbrida?**

Esta es una de las cuestiones más complicadas de esta situación. En las zonas más rurales y con menos recursos económicos la educación online no pudo llegar del mismo modo que en otras zonas más favorecidas y con buena conectividad. Sin embargo, los docentes de estas zonas hicieron un esfuerzo muy grande para llegar a sus alumnos a través de Whatsapp o incluso visitandolos a sus casas. Los principales desafíos para la política pública en nuestro país es asegurar el acceso de todos los estudiantes a los recursos necesarios para continuar sus estudios, esto incluye dispositivos adecuados y conectividad a precios accesibles o si fuere posible libre.

## **No âmbito latino-americano, como o Paraguai tem se posicionado em termos de Educação Híbrida: como um país de referência ou como uma nação que ainda está em processo de franca aprendizagem nessa modalidade de ensino?**

Para ser sinceros, nuestro país necesita aún un buen camino por recorrer para convertirse en un país de referencia internacional en el área de educación híbrida. Considero que los avances logrados durante este tiempo nos darán la oportunidad de construir sobre lo que se ha podido lograr para en algún momento poder estar entre los países referentes en este campo.

## **Como está a cooperação internacional da UNA em favor da Educação On Line, tanto na graduação como na pós-graduação?**

A partir de la situación desatada por esta pandemia se han abierto puertas a cooperaciones internacionales en todos los niveles. Ahora nos queda empezar a aprovecharlas de manera que nuestros docentes y estudiantes puedan beneficiarse de estas oportunidades. Por ejemplo, por primera vez, BECAL, la agencia financiadora del estado está ofreciendo becas para programas de postgrado a distancia. Así se van forjando nuevos lazos y convenios con colegas e instituciones de otros países.

## **Dois desafios para o futuro próximo: concretizarmos práticas de Iniciação Científica e práticas extensionistas (de atenção à comunidade) que, de algum modo, tenham a Educação Híbrida como base. O que lhe parece isso?**

Me parece, como ya dije más arriba que justamente ahora podemos aprovechar estos espacios que se abrieron para llegar mejor y más lejos a través de la educación híbrida. Justamente he participado recientemente en una misión de cooperación virtual organizada por el gobierno Canadiense donde se encontraban representantes de universidades de todo el mundo. Estos espacios de cooperación para la investigación y también para la extensión universitaria son muy valiosos. Otro ejemplo es un curso abierto de inglés a través de platafor-

mas interactivas con inteligencia artificial que realizamos estos últimos meses a través de un convenio con los representantes de la plataforma. Finalmente, recientemente desde la Facultad de Filosofía se organizaron varios congresos virtuales con presencia de investigadores de todo el mundo que de otro modo no hubieran podido asistir. Así, se pueden ir encontrando espacios en donde estos nuevos contextos de acción nos permitan colaborar más y mejor.

